

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**NÍVEL MESTRADO**

**TATIANE DE LIMA**

**Os “USOS POLÍTICOS DO PASSADO” nas comemorações oficiais do  
Biênio da Colonização e Imigração do Rio Grande do Sul (1974–1975)**

**SÃO LEOPOLDO**

**2017**

TATIANE DE LIMA

**Os “USOS POLÍTICOS DO PASSADO” nas comemorações oficiais do  
Biênio da Colonização e Imigração do Rio Grande do Sul (1974–1975)**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre em História  
pelo Programa de Pós-Graduação em História  
da Universidade do Vale do Rio dos Sinos –  
UNISINOS.

Orientadora: Prof. Dra. Eloisa Helena  
Capovilla da Luz Ramos

SÃO LEOPOLDO

2017

L732u Lima, Tatiane de .  
Os “usos políticos do passado” nas comemorações  
oficiais do biênio da colonização e imigração do Rio Grande  
do Sul (1974–1975) / Tatiane de Lima. – 2017.  
158 f. : il. (algumas color.), mapa ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio  
dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2017.  
“Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eloisa Helena Capovilla da Luz  
Ramos”.

1. Imigrantes – Rio Grande do Sul – História. 2. Rio  
Grande do Sul – Comemorações de centenários, etc. 3. Rio  
Grande do Sul – Colonização – História. I. Título.

CDU 394.46:314.742(816.5)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Bibliotecária: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252)

TATIANE DE LIMA

Os “USOS POLÍTICOS DO PASSADO” nas comemorações oficiais do  
Biênio da Colonização e Imigração do Rio Grande do Sul (1974–1975)

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre em História  
pelo Programa de Pós-Graduação em História  
da Universidade do Vale do Rio dos Sinos –  
UNISINOS.

Orientadora: Prof. Dra. Eloisa Helena  
Capovilla da Luz Ramos

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dra. Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos (orientadora) – Universidade do Vale do  
Rio dos Sinos – UNISINOS

---

Profa. Dra. Marluza Marques Harres - Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

---

Profa. Dra. Vânia Beatriz Merlotti Herédia - Universidade de Caxias do Sul – UCS

---

Prof. Dr. Marcos Antônio Witt - Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha mãe, Rejane Lima, razão da minha vida. Obrigada pelo apoio incondicional, pelas palavras de incentivo ao longo desta caminhada, pela preocupação com as noites mal dormidas e com os choros desesperados. Obrigada por me mostrar que a educação e os estudos são o caminho para um futuro melhor. Da mesma forma agradeço ao meu pai, Valmir Lima (*in memoriam*), que com certeza acompanha todos os meus passos, e que em vida me mostrou que sonhar dá sentido à nossa existência e a torna mais doce.

Agradeço à Professora Eloisa Capovilla, por ter me “picado” com o bichinho da pesquisa científica lá em 2009. Desde então temos compartilhado uma parceria que tem rendido bons frutos, sendo o principal deles, esta dissertação. Eu não estaria aqui hoje sem o seu incentivo. Obrigada pelos infinitos momentos dedicados a boas conversas, risadas, cafés, mas principalmente ensinamentos. A paixão que transmite quando o assunto é patrimônio histórico, sejam museus, monumentos ou festas, é contagiante. Obrigada por dividir comigo estes conhecimentos.

Agradeço também aos meus amigos mais próximos e de longa data, que compreenderam os momentos de ausência e que vibram comigo a cada conquista. Maíne Barbosa Lopes e Sheila Peil Martins, vocês me abrem os braços, os corações e as portas das suas casas sempre que eu preciso. Obrigada por cada um dos nossos encontros, pelos debates, pela divisão de angústias, pelas leituras e opiniões tão importantes. De modo especial à Maíne, que me apresentou a Professora Eloisa e a quem eu agradeço sempre que possível por este fato. Ananda Stumm, que ocupou lindamente minha vaga de Bolsista de Iniciação Científica ao lado da Professora Eloisa, o que nos possibilitou uma bela amizade. Obrigada por aguentar minhas mensagens de desabafo, por me incentivar e por contatar a Elô sempre que precisei. Jéssica Scherer e Gabriella Schorn, amigas que escolheram ainda na adolescência trilhar um caminho parecido com o meu, o magistério. Foi através dele que nos conhecemos, mas os laços que nos unem hoje são muito mais fortes, mesmo que tenhamos tomado rumos diferentes em nossas carreiras profissionais. Obrigada por compartilharem tantos momentos de alegria comigo. Por fim, mas não menos importante, Daniel Breier, obrigada por ter surgido na minha vida neste momento tão turbulento e ter me mostrado uma nova forma de viver, de maneira mais leve e mais intensa. “A felicidade só é real quando compartilhada”.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos e a todo o corpo docente, pela atenção dispensada e pelas disciplinas cursadas, que foram fundamentais para a elaboração deste trabalho.

Às Professoras Doutoradas Marluza Marques Harres e Vânia Beatriz Merlotti Herédia, agradeço por terem aceitado participar da Banca de Qualificação, pela leitura criteriosa e por terem apontado caminhos a seguir. Da mesma forma, agradeço ao Professor Doutor Marcos Antônio Witt, por ter aceitado compor a Banca de Defesa juntamente às duas Professoras.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e ao Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares (CAPES/PROSUP) pela concessão de Bolsa na modalidade taxas, sem a qual ter cursado a pós-graduação não seria possível.

Afinal de contas, que é um gaúcho?

Um sujeito branquíssimo e louro chamado Schultz?

Aquele senhor corpulento e corado, que atende ao nome de Carotenuto?

Ou será aquele outro de apelido luso e cara indiática como o autor deste artigo?

Porque o Rio Grande do Sul é talvez o mais sortido cadinho racial do Brasil.

Neste verde “caldeirão” onde em remotas eras vagueavam várias tribos de índios,

os primeiros povoadores puseram a ferver a rústica e honrada açorda açoriana,

à qual se acrescentaram elementos vindos de outros pontos do Brasil.

A sopa foi temperada com ervas indígenas e africanas;

mais tarde lançaram-se nela um pouco de repolho germânico

e condimentos como a manjerona italiana

e outras especiarias vindas não só da Europa como até mesmo do Oriente próximo e remoto.

Qual vai ser o aspecto e o “gosto” dessa mirabolante mistura?

Isso será coisa apenas para os olhos e o paladar do futuro.

(Érico Veríssimo - Um Romancista Apresenta Sua Terra)

## RESUMO

A presente dissertação tem como objeto de investigação as comemorações oficiais do Biênio da Colonização e Imigração, ocorridas no Rio Grande do Sul em 1974 e 1975. Promovidas pelo governo estadual, foram impulsionadas pela aproximação das datas comemorativas do Sesquicentenário da Imigração Alemã e do Centenário da Imigração Italiana. O objetivo inicial destas comemorações era homenagear os grupos imigrantes que contribuíram para a formação étnica do estado. Mas, ao longo do processo comemorativo, as homenagens foram estendidas aos grupos negros e indígenas, convertendo o discurso comemorativo. Sendo assim, o principal objetivo desta pesquisa é explicitar como o governo do Rio Grande do Sul fez uso do passado imigrante do estado ao longo das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração. Para tanto, a análise do processo comemorativo foi construída em três momentos: 1) A organização das comemorações. Analisamos o Decreto de instituição dos festejos, responsável por deliberar as ações a serem tomadas ao longo do processo comemorativo, e também a cerimônia solene de instalação das comemorações mediante a presença de autoridades no Palácio do Governo do Estado. Investigamos também a formação das Comissões de Homenagem, compostas por sujeitos autorizados pelo governo, e que ficaram responsáveis pela criação dos Programas Comemorativos de seus respectivos grupos de origem. E, sentimos a necessidade de mapear as cidades participantes dos festejos e quantificar/qualificar os atos celebrativos promovidos, mediante o desmembramento da Programação Oficial. 2) As comemorações ao Pioneirismo Luso-Brasileiro, ao Sesquicentenário Alemão e ao Centenário Italiano. Através da análise da réplica da chegada dos imigrantes alemães e italianos tendo como espectador o Presidente Ernesto Geisel, da promoção de eventos e da criação de instituições de fomento aos estudos do passado imigrante do estado e da construção de monumentos, confirmamos a ênfase dada às comemorações destes três grupos. 3) Por fim, os atos celebrativos promovidos em homenagem aos demais grupos de imigrantes, negros e índios. Analisamos o processo de ampliação de grupos a serem homenageados, e a consequente mudança no discurso oficial destas comemorações.

Palavras-chave: Comemorações. Biênio da Colonização e Imigração. Usos político passado.

## ABSTRACT

This dissertation has as its main subject of investigation the official commemorations of the Biennium of the Colonization and Immigration that took place in Rio Grande do Sul in 1974 and 1975. Promoted by the State government, these commemorations were motivated by the upcoming 150<sup>th</sup> anniversary of the German Immigration and the 100<sup>th</sup> anniversary of the Italian Immigration. The initial goal of these celebrations was to honor the different immigrant groups who contributed to the ethnic composition of the State. However, during the commemorative process, the tributes were extended to include homage to native and Afro-descendent Brazilians, thus, changing the initial official discourse. Therefore, the main goal of this research is to make explicit how the government of Rio Grande do Sul used the immigrant past of the State during the commemorations of the Biennium of the Colonization and Immigration. To this end, the analysis of the commemorative process is constructed in three periods: 1) The organization of the celebrations. We analyzed the decree instituting the festivities, which determined actions to be taken during the commemorative process and the official ceremony opening the celebrations in the presence of the State government authorities. We also investigated the formation of the Tribute Commissions, composed by individuals authorized by the government, who were also responsible for the creation of the Commemorative Programs of their respective ethnic groups. Also, we mapped the municipalities participating in the festivities, and quantified and qualified the celebratory acts promoted in face of the dismembering of the Official Program. 2) The commemorations honoring the Luso-Brazilian pioneering, the 150<sup>th</sup> anniversary of German immigration, and the 100<sup>th</sup> anniversary of Italian immigration. By analyzing the reenactment of the arrival of German and Italian immigrants having as spectator President Ernesto Geisel, the promotion of events and creation of institutions incentivizing the studies of the immigrant history in the State, and the building of monuments, we confirmed the emphasis given to the celebration of these three groups. 3) The celebratory acts promoted in honor of native and Afro-descendent Brazilians. We analyzed the process extending the tributes to these ethnic groups, and its resulting change in the official discourse of these commemorations.

Keywords: Celebrations. Biennium of the Colonization and Immigration. Political uses of the past.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AHRS - Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

AI-5 – Ato Institucional Número 5.

ARENA – Aliança Renovadora Nacional.

BIMtz – Batalhão de Infantaria Motorizado.

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

CRAL - Centro de Pesquisa para a América Latina.

CTG – Centro de Tradições Gaúchas.

ECIRS - Elementos Culturais da Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul.

FAPERGS - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul.

FENAVINHO – Festa Nacional do Vinho.

GAC – Grupo de Artilharia de Campanha.

GT – Grupo de Trabalho.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IEL - Instituto Estadual do Livro.

ISBIEP - Instituto Superior Brasileiro-Italiano de Estudos e Pesquisas.

OSPA – Orquestra Sinfônica de Porto Alegre.

PUC/RS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SOGIPA - Sociedade Ginástica de Porto Alegre.

UCS – Universidade de Caxias do Sul.

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Ilustração 1</b> - Mesa de autoridades na Cerimônia Oficial de Instalação do Biênio da Colonização e Imigração.....	41
<b>Ilustração 2</b> - Símbolo do Biênio da Colonização e Imigração.....	53
<b>Ilustração 3</b> - Medalha do Biênio da Colonização e Imigração.....	55
<b>Ilustração 4</b> - Espectadores presentes no Largo do Sesquicentenário para a encenação da Réplica Histórica de Chegada dos imigrantes alemães.....	73
<b>Ilustração 5</b> - Mapa do local em que ocorreu a encenação da Réplica Histórica de Chegada dos imigrantes alemães.....	74
<b>Ilustração 6</b> - Germano Oscar Moehlecke, Vice-Presidente da Comissão Executiva para o Sesquicentenário da Imigração Alemã, Presidente da República Ernesto Geisel e Governador do Rio Grande do Sul, Euclides Triches.....	75
<b>Ilustração 7</b> - Encenação da Réplica Histórica de Chegada dos imigrantes alemães.....	76
<b>Ilustração 8</b> - Presidente Ernesto Geisel e demais autoridades presentes no evento de Réplica da chegada dos imigrantes italianos, em Nova Milano.....	79
<b>Ilustração 9</b> - Projeto do Parque do Centenário da Imigração Italiana.....	80
<b>Ilustração 10</b> - Réplica Histórica de Chegada dos imigrantes italianos.....	81
<b>Ilustração 11</b> - Monumento aos Açorianos.....	98
<b>Ilustração 12</b> - Monumento ao Sesquicentenário da Imigração Alemã.....	101
<b>Ilustração 13</b> - Monumento ao Centenário da Imigração Italiana.....	105

## LISTA DE MAPAS

<b>Mapa 1</b> – Mapa do Rio Grande do Sul com a localização das cidades participantes das comemorações e os respectivos grupos homenageados.....	58
--	----

## LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

<b>Gráfico 1</b> - Gráfico correspondente à variedade na programação comemorativa oficial dos diferentes grupos homenageados.....	60
<b>Tabela 1</b> - Programa Oficial promovido pela Comissão Executiva para celebrar o pioneirismo da colonização Luso-Brasileira, de maio a setembro de 1975.....	153
<b>Tabela 2</b> - Programa Oficial promovido pela Comissão Executiva do Sesquicentenário da Imigração Alemã, de maio a dezembro de 1974, em São Leopoldo.....	154
<b>Tabela 3</b> - Calendário Oficial dos Festejos do Centenário da Imigração Italiana. Janeiro a Setembro de 1975.....	157

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS .....	4
RESUMO .....	7
ABSTRACT .....	8
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS .....	9
LISTA DE ILUSTRAÇÕES .....	10
LISTA DE MAPAS .....	11
LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS .....	12
SUMÁRIO.....	13
1 INTRODUÇÃO.....	15
2 A FESTA PENSADA: atividades oficiais que antecederam as comemorações .....	33
2.1 INSTALAÇÃO OFICIAL DAS COMEMORAÇÕES: Decreto e Cerimônia.....	34
2.2 COMISSÕES, SUBCOMISSÕES DE HOMENAGEM E GRUPOS DE TRABALHO ..	43
2.3 SÍMBOLO OFICIAL E PROGRAMAS COMEMORATIVOS.....	52
3 PIONEIRISMO LUSO-BRASILEIRO, SESQUICENTENÁRIO ALEMÃO E CENTENÁRIO ITALIANO: o mote para as Comemorações do Biênio da Colonização e Imigração .....	64
3.1 A RÉPLICA DA CHEGADA DOS IMIGRANTES E SEU ILUSTRE ESPECTADOR: o Presidente da República vem à festa .....	70
3.1.1 Réplica da chegada dos imigrantes alemães em São Leopoldo .....	71
3.1.2 Réplica da chegada dos imigrantes italianos em Nova Milano.....	78
3.2 OS ESTUDOS DA IMIGRAÇÃO ENTRAM EM CENA: a institucionalização da história da imigração no Rio Grande do Sul .....	83
3.2.1 I Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã .....	85
3.2.2 Instituto Superior Brasileiro-Italiano de Estudos e Pesquisas (ISBIEP).....	87
3.2.3 Álbuns Comemorativos ao Sesquicentenário Alemão e ao Centenário Italiano.....	88
3.2.4 Certames de Letras, Musical e de Jornalismo .....	91
3.3 GIGANTES DE AÇO E FERRO: os Monumentos Comemorativos.....	96

3.3.1 Monumento aos Açorianos em Porto Alegre .....	96
3.3.2 Monumento ao Sesquicentenário da Imigração Alemã em São Leopoldo .....	100
3.3.3 Monumento ao Centenário da Imigração Italiana em Nova Milano .....	104
4 OS DEMAIS GRUPOS IMIGRANTES, ÍNDIOS E NEGROS: a necessidade de comemorar os "outros" .....	111
4.1 QUEM SÃO OS “OUTROS”? Os demais grupos imigrantes, índios e negros respondem ao chamado e organizam suas comemorações .....	114
4.2 A DEFINIÇÃO DO DISCURSO OFICIAL DAS COMEMORAÇÕES DO BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO: integração étnica como a base da identidade gaúcha...	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	128
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	133
SITES CONSULTADOS .....	140
FONTES .....	141
ANEXOS .....	145
ANEXO A .....	145
ANEXO B .....	149
ANEXO C .....	153
ANEXO D .....	154
ANEXO E.....	157

## 1 INTRODUÇÃO

22 de abril de 1973:

*“O Governador do Estado do Rio Grande do Sul, no uso da atribuição que lhe confere o artigo 66, item IV, da Constituição do Estado, decreta: Art. 1º- Fica instituído o **Biênio da Colonização e Imigração**<sup>1</sup>, com o fim de celebrar, nos anos de 1974 e 1975, o feito dos pioneiros, o Sesquicentenário da Imigração Alemã, o Centenário da Imigração Italiana e a contribuição das demais correntes imigratórias que se fixaram no Rio Grande do Sul”<sup>2</sup>.*

Foram estas as palavras que deram início às comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, ao serem assinadas pelo então Governador do Estado, Euclides Triches, no Decreto N° 22.410<sup>3</sup>. A promoção destas comemorações, através do Decreto citado, deu início a uma série de medidas tomadas nas esferas governamentais para que diferentes celebrações se realizassem em todo o estado.

Queremos de imediato explicitar alguns aspectos relacionados às comemorações do Biênio da Colonização e Imigração ao questionar quando e onde aconteceram os festejos, a quem se destinaram as homenagens<sup>4</sup> e por que, qual o significado das comemorações na pesquisa histórica, bem como explorar possibilidades de análise e algumas definições. Por meio do desmembramento do título escolhido para nomear a festa<sup>5</sup>, temos o cenário da intenção comemorativa.

Os termos *Biênio* e *Rio Grande do Sul* demarcam a abrangência temporal e espacial destas comemorações, ou seja, um período de dois anos consecutivos – 1974 e 1975 – de festividades em todo o estado do Rio Grande do Sul. Foi no ano de 1973 que tiveram início as tratativas para a realização dos dois anos festivos em homenagem às correntes imigratórias estabelecidas no estado. Este momento histórico estava já marcado pela presença dos governos militares, tanto no Brasil quanto na América do Sul. Os anos em que aconteceram as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração coincidiram com o início do processo de abertura política “lenta e gradual” no Brasil. No ano de 1974, o país passou por uma transição de governo em nível federal, quando o então Presidente Emílio Garrastazu

<sup>1</sup> Grifo nosso.

<sup>2</sup> No decorrer da escrita, o Decreto N° 22.410, de 22 de abril de 1973 que instituiu o Biênio da Colonização e Imigração será analisado em sua íntegra.

<sup>3</sup> BRASIL. *Decreto N° 22.410, de 22 de Abril de 1973*. Institui o Biênio da Colonização e Imigração. Disponível: <<http://www.al.rs.gov.br/Legis>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2016.

<sup>4</sup> *Homenagem*, para Correia (2013, p. 66), difere da comemoração, porque é prestada a pessoas tanto do presente quanto do passado, enquanto que a comemoração só é realizada tomando em conta os acontecimentos passados.

<sup>5</sup> Nesta dissertação, os termos *festa*, *comemoração* e *celebração* são utilizados como sinônimos.

Médici<sup>6</sup> encerrou seu mandato, marcado por autoritarismo e repressão – os conhecidos “anos de chumbo”<sup>7</sup> – dando lugar ao General Ernesto Geisel<sup>8</sup>, que permaneceu no cargo até 1979, e governou o Brasil com um projeto de redemocratização “lenta e gradual”<sup>9</sup>. Neste mesmo período no Rio Grande do Sul, o Governador Euclides Triches havia sido eleito pela Assembleia Legislativa, que contava com a maioria de Deputados do Partido da Aliança Renovadora Nacional (ARENA), e governou o estado entre 1971 e início de 1975. Nas eleições para Governador ocorridas em 1974, foi eleito Sinval Sebastião Duarte Guazelli, que esteve à frente do estado entre 1975 e 1979<sup>10</sup>.

Este momento histórico, em que o Governo do Estado do Rio Grande do Sul propôs as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, nos faz questionar a possibilidade de ter havido alguma forma de censura por parte dos governos militares no que se refere à

---

<sup>6</sup> Emílio Garrastazu Médici (ARENA) governou o Brasil entre 1969 e 1974. Foram anos conhecidos por estabilidade política, mas também por ser o momento de maior repressão durante os governos militares no Brasil. Economicamente, o país registrou altos índices de desenvolvimento e crescimento, expandindo exportações agrícolas e aumentando a oferta de emprego. Porém, o custo social deste “milagre econômico” foi alto, devido à concentração de renda acentuada nas classes mais altas, aumentando a desigualdade social e a pobreza. A propaganda oficial do governo incentivava o ufanismo gerado por este período de prosperidade econômica, com slogans como “Ninguém mais segura este país”. Tal prosperidade econômica, contudo, baseada majoritariamente em causas externas, chegou ao fim quando a economia mundial passou por situações adversas (PRADO; EARP, 2003, p.207-242).

<sup>7</sup> Devido à promulgação do Ato Institucional número 5 (AI-5) no ano de 1968, o Governo Médici desencadeou reações violentas e de censura contra os opositores do regime. O emprego de tortura foi utilizado como método de eliminação e neutralização dos opositores, havendo diversas técnicas de castigos corporais e psicológicos (FICO, 2003, p.167-206).

<sup>8</sup> Geisel foi general e político, membro do Conselho de Segurança Nacional. Passou pelo Gabinete Militar de Café Filho, administrou a refinaria de Cubatão, foi membro do Conselho Nacional do Petróleo e chefe do Gabinete Militar de Castelo Branco, tendo se afastado do governo durante o período Costa e Silva e Médici, retornando ao Supremo Tribunal Militar e à Presidência da Petrobrás. Por meio da influência de Orlando Geisel e Golbery do Couto e Silva, despontou como a figura mais indicada para realizar de maneira “lenta e gradual” a abertura política do país. Geisel foi eleito por votação indireta, tendo sido escolhido pelo Colégio Eleitoral (SILVA, 2003, p.243-282).

<sup>9</sup> O movimento de redemocratização iniciou nos idos de 1974 e se estendeu ao longo de todo o governo Geisel, quando se buscou inserir o país em um Estado de Direito a partir do Projeto Geisel-Golbery, que objetivava maior flexibilização da política e legitimação do estado autoritário. O projeto previa um processo lento de abertura política, com a alegação de que ele fosse implementado de maneira segura e definitiva, a fim de evitar o retorno de pessoas, instituições e partidos que estavam no poder anteriormente a 1964. Apesar de representar uma volta ao Estado de Direito através de uma reconstitucionalização do regime, o projeto Geisel-Golbery não representou de maneira efetiva a redemocratização do país, já que ele previa, para seu êxito, a subordinação da sociedade civil, tanto aos seus objetivos quanto aos seus prazos, e neste processo, os militares não contaram com o apoio necessário, visto que a população desejava que a redemocratização se desse de maneira mais rápida. Dito isto, os passos iniciais da chamada “abertura política gradual” que ocorreram sob a atuação do governo Geisel, foram colocados em prática através da supressão do AI-5, iniciada pela redução da censura à imprensa e também através da incorporação de salvaguardas ao Regime Militar na Constituição.

<sup>10</sup> Durante o governo de Triches, por se tratar do período do “milagre econômico” em nível de Brasil, os investimentos do estado ficaram voltados para a questão do desenvolvimento econômico, com a construção de estradas, implantação de novas empresas através de benefícios fiscais e construção de hidrelétricas através do Plano de Governo chamado “Projeto Grande Rio Grande”. Já no governo Guazelli, em plena crise econômica mundial, o resultado foi uma baixa taxa de crescimento tanto do país quanto do estado. Neste período o governo priorizou áreas como educação, cultura, habitação e urbanismo, dando ênfase na interiorização industrial, na melhoria de portos e vias navegáveis, criando escolas e preservando prédios históricos.

construção das comemorações e realização de seus atos celebrativos. Assim, em momento oportuno, durante entrevista<sup>11</sup> realizada com o Presidente da Comissão Organizadora do Biênio da Colonização e Imigração, Victor Faccioni, indagamos sobre possíveis empecilhos que os governos militares da época pudessem ter colocado no decorrer das comemorações. Em sua resposta, ele foi categórico ao afirmar que: “*deram total apoio, não teve nenhuma restrição, muito pelo contrário*”. Apesar desta fala, é preciso considerar o *status quo* vigente. Ou seja, estamos analisando uma festa que possui contornos oficiais e que pode ser considerada uma festa autorizada, que foi proposta pelo governo do estado com a finalidade de dar visibilidade ao Rio Grande do Sul em termos de Brasil. Neste sentido, e como iremos ver adiante, a própria seletividade presente no contexto da organização dos eventos celebrativos pode ser considerada uma forma de censura, afinal, todos os atos promovidos durante o Biênio da Colonização e Imigração passaram pelo crivo da Comissão Organizadora que respondia diretamente ao governo estadual, que por sua vez fazia parte de um determinado sistema político. Sendo assim, queremos explicitar desde já que, se oposições foram feitas ao longo do planejamento e da efetivação das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, nossas fontes não permitiram identificá-las.

Definidos tempo e espaço em que aconteceram as comemorações, seguimos nossa análise dos termos utilizados para nomear a festa. O uso das palavras *imigração* e *colonização* permitem uma leitura ampla acerca daqueles sujeitos que foram homenageados: tanto o **imigrante**, entendido como “aquele que se desloca para outro país e ali permanece”, sendo que “a imigração tem sido qualificada justamente pela entrada de indivíduos ou grupos num país estrangeiro com intenção de ali [...] estabelecer um novo lar, numa nova pátria” (SEYFERTH, 2008, p.03), quanto os **colonos**, que se estabeleceram e contribuíram política, social e economicamente com o local. Conforme a definição de Bosi (1992, p.11-12):

*Colo* significou, na língua de Roma, *eu moro, eu ocupo a terra*, e, por extensão, *eu trabalho, eu cultivo o campo*. Um herdeiro antigo de *colo* é *incola*, o habitante; outro é *inquilinus*, aquele que reside em terra alheia. Quanto a *agrícola*, já pertence a um segundo plano semântico vinculado à ideia de trabalho. [...] *Colo* é a matriz de *colônia* enquanto espaço que se está ocupando, terra ou povo que se pode trabalhar e sujeitar. *Colonus* é o que cultiva uma propriedade rural em vez do seu dono; o seu feitor no sentido técnico e legal da palavra.

<sup>11</sup> FACCIONI, Victor. *Victor Faccioni*: depoimento. Entrevistadora: Tatiane de Lima. Porto Alegre. Janeiro de 2016. [Anexo B]. A autora manteve contato com Victor Faccioni desde a conclusão da Graduação, quando enviou uma cópia via e-mail, de seu Trabalho de Conclusão de Curso, em que já abordava as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração. Desde então, Faccioni, que se dispôs a ler o trabalho, também se colocou a disposição para a realização de entrevistas, considerando que a autora já vinha sinalizando abordar este tema durante seu Mestrado.

Imigração e colonização representaram um processo civilizatório de ocupação das terras devolutas, “uma lógica geopolítica de povoamento, articulada à ocupação de terras consideradas “vazias” (SEYFERTH, 2002, p.118)”. Assim, a complementação estabelecida no uso dos dois termos, “colono” e “imigrante”, buscou ampliar as características que justificaram a homenagem desses sujeitos nas comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, quais sejam: o reconhecimento do espírito desbravador de quem se desloca espacialmente para uma terra distante, e também a força de trabalho empreendida a favor do progresso desse novo lugar de adoção.

Buscando fazer referência ao processo imigratório no Rio Grande do Sul, entendemos que a promoção destas comemorações está relacionada, ainda que não intencionalmente, a uma forma de aproximação dos moradores de áreas de forte colonização alemã e italiana com o restante do estado e, apresentam-se como uma possibilidade de (re) integração após os acontecimentos que geraram certo “mal-estar” nas regiões coloniais do estado, devido às acusações de associação de descendentes de imigrantes aos regimes nazifascistas. Desta forma, o governo inseria um componente novo na vida rio-grandense, pois, desde a Segunda Guerra Mundial, comemorações em homenagem aos imigrantes poderiam ser mal vistas em razão dos acontecimentos de perseguição e prisão que envolveram imigrantes e governo brasileiro durante o período. Ao citar as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, Gertz (2012, p.20) entende que elas surgem como uma tentativa de (re) aproximação destas comunidades étnicas<sup>12</sup> com o restante da população:

Naquilo que tange ao Rio Grande do Sul, essa situação sofreu certa mudança em 1974, quando o Brasil era governado por um descendente de alemães (e luterano) – Ernesto Geisel – e o estado por um descendente de italianos – Euclides Triches. Nesse momento, foi instituído, com apoio do governo estadual, o “Biênio da Imigração e Colonização”, para comemorar os 150 anos de início da imigração alemã e os 100 anos da imigração italiana. Ainda que não esteja muito claro qual foi a intenção das instâncias governamentais ao promover esses festejos, é certo que eles representaram uma mudança na autoavaliação das populações de origem alemã (e italiana), e também uma possível mudança na forma como a população em geral encarava esses dois grupos.

---

<sup>12</sup> Por etnia entendemos: “Uma etnia seria um conjunto de indivíduos que afirma ter traços culturais comuns, distinguindo-se, assim, de outros grupos culturais. Nesse sentido, não importa se o grupo realmente descende de uma mesma comunidade original: o que importa é que os indivíduos compartilhem essa crença em uma origem comum. Uma crença confirmada, a seu ver, pelos costumes semelhantes. Assim, uma etnia se sente parte de uma mesma comunidade que possui religião, língua, costumes – logo, uma cultura – em comum. Notemos que nesse conceito não importa somente o fato de as pessoas que compõem uma etnia compartilharem os mesmos costumes, mas sobretudo o fato de elas acreditarem fazer parte de um mesmo grupo. Nesse sentido, a etnia é uma construção artificial do grupo, e sua existência depende de seus integrantes quererem e acreditarem fazer parte dela” (SILVA;SILVA, 2006, p.125-126).

Desse modo, tendo em mente o passado recente do estado, cremos que o governo procurou retomar a história da imigração no Rio Grande do Sul através de comemorações que valorizaram os imigrantes, para que esses sujeitos deixassem de fazer parte de um passado de negação das tradições, e até mesmo de “perigo” ou “ameaça”, para serem protagonistas de uma história de orgulho pela contribuição nas mais diferentes áreas.

O sentimento de pertencimento étnico também nos pareceu impulsionar a promoção das comemorações realizadas em 1974 e 1975, e por meio das quais se buscou a salvaguarda de uma memória que é a da imigração no estado, mas também dos seus descendentes. Para Venturini (2009, p.74) “a memória constitutiva da rememoração é aquela que significa para os sujeitos sociais, do contrário, ela não faria parte da comemoração”, e neste sentido, queremos destacar a descendência étnica desses sujeitos organizadores da festa e, assim, estabelecer a sua ligação com a imigração e com os eventos comemorativos. Temos então o seguinte panorama: na presidência do Brasil Ernesto Geisel, descende de imigrantes alemães e nascido na zona colonial italiana do Rio Grande do Sul; no governo do estado Euclides Triches, um descendente de imigrantes italianos que será sucedido por Sinval Guazelli, descendente da mesma etnia. Seria possível ainda citar outros agentes políticos no âmbito nacional, estadual e municipal que se envolveram diretamente com a promoção das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração e nelas foram representantes dos seus grupos étnicos ao participarem das Comissões e Subcomissões Executivas de Homenagem<sup>13</sup>.

Também, a grande presença imigrante<sup>14</sup> dos mais variados grupos no estado por si só nos parece uma forte justificativa para a promoção de comemorações em sua homenagem. No Rio Grande do Sul se destacaram numericamente os grupos imigrantes alemães<sup>15</sup> e italianos<sup>16</sup>,

---

<sup>13</sup> Os nomes dos agentes que compuseram as Comissões e Subcomissões Executivas de Homenagem de cada uma das etnias contempladas nas comemorações do Biênio da Colonização e Imigração serão citados e analisados no decorrer do trabalho.

<sup>14</sup> O início do processo imigratório no Rio Grande do Sul se deu a partir da política de criação de núcleos coloniais, que tinham por objetivo tornar permanente a ocupação de determinadas regiões. Esta política iniciada por Dom João VI, teve seguimento entre 1822 e 1830 quando Dom Pedro I mostrou-se interessado em povoar e explorar a região Sul do Brasil, tendo como principal motivação a defesa do território nacional através de sua ocupação, principalmente as zonas fronteiriças que estavam sendo disputadas pela Espanha e as quais a Coroa Portuguesa pretendia assegurar. Entendemos através de Sayad (1998, p.15-16) que a imigração se caracteriza primeiramente por um deslocamento de pessoas no espaço físico, e que o imigrante só passa a existir e assim ser chamado ao atravessar fronteiras. Porém, o mesmo autor afirma que é o trabalho a razão de ser do imigrante. Portanto, devido aos interesses da Coroa Portuguesa em incentivar a imigração europeia baseada na criação de núcleos coloniais que ocupassem, fizessem produzir e valorizassem terras despovoadas (IOTTI, 2001, p.21), a imigração ganhou a característica de mão de obra trabalhadora, principalmente no Rio Grande do Sul, um grande receptor de levas de imigrantes das mais diversas correntes étnicas.

<sup>15</sup> O marco inicial da imigração no Sul do Brasil por imigrantes vindos da Europa no século XIX foi a fundação da colônia localizada nas terras da Real Feitoria do Linho Cânhamo – mais tarde conhecida como colônia de São Leopoldo – por imigrantes alemães no ano de 1824. Situada nas proximidades de Porto Alegre, esta colônia transformou-se no destino de imigrantes alemães recrutados pelo Major José Antônio Schaeffer. Ao governo imperial interessava investir em uma imigração subsidiada, com a finalidade de explorar as potencialidades

assim como açorianos<sup>17</sup>, que se instalaram na capital do estado, Porto Alegre (e por isso ganharam destaque nas comemorações do Biênio da Colonização e Imigração).

Questionando ainda sobre quem são estes sujeitos homenageados, queremos entender o lugar ocupado por este imigrante chegado em um novo espaço físico, social, econômico e político. Bourdieu (apud SAYAD, 1998, p.11-12) os situa em um “não lugar”:

Como Sócrates, o imigrante é *atopos*, sem lugar, deslocado, inclassificável. [...] Nem cidadão, nem estrangeiro [...] o “imigrante” situa-se nesse lugar “bastardo” de que Platão também fala, a fronteira entre o ser e o não-ser social. Deslocado, no sentido de incongruente e de importuno [...] Incômodo em todo lugar, e doravante tanto em sua sociedade de origem quanto em sua sociedade receptora, ele obriga a repensar completamente a questão dos fundamentos legítimos da cidadania e da relação entre o Estado e a Nação ou a nacionalidade.

Para estes sujeitos que migraram – em condição provisória ou definitiva –, o deslocamento espacial representou mais do que um distanciamento físico de sua terra de origem, já que paralelamente se afastaram do meio social que lhes era garantia de viver diariamente seus costumes e tradições. As bagagens que carregaram desde o momento de partida até a chegada representavam mais do que apenas objetos para primeiras necessidades, eram fragmentos materiais da terra e da vida que fora deixada para trás: retratos, objetos e roupas. Estes imigrantes também traziam consigo a lembrança, aquilo que não se materializa, os modos de ser e de fazer. Todos estes fragmentos, em terras longínquas se caracterizaram como lembranças, e são eles que auxiliam na construção do passado imigrante do estado do Rio Grande do Sul:

---

agrícolas de terras que estavam desocupadas. Desta maneira, a imigração não concorreu diretamente com a grande propriedade, afinal, os colonos eram assentados nas chamadas “terras devolutas”, que de acordo com a Lei de Terras, se refere a terras que pertenciam ao Estado. Havia também motivações geopolíticas e econômicas para a promoção da imigração para o estado por parte do Império, como é o caso da defesa dos territórios fronteiriços, principalmente devido às guerras platinas. A prosperidade alcançada pela Real Feitoria do Linho Cânhamo rendeu ao primeiro Presidente da Província do Rio Grande do Sul, José Feliciano Fernandes Pinheiro, o título de Visconde de São Leopoldo (IOTTI, 2001, p.22).

<sup>16</sup> A última etapa da chegada de grandes levas de imigrantes ao estado teve início no final do século XIX, com a imigração italiana, sendo o ano de 1875 o marco de chegada das primeiras famílias na serra gaúcha, e posteriormente à região central do estado. Devido às mudanças sociais, políticas e econômicas enfrentadas pela Itália recém unificada, o período de 1875 a 1889 foi o de maior fluxo migratório deste grupo para o Brasil.

<sup>17</sup> “O contexto histórico em que se homenageia em Porto Alegre aos imigrantes açorianos tem raízes no século XVIII, quando da sua chegada ao Sul do Brasil como casais de número, casais d’El Rei ou ilhéus. Embora portugueses das Ilhas, sua identidade açoriana foi sublinhada e reafirmada em diferentes momentos e de acordo com os objetivos desejados tanto pelos próprios açorianos quanto pelos governos ou mesmo pelos historiadores. [...] Mesmo que se identificassem como de um lugar (São Miguel, do Faial, da Terceira ou de São Jorge), aqui foram conhecidos e descritos com outros nomes pelos luso-brasileiros que já ocupavam o território no séc. XVIII. A distinção se fazia ou pela origem (das Ilhas), ou pela conotação política decorrente da sua situação de emigrantes, não necessariamente pelos outros signos de que os açorianos eram portadores (idioma ou religião, por exemplo). Isto os marcará ao longo do tempo para as mais diversas ações” (RAMOS, 2013).

O ingresso dos imigrantes europeus, após a independência do Brasil de Portugal e especialmente no período que vai de 1875 até o início do século XX, provocou mudanças significativas no perfil da sociedade brasileira. Os imigrantes contribuíram de forma decisiva para o processo de crescimento e diversificação da economia e da bagagem cultural que trouxeram (HERÉDIA, 2003, p.21).

Assim, tudo o que fora trazido nas bagagens fez parte, desde o início, de um passado que mais tarde viria à tona em meio às comemorações. Os objetos trazidos, conjuntamente com as tradições linguísticas, gastronômicas e o modo de viver, ao serem resignificados e tornados lembranças ajudaram a compor o processo de rememoração. É esse sentimento de nostalgia<sup>18</sup> por um passado idealizado e de boas recordações, associado ao medo da perda dos traços característicos do seu grupo de origem ao longo das gerações que faz com que estes imigrantes, de maneira individual e/ou coletiva, elaborem reconstruções deste passado. Estas reconstruções que fazem parte do processo de rememoração possuem a característica de estarem associadas às novas vivências desses sujeitos, um “processo de transformação que se dá de uma forma hibridizante” (BENEDUZI, 2011, p.235).

Esse momento de retomada da memória por parte da sociedade é problematizado nos estudos de Hartog (2013). Ele percebe que, por volta dos anos 1970, houve uma demanda maior de preocupação com a conservação do passado e que este “medo do esquecimento” passa a materializar a memória em monumentos, objetos e paisagens<sup>19</sup>. O retorno do interesse pelo passado agora buscava preencher o que o autor chamou de “fendas do presente”, através da reconstituição de um passado extinto ou que corre o risco de desaparecer. É este o momento em que “o presente descobre-se igualmente em busca de raízes e de identidade, preocupado com memória e genealogias” (HARTOG, 2013, p.151). O autor elege alguns termos chave que marcam a entrada no que ele denomina de “anos-patrimônio”: memória, patrimônio, história e nação. No rol destes termos chave poderíamos incluir ainda as comemorações.

---

<sup>18</sup> “Os momentos de mudança trazem consigo um processo de perda e de reestruturação de vida, tanto em uma dimensão pessoal quanto em uma vivência no espaço coletivo. Dentro de uma nova realidade, as circunstâncias passadas, em acúmulo de experiências, sofrem um fenômeno de tradução, a partir das necessidades do tempo presente. Com isso, as sociedades experimentam, em momentos de crise, um sentimento de nostalgia de um mundo passado, o qual imagetivamente é visto como o paraíso perdido” (BENEDUZI, 2011, p.235).

<sup>19</sup> Tal demanda por resgate de memórias está inserida no conceito moderno de História, que já não pertence ao regime da *magistra vitae*, mas que é determinada por sua relação com o futuro. Ao longo do tempo a predominância de futuro foi substituída pelo excesso de presente, onde se passou a valorizar o imediato. Porém, o chamado presentismo também passou por uma crise ao se proliferar mecanismos de memória que vão estabelecer uma nova relação com o tempo (HARTOG, 2013).

Tudo pode, em última instância, ser arquivado, e os arquivos ‘constituem a memória da nação e uma parte essencial de seu patrimônio histórico’. Os termos chave estão aqui: memória, patrimônio, história e nação. Eles assinalam que entramos efetivamente nos anos-patrimônio (HARTOG, 2013, p.152).

Esse processo memorialístico de preservação de fragmentos do passado com a finalidade de evitar o esquecimento institui o que Nora (1993) define como “lugares de memória”, que nas palavras de Hartog (2013, p.164) são “ao mesmo tempo material, funcional, simbólico (objeto espelhado, por meio do qual o passado encontra-se retomado no presente)”, e somente permanecem vivos ao serem revisitados.

Durante as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração a história da imigração no Rio Grande do Sul foi atualizada através da criação de lugares de memória. A proposta das comemorações por parte do governo se insere neste momento de preocupação com o passado, conforme as palavras de Maria Beatriz Pinheiro Machado:

*(...) em 1975 a gente assistiu em Caxias, assim, um surto preservacionista. Porque isso? Foi a época da comemoração do centenário da imigração italiana. E o que a gente nota é que nesse momento, parte da comunidade se deu conta que eles não tinham cultivado nada, não tinham guardada a memória dessa cidade. Então, foi uma preocupação, porque eles queriam fazer as comemorações do centenário da imigração, mas não tinham absolutamente nada. Não se tinha museu, não se tinha arquivo... (SANTOS; ZANINI, 2011, p.9)<sup>20</sup>*

Retomando os termos utilizados para nomear os festejos, chegamos àquele que julgamos ser o mais importante: *comemorar*.

Etimologicamente, a palavra comemoração, advinda do latim, *commemoratio*, tem esse significado de um processo ativo e dirigido (*ratio*) da memória, um fazer lembrar, a partir de uma posição indicada pelo prefixo *co*, de conjunto, por extensão, *social*, coletiva. A comemoração como esse processo ativo e dirigido da memória coletiva, a partir do presente, configura-se como um *poder de integração* de sentidos, que é social, de uma reconstrução de uma identidade do evento, que deve ser digna de memória (CARDOSO, 1998, p.02).

Historicamente, as comemorações estão presentes na sociedade há muito tempo, sendo possível apresentar o seguinte panorama (PEREZ, 2011): entre os séculos VII e IX, imbricadas à religião, as comemorações eram promovidas com a intenção de fortalecer a

---

<sup>20</sup> Entrevista realizada pelas autoras do artigo com Maria Beatriz Pinheiro Machado, diretora de divisão do Arquivo Histórico de Caxias do Sul. Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul, gravada em 19 de fevereiro de 2002.

cultura religiosa, fazendo desta forma um contraponto às festividades pagãs, mas também colocando em contato a população camponesa e urbanizada<sup>21</sup>. Populares, no início do século XV, as festividades tomavam conta de um a cada três dias, fazendo com que se estabelecessem maneiras de controlar e limitar o número de festas<sup>22</sup>. Lograram seu espaço também as festas cívicas (laicas, republicanas e urbanas), trazendo à tona a dimensão político-educativa das comemorações ao criarem representações simbólicas que funcionavam como lições vivas através do ato de lembrar. Nesta pesquisa, nos interessa de modo pontual esta forma moderna<sup>23</sup> de comemorar, surgida a partir da criação do novo calendário civil imposto pela Revolução Francesa<sup>24</sup> no século XVIII, que conferiu às comemorações o sentido de criar representações simbólicas com o fim de unificar as memórias por meio de consensos (ARRUDA, 1999, p.09).

Ao considerar que as comemorações possuem diferentes significados e intenções ao longo do tempo, e, de acordo com a definição a qual queremos chegar, acreditamos ser importante nos reportarmos a Catroga (2005). O autor discute essa mudança no sentido de compreender e promover comemorações ao longo da História, dando ênfase à transição ocorrida a partir da Revolução Francesa, quando as comemorações passaram a ter caráter educativo e cívico. É nesta perspectiva que o autor distingue as comemorações entre “*festa instituinte*” e “*festa instituída*”. Para ele, a “*festa instituída*” – caso do nosso objeto de estudo – faz com que se perca a espontaneidade na promoção das comemorações, visto que elas são pensadas e planejadas com o intuito de obter-se um ganho no que se refere à intenção comemorativa, onde a História passa a ser usada para “legitimar e revivificar uma dada ordem (CATROGA, 2005, p.90-91)”. A passagem do ritualístico religioso para um calendário de festas cívicas modificou os objetivos em promover as comemorações, que passaram a ter como fim o engrandecimento de homens ou de acontecimentos, já que “as sociedades modernas secularizadas careciam de representações que apelassem para o sentimento e para a

---

<sup>21</sup> “As festas religiosas atuavam como um poderoso agente de socialização, uma vez que constituíam para as populações camponesas uma espécie de peregrinação à urbe, a um mundo pleno de novidades” (PEREZ, 2011, p.24).

<sup>22</sup> Exemplo: Urbano VIII reservou a Roma o direito de controlar o número de festas, no ano de 1627 (PEREZ, 2011, p.24).

<sup>23</sup> “Com o advento da sociedade moderna, a festa deixa de ser um elemento que proporciona diversão ao homem, para ser um elemento de promessa religiosa e política. Ela passa a ser tanto um instrumento de guerra como da reflexão teológica que tem por proposta reabilitar a gratuidade da festa através da luta, contra os valores pacíficos e tensos do trabalho, como da reflexão política que propõe a felicidade após a vitória da república sobre a monarquia”, assim a comemoração se converteu em uma “prática pedagógica, que ensinaria a revolução a todos aqueles que não a conheceram diretamente” (OZOUF, 1976, p.216 e 219).

<sup>24</sup> O calendário republicano, instaurado por decreto da Convenção em 05 de outubro de 1793 tinha como proposição o rompimento com o tempo passado. O novo calendário alterava os ritmos de trabalho, do tempo livre e das festividades (OLIVEIRA, 1989, p. 173-174).

solidariedade, e as festividades comemorativas dos centenários possibilitavam a criação de um clima de sublimação e de engrandecimento” (CATROGA, 2005, p.105).

De acordo com o mesmo autor (CATROGA, 2005, p.110) esta nova maneira de comemorar surgiu a partir

[...] de uma tomada de consciência – já sentida pela Revolução Francesa – de que as representações racionais só seriam mobilizadoras se fossem completadas por uma vivência cultural que, tal como no rito religioso, conferisse significado simbólico e colectivo ao sentido do tempo e, simultaneamente, congregasse as consciências atomizadas à volta de memória(s) consensualizadora(s).

Neste sentido podemos afirmar que há uma relação entre comemorações e memória, e que se dá tanto pelas lembranças quanto pelos esquecimentos (RICOEUR, 2007). Afinal, as comemorações “organizam” o passado a partir do presente através de um processo de seleção, buscando silenciar a complexidade histórica a favor da integração social.

Nas comemorações, como xamãs da história, invocamos o passado. Qual passado? Não qualquer um! Mas um passado preciso, circunstanciado, necessariamente parcelar, recortado a partir das representações do presente, modelagem ideológica que o reduz as suas mínimas expressões apropriáveis, escoimadas as dimensões que poderiam comprometer a estabilidade do presente que, por esta via, estabelece as bases da aliança indissolúvel entre passado, presente e futuro (ARRUDA, 1999, p. 07).

Para além da sua relação com a memória, a abordagem do tema das comemorações na pesquisa histórica abrange ainda outros aspectos, conforme nos aponta Guarinello (2001, p.971-972): a questão da sua intencionalidade; a coletividade presente no ambiente festivo e a relação das comemorações com o tempo (passado, presente e futuro). Assim, o autor define o termo festa como:

1. Implica uma determinada estrutura social de produção, no sentido de que as festas não são dádivas de Deus, nem caem dos céus segundo nossos desejos. Elas são laboriosamente e materialmente preparadas, custeadas, planejadas, montadas, segundo regras peculiares a cada uma e por atividades efetuadas no interior da própria vida cotidiana, da qual são necessariamente o produto e a expressão ativa;
2. Envolve a participação concreta de um determinado coletivo, seja ele a sociedade em seu conjunto, ou grupos dentro dela, com maior ou menor expressão ou força legitimadora, distribuindo-se os participantes dentro de uma determinada estrutura de produção e de consumo da festa, na qual ocupam lugares distintos e específicos;

3. Aparece como uma interrupção do tempo social, uma suspensão temporária das atividades diárias que pode ser cíclica, como nas festas de calendário, ou episódica, como na comemoração de eventos singulares, implicando uma concentração da atenção, dos esforços e dos afetos dos participantes em torno de um objeto específico, como segue;

O autor ainda chama a atenção para o objeto comemorado – que se torna um símbolo de agregação – e para a produção de memória através do compartilhamento de afetividades em torno deste objeto:

4. Articula-se em torno de um objeto focal, que pode ser um ente real ou imaginário, um acontecimento, um anseio ou satisfação coletivos e que atua como motivação da festa, como seu sentido explícito, cuja comemoração ou celebração constitui o *leitmotiv* da festa e que, como tal, se esgota em si mesmo. Isto é, a reunião comemorativa que constitui a festa é seu próprio objetivo. O objeto focal pode ser, assim, sagrado ou profano, antigo ou recente, pode estimular as mais diferentes sensações, como euforia, fé, liberação, constrição, superação, êxtase, etc. tais distinções são irrelevantes para nosso fim. O importante é que o objeto focal funcione como pólo de agregação dos participantes, como símbolo de uma identidade que pode ser, mais ou menos, circunstancial ou permanente;
5. Por fim, uma festa é uma produção social que pode gerar vários produtos, tanto materiais como comunicativos ou, simplesmente, significativos. O mais crucial e mais geral desses produtos é, precisamente, a produção de uma determinada identidade entre os participantes, ou, antes, a concretização efetivamente sensorial de uma determinada identidade que é dada pelo compartilhamento do símbolo que é comemorado e que, portanto, se inscreve na memória coletiva como um afeto coletivo, como junção dos afetos e expectativas individuais, como um ponto em comum que define a unidade dos participantes. A festa é, num sentido bem amplo, produção de memória e, portanto, de identidade no tempo e no espaço sociais.

O uso do termo *comemoração* compreende também aspectos políticos, afetivos, identitários, sentimentais, de gratidão e de homenagem. Definir as implicações políticas contidas no processo comemorativo significa considerar as seleções, construções e disputas de memórias. Comemorar trata-se de uma ação de (re) presentificar o passado através da evocação de memórias, processo este que se dá de maneira seletiva ao serem escolhidos os fatos a serem rememorados e aqueles a serem silenciados. Ao entendermos que a realização de comemorações, de um modo geral, não são um movimento neutro, mas sim carregadas de intenções, remetemos à Guarinello (2001, p.973) que corrobora com esta percepção ao afirmar que “o que chamamos de festa é parte de um jogo, é um espaço aberto no viver social para a reiteração, produção e negociação das identidades sociais”. Neste sentido, as comemorações são acontecimentos sociopolíticos onde o que está em jogo é a disputa de memórias, e além disso, elas possuem uma dimensão mediadora de conflitos e tensões sociais.

Portanto, não se trata de ações neutras ou livres de intenções, afinal o que está em jogo é a construção de uma memória pública. Seguindo este entendimento, Carrión (2012, p.61) afirma que

Las conmemoraciones son importantes en la medida en que no se las conciba como algo dado, sino como proyectos plurales en construcción y disputa, que tienen una continuidad-ruptura histórica, que hace que se los proyecte desde el pasado hacia un futuro deseado, adquiriendo, por tanto, la condición de una plataforma y no de un acto exclusivamente festivo de luces y colores.

Quanto aos aspectos afetivos e identitários, ao sentimento de gratidão e ao caráter de homenagem das comemorações, podemos dizer que estão interligados, afinal a tomada de consciência da necessidade de representação através da vivência cultural, conferindo significado simbólico e coletivo, parte da definição de que “a festa é este estado de efervescência em que o grupo a si próprio se torna visível como tal” (VALERI, 1994, p.405).

Assim, considerando a coletividade presente nas comemorações, acreditamos neste estudo que

[...] a “Festa” é um momento da dinâmica sócio-cultural em que uma colectividade (isto é: um grupo) reafirma, de modo lúdico as relações sociais e a cultura que lhe são próprias. A festa elabora-se a partir de um tema mítico particular e organiza, se não uma desordem, pelo menos alterações a ordem para obter ou reactualizar na consciência colectiva o assentimento à ordem preconizada. É, portanto, essencialmente, um jogo simbólico que ressitua a práxis em relação ao mito que lhe dá sentido. A festa vale o que valem, efectivamente, para o grupo a simbólica utilizada e o mito evocado (THINES; LEMPEREUR apud RIBAS, 1992, p.14).

Ao considerarmos as dimensões sociais das comemorações, onde o povo foi acionado através dos diferentes discursos veiculados, construindo-se tais eventos num momento em que “todos” pudessem tomar parte, entendemos, através de Guarinello (2001, p.972), que esta festa pode ser vista como

uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes.

Ao realizar um levantamento bibliográfico, encontramos autores<sup>25</sup> que já trabalharam com o tema das comemorações da imigração e são referência para esta pesquisa: Roswithia Weber (2004 e 2006), Nara Simone Viegas Rocha Roehe (2006) e Miriam de Oliveira Santos (2004). Em sua dissertação, Weber (2004) pesquisa a construção das comemorações do Centenário da Imigração Alemã em São Leopoldo e os sentidos que a data “25 de julho” – Dia do Colono – vai ganhando ao longo dos anos. Em sua Tese (2006), a mesma autora ao pesquisar a Rota Romântica sob a ótica do turismo, destaca as comemorações do Sesquicentenário da Imigração Alemã ocorridas em 1974 na cidade de São Leopoldo como um momento de “reavivamento” étnico desta comunidade. Na Dissertação de Roehe (2006), encontramos referência às comemorações do Biênio da Colonização e Imigração quando a autora problematiza as relações econômicas entre Brasil e Alemanha durante as comemorações do Sesquicentenário da Imigração Alemã realizadas em 1974 em São Leopoldo. Por fim, na Tese de Santos (2004), em que a autora analisa a Festa da Uva e sua relação com a identidade italiana, temos uma breve abordagem das festas do Centenário da Imigração Italiana em Caxias do Sul.

Neste sentido, apesar de os estudos citados anteriormente contemplarem as comemorações do Sesquicentenário Alemão e Centenário Italiano, podemos afirmar que a abordagem temática das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração é inédita para estudos feitos no Rio Grande do Sul. Além disso, a pesquisa se justifica principalmente pela abordagem que propomos para a análise destas comemorações, a partir da Nova História Cultural e Política. O tema ganha maior relevância quando o referencial teórico nos permite analisar as decisões tomadas acerca do objeto comemorado e os atores nelas envolvidos, as mensagens veiculadas em discursos e nos modos de comemorar, e também as atividades propostas. A instrumentalidade do passado da imigração no Rio Grande do Sul, exploradas pelos agentes promotores das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, alarga o leque de possibilidades de investigações no âmbito da história da imigração e da Nova História Política.

Nossa proposta de investigação, diante do que já foi trazido, tem como objetivo principal e geral **analisar como e porque o Governo do Estado do Rio Grande do Sul fez**

---

<sup>25</sup> No corpo do texto citamos autores que trabalharam diretamente com o tema das comemorações da imigração. Queremos também referenciar autores que teorizam o tema das comemorações, como Catroga (2005) e Candau (2011), e ainda aqueles que fizeram estudos de caso de diferentes comemorações, como Villar (2007) sobre o Centenário do Chile; Arruda (1999) sobre o 5º Centenário do Descobrimento do Brasil; Gutman e Molinos (2012) que organizaram um livro sobre as comemorações dos Bicentenários Latino-americanos, entre outros autores que aparecerão no decorrer da escrita.

**uso do passado imigrante nas comemorações do Biênio da Colonização e Imigração.** Para tanto, temos como objetivos secundários analisar: os meios pelos quais se afirmou a oficialidade destas comemorações; as Comissões e Subcomissões Executivas de homenagem às correntes imigratórias, suas atribuições e os sujeitos envolvidos nesses grupos; e o processo de seleção do passado durante a organização e execução dos atos celebrativos, por meio dos Programas Comemorativos.

Para alcançar tais objetivos, as seguintes questões foram importantes: qual a relação entre as práticas comemorativas do Biênio da Colonização e Imigração e os usos políticos do passado? De que maneira o passado dos diferentes grupos imigrantes homenageados na comemoração foram selecionados? Esta prática comemorativa converteu-se em um território de disputas simbólicas?

As respostas foram construídas a partir da análise das fontes oficiais produzidas pelas Comissões e Subcomissões Executivas de Homenagem de cada uma das etnias: atas de reuniões, programa de comemorações, discursos, correspondências recebidas e expedidas, entrevistas, entre outros. A documentação nos possibilitou criar uma base de dados referentes às comemorações do Biênio da Colonização e Imigração ao produzirmos tabelas e gráficos que quantificaram os eventos celebrativos de acordo com suas especificidades – banquetes, monumentos, eventos esportivos, entre outros – e mapas que situaram no espaço as cidades participantes das comemorações. Estes documentos nos permitiram ainda ter acesso a nomes de pessoas envolvidas na organização destas comemorações, o que nos possibilitou registrar entrevistas orais com estes membros ativos das Comissões com a finalidade de preencher lacunas deixadas pelas fontes escritas. As fontes foram coletadas em diferentes arquivos, como o Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, o Arquivo Municipal João Spadari Adami, em Caxias do Sul e o Arquivo do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, em São Leopoldo.

Os conceitos principais utilizados no decorrer da escrita para “conversar” com as fontes são “comemoração”, “memória”, e os “usos políticos do passado”. Para tanto, nos amparamos principalmente, em estudos de Fernando Catroga, Joël Candau, Roger Chartier, Pierre Nora, Michael Pollak e François Hartog.

Buscando situar o trabalho dentro do debate historiográfico contemporâneo, entendemos que, em nossa proposta, ele está inserido nas discussões das Novas Novas Histórias<sup>26</sup>. História Cultural e Nova História Política complementam-se ao tornar complexos

---

<sup>26</sup> De acordo com Aurell (2010, p.157-167) este debate se inicia nos anos 1980 quando a disciplina histórica encontra-se em crise devido ao seu discurso relativista e a perda de seu *status* de Ciências Sociais. Isso se refletia

os estudos acerca dos fenômenos políticos, ao explorar vertentes de pesquisa que tradicionalmente não são desenvolvidas pela História Política e Cultural. Motta (1996, p.92) afirma que

Os processos de legitimação política passam pelo estabelecimento de um imaginário que resume e simboliza, a nível da mentalidade popular, as mensagens e valores do poder. O poder necessita, além das estruturas burocráticas, além das instituições representativas e/ou coercitivas, da criação de imagens que atinjam de maneira imediata os corações e mentes da população.

Neste sentido, a História Política é renovada ao adentrar na dimensão cultural. A Nova História Política, através do giro cultural, deu a seus temas nova vitalidade, renovando conceitos como poder, espaços públicos, estado, nações, atores, elites, mitos e símbolos políticos. A pluridisciplinaridade dá à Nova História Política uma roupagem temática e um renovado interesse por temas políticos no âmbito cultural.

Na perspectiva teórica da Nova História Cultural, as comemorações são manifestações culturais de determinados grupos sociais. Chartier (1990, p.17) afirma que o principal objetivo da História Cultural é “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Neste sentido, nossa pesquisa se adequa a esta perspectiva ao propor um estudo dos grupos que se organizaram em torno das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração e que inevitavelmente buscaram construir representações do passado imigrante do estado de acordo com seus interesses e posições ocupadas.

Para Sirinelli (2014, p.13) a História Cultural permite dar conta da complexidade das realidades humanas ao autorizar a análise de processos de apreensão das realidades por indivíduos e grupos. Para ele “a História Cultural se interessa tanto pelos fenômenos de percepção por parte de uma consciência individual quanto pelas representações coletivas no seio das sociedades humanas”. Nesta pesquisa, as representações estão colocadas em um campo de disputas. As lutas de representações possuem tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a

---

no desaparecimento de referenciais dogmáticos que eram as escolas do materialismo histórico, os Annales e o método quantitativo (demografia histórica). Neste momento, foram surgindo novas tendências em uma “renovação desde dentro”, em um movimento de recuperação de correntes historiográficas tradicionais, por isso o uso do adjetivo “nova”. A Nova História pretendia substituir velhos postulados por um novo paradigma: do político ao social e econômico, da narração de eventos a análise de estruturas, da história feita de cima à história realizada de baixo, tendo como protagonistas pessoas comuns, da história dos grandes pensadores ao predomínio das mentalidades, de uma história baseada em documentos a uma história incorporando narrativas, de uma história objetiva a uma história complexa.

sua concepção do mundo social, os seus valores, e o seu domínio: “tais representações encerram uma importância fundamental, na medida em que tornam aceitáveis e assimiláveis determinados aspectos da realidade, contribuindo para conferir coesão e identidade aos diversos grupos sociais” (MOTTA, 1996, p.90).

Neste contexto, a análise das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração foi organizada em três momentos distintos, buscando a evolução da pesquisa. Considerando a Introdução como primeiro capítulo, damos sequência da seguinte forma:

**Capítulo 2: A FESTA PENSADA: atividades oficiais que antecederam as comemorações.** Nesse capítulo, propomos a análise das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração enquanto uma ideia a se cumprir. O Decreto Estadual Nº 22.410 de 22 de abril de 1973, que instituiu as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração deixou claro em sua data de publicação que a organização dos festejos iniciou com significativa antecipação, já que os atos celebrativos ocorreriam nos dois anos seguintes. Buscamos analisar os momentos que antecederam os festejos e que compuseram sua organização, entendendo que eles respondem aos nossos questionamentos sobre os sentidos políticos atribuídos às comemorações pelos agentes nelas envolvidos. Quando nos referimos a uma comemoração institucionalizada e oficial, estamos aludindo tanto ao Decreto Estadual que instituiu as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, quanto a todo o conjunto de decisões que se referem à organização das comemorações, e que foram encabeçadas pelo governo do estado, através de Comissões e Subcomissões Executivas de homenagem aos grupos imigrantes. A Comissão de Honra em conjunto com a Comissão Coordenadora foram as responsáveis por coordenar efetivamente as propostas celebrativas, autorizando-as ou não. Além destas Comissões, havia também aquelas representativas dos demais grupos imigrantes homenageados. Foram estas Comissões as responsáveis pelo processo de elaboração da programação referente às comemorações, pela seleção de memórias a serem vinculadas nos eventos celebrativos, enfim, as responsáveis pelos sentidos atribuídos aos imigrantes e à imigração ao longo de seu processo de execução. Assim, é importante verificar a formação e as tarefas destas Comissões e Subcomissões de homenagem, já que elas foram portadoras do poder de decisão das memórias e dos esquecimentos (POLLAK, 1989) no âmbito das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração. Para tencionar o seu papel e os seus atos, nos valem do conceito de “modos de usar o passado” que segundo Traverso (2012) se refere aos usos do passado filtrados de acordo com os interesses do presente. Ao fazê-lo investigamos os discursos expressados pela documentação oficial e pelos agentes promotores das comemorações em especial durante o

processo de organização dos atos celebrativos. Por fim, analisamos neste capítulo a criação do Símbolo Oficial para as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração: seu significado, poder de comunicação e usos. E também a organização dos Programas Oficiais, através de uma investigação quantitativa e qualitativa.

**Capítulo 3: PIONEIRISMO LUSO-BRASILEIRO, SESQUICENTENÁRIO ALEMÃO E CENTENÁRIO ITALIANO: o mote para as Comemorações do Biênio da Colonização e Imigração.** Neste capítulo, o Decreto Nº 22.410 de 22 de abril de 1973 novamente é chamado porque é a partir dele que se instalaram as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração. Seu texto deixa claro que a motivação para tal proposta foi a celebração do Pioneirismo Luso-Brasileiro no Rio Grande do Sul, bem como a aproximação dos anos comemorativos de chegada dos imigrantes alemães e italianos ao estado, Sesquicentenário e Centenário, respectivamente. As comemorações realizadas em datas emblemáticas representam para os grupos de descendentes de imigrantes o fechamento de um ciclo, um momento oportuno para retomar suas memórias, em um processo de transmissão e renovação. Neste sentido, aludimos ao conceito de “tradições inventadas”, no qual Hobsbawm (1984) afirma que elas, através da História, buscam legitimar ações que tem por fim a coesão de um grupo, selecionando-as, popularizando-as e institucionalizando-as. Neste capítulo, analisamos os atos celebrativos relativos às comemorações do Pioneirismo Luso-Brasileiro, do Sesquicentenário Alemão e do Centenário Italiano. Dado o grande número de eventos comemorativos, damos ênfase àqueles episódios que entendemos ser o momento máximo e que sintetizam as comemorações destes grupos, divididos em três momentos: 1) a réplica de chegada dos imigrantes alemães e italianos e que contou com a participação de autoridades de renome nacional e internacional; 2) a preocupação com o fomento de pesquisas no âmbito da imigração, através da realização de simpósios, da criação de institutos de memória, da publicação de álbuns comemorativos e a promoção de concursos intelectuais; e 3) a construção de monumentos entendendo-os enquanto “lugares de memória” (NORA, 1993) que permanecerão nas cidades após as comemorações.

**Capítulo 4: OS DEMAIS GRUPOS IMIGRANTES, ÍNDIOS E NEGROS: a necessidade de comemorar os "outros".** Para finalizar, propomos neste capítulo mais um ponto de análise, considerando que o Decreto Nº 22.410 de 22 de abril de 1973 estendeu as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração aos demais grupos imigrantes, e que no decorrer das comemorações também foram incluídos negros e índios. Questionamos aqui a inclusão destes “outros” grupos, entendendo-a enquanto estratégia política de promoção de um discurso homogeneizador para as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração.

Ao analisar a formação das Comissões e os atos celebrativos, percebemos que quando se deixou de homenagear somente alemães, italianos e portugueses, as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração cresceram em seu significado, ao buscarem a formação da identidade gaúcha. Tais discursos projetados e reproduzidos pelos agentes envolvidos na organização das comemorações podem ser entendidos como “usos políticos do passado”, que de acordo com Revel e Hartog (2001) se referem a recursos mobilizados por autoridades que recorrem a manobras para produzir diferentes versões do passado de maneira autorizada.

## 2 A FESTA PENSADA: atividades oficiais que antecederam as comemorações

“O Biênio da Colonização e Imigração é uma ideia em marcha”, Victor Faccioni<sup>27</sup>.

Em 1973 o Governo do Estado do Rio Grande do Sul foi o principal organismo a planejar as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração que aconteceram nos anos de 1974 e 1975. É esta apropriação que se faz das comemorações por parte dos órgãos governamentais que dá a elas seu caráter oficial. Afinal, foi o governo que tomou as decisões, construiu os objetivos, escolheu os grupos imigrantes homenageados, nomeou os sujeitos envolvidos no processo comemorativo e organizou os Programas Oficiais a serem cumpridos. Neste momento que antecede os festejos e se constrói as comemorações, se explicitam também as intencionalidades dos seus organizadores sobre cada ato celebrativo e sentido vinculado ao processo comemorativo, nos oferecendo a possibilidade de análise.

Ao considerar a oficialidade das comemorações, podemos afirmar que o processo de construção do Biênio da Colonização e Imigração pelo Governo do Rio Grande do Sul, se deu a partir de ações previamente organizadas e coletivamente construídas, conforme o que afirma Gutman (2005, p.15) sobre a aproximação de datas comemorativas e seu planejamento:

Atados al carro del calendario, los aniversarios ofrecen la posibilidad de prepararlos con anticipación, pensarlos, discutirlos y planificarlos. No ocurren de repente, por sorpresa, como una crisis o un terremoto, sino que suceden en un momento determinado y por el simple paso del tiempo. Pero, lo que no sucede por el simple paso del tiempo es la forma, el contenido, la fuerza y la trascendencia social que puedan adquirir, la memoria que su paso pueda dejar, si los que tienen algo que ver o decir así lo deciden. En breve, las formas y funciones de una conmemoración se construyen. Y se construyen colectivamente.

Neste capítulo, “A FESTA PENSADA: atividades oficiais que antecederam as comemorações”, analisamos o processo de criação das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração. Elegemos, para tanto, três pontos principais de análise. O primeiro deles se refere às duas primeiras atividades oficiais que antecederam as comemorações e fazem parte do seu processo organizacional: a instituição das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração através de um Decreto Estadual, e a cerimônia de instalação das comemorações, ocorridas no Palácio Piratini. Estes dois momentos nos permitiram ter acesso

---

<sup>27</sup> Declaração do Presidente da Comissão Coordenadora do Biênio da Colonização e Imigração, Victor Faccioni, à imprensa. FACCIONI, Victor. [Nota à imprensa]. Localização: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. (AHRs). Fundo: Biênio da Colonização e Imigração no Rio Grande do Sul, Caixa Arquivo A.

às justificativas e objetivos designados às comemorações, bem como à constituição da estrutura da organização dos festejos. O segundo ponto se refere às Comissões e Subcomissões Executivas de Homenagem, bem como aos Grupos de Trabalho. Buscamos verificar quantas e quais foram as Comissões formadas, verificar quem foram os membros destas Comissões e quais foram as atribuições destes grupos. No terceiro ponto, analisamos a criação do Símbolo Oficial para as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração que foi estampado em todo o tipo de promoção celebrativa (correspondências, propagandas, monumentos, entre outros), e também as propostas para a efetivação dos atos celebrativos através dos Programas Oficiais, que foram quantificados e mapeados, o que nos permitiu perceber o alcance destas comemorações em todo o Rio Grande do Sul.

## **2.1 INSTALAÇÃO OFICIAL DAS COMEMORAÇÕES: Decreto e Cerimônia**

A aproximação de datas emblemáticas para os grupos imigrantes, como os centenários, sesquicentenários e bicentenários apresentam-se como momentos oportunos de promoção de comemorações. Estes eventos celebrativos possuem importância social ao estabelecerem uma conexão entre passado, presente e futuro, promovendo assim uma sensação de continuidade entre tempos distintos, através da re/comemoração de um determinado passado, em um presente celebrativo, buscando alicerces para o futuro de seus respectivos grupos.

Para Gutman (2005) as vésperas destes aniversários suscitam principalmente a possibilidade da escolha entre comemorar ou não, afinal, as comemorações só acontecem de fato quando “las sociedades, advertidas de las vísperas, se constituyen en sus agentes promotores y construyen activamente sus sentidos y modalidad” (GUTMAN, 2012, p.38). A escolha comemorativa representa a abertura de oportunidades de construir celebrações de diferentes formas, o que acarreta em seleções, todas elas determinadas por critérios e valores presentes na subjetividade daqueles que participam deste processo.

Confirmando as afirmações anteriores, as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração tiveram como mote a aproximação do Sesquicentenário de chegada dos imigrantes alemães e o Centenário da chegada de imigrantes italianos ao Rio Grande do Sul, duas datas emblemáticas para ambos os grupos. Sobre a proposta do governo estadual para a promoção

de tais comemorações, Victor Faccioni, Presidente da Comissão Organizadora nos relatou<sup>28</sup> como foi o início do processo:

*“Eu era Chefe da Casa Civil no período de 1970 – 1974 do governo do estado e era também Deputado Estadual. O Governador era o Euclides Triches, quando recebi em audiência uma Comissão de São Leopoldo coordenadora dos festejos do Sesquicentenário da Imigração Alemã. Foram comunicar ao governo do estado a realização de um evento comemorativo e pediram apoio do governo. Eu disse que ia dar todo apoio, marquei uma audiência da Comissão com o Governador. Quando a Comissão saiu eu fui verificar melhor as datas de todas as demais etnias e vi que no ano seguinte também os italianos e os poloneses iam comemorar [...] Então eu sugeri ao Governador que se comemorasse toda etnia rio-grandense, ao ensejo destes três eventos.”*

Através do depoimento de Faccioni compreendemos as circunstâncias em que ocorreu a proposta das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração. Foi devido ao movimento exercido pela Comissão organizadora do Sesquicentenário alemão, de busca de apoio para a promoção de suas comemorações, que o governo, na figura do Chefe da Casa Civil Victor Faccioni, se inteirou da aproximação das datas comemorativas de chegada de diferentes grupos imigrantes ao estado. A partir deste ato é que se propuseram as comemorações por parte do governo estadual, que delas se apropriou, ficando encarregado do processo organizacional dos eventos que se seguiriam. Ainda que se trate de comemorações em nível estadual, devido à sua grandiosidade, tratativas em nível federal também aconteceram<sup>29</sup>. O apoio inicial partiu do Presidente Emílio Garrastazu Médici em 1973, que fora sucedido pelo General Ernesto Geisel no ano seguinte. Da mesma forma, no Rio Grande do Sul, as tratativas iniciaram com o Governador Euclides Triches em 1973, que foi sucedido por Sinval Guazeli em 1975.

As comemorações do Biênio da Colonização e Imigração foram oficialmente justificadas da seguinte forma:

---

<sup>28</sup> FACCIONI, op.cit., 2016.

<sup>29</sup> Ainda que não tenhamos documentação que nos forneçam informações acerca do contato inicial que se estabeleceu com o Governo Federal, correspondências aleatórias trocadas entre 1974 e 1975 confirmam que havia contato entre a Comissão Organizadora das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração e o Ministério do Trabalho e Previdência Social, na figura do Ministro Arnaldo da Costa Prieto; Ministério dos Transportes na figura do Chefe de Gabinete Augusto Cesar de Sá da Rocha Maia; Ministério de Relações Exteriores na figura do Ministro Antonio Francisco de Azeredo da Silveira, entre outros.

As efemérides que se aproximam – o Sesquicentenário da Imigração Alemã e o Centenário da Imigração Italiana, este ano e no próximo, respectivamente – envolvem, na sua expressividade, cálidas emoções e encontram ressonância nos corações de centenas de milhares de rio-grandenses. O Biênio apoiou-se nestas duas jornadas de **evocação, de exaltação e de saudade**<sup>30</sup>, e partiu daí para uma ampla, justa, sábia visão da admirável saga humana que foi a formação do Rio Grande; e tratou de por em relevo, fiel ao sentimento de todos os rio-grandenses, o quinhão que cada etnia, cada raça, deu ao progresso e à civilização rio-grandense (FACCIONI, nota à imprensa).

Os preparativos para as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração tiveram início no ano de 1973, ou seja, houve pelo menos um ano dedicado a preparação e organização dos festejos. Este período que antecedeu as celebrações foi utilizado para tratar de ideias, discutir e planejar e, a partir destas escolhas começaram a tomar forma as comemorações. Inicialmente se definiram os objetivos oficiais que seriam vinculados à proposta comemorativa. Eles foram construídos em três linhas principais: primeiramente buscavam envolver a população gaúcha no processo de construção das comemorações tornando-a uma festa popular, em que a responsabilidade de tal promoção não ficasse somente a cargo do governo estadual; se queria também construir uma comemoração que se estabelecesse como um marco para o futuro através da propagação de mensagens que dessem visibilidade à integração étnica<sup>31</sup> no Rio Grande do Sul; por fim, se buscava intensificar o intercâmbio cultural e econômico<sup>32</sup> com os países de origem dos grupos imigrantes homenageados nas comemorações, buscando favorecer os investimentos estrangeiros no estado e no país no oportuno momento comemorativo e de exaltação dos imigrantes. Podemos perceber que se delinearam diferentes finalidades para os festejos, quais sejam, o intuito de uma festa popular apesar de seus contornos oficiais, a afirmação da integração étnica no

---

<sup>30</sup> Grifo nosso.

<sup>31</sup> “Há várias maneiras de pensar a etnicidade – inclusive analiticamente – mas julgo mais útil [...] reter apenas uma das suas múltiplas facetas: aquela que diz respeito às formas de representação e ação que dão suporte à identidade étnica através da percepção da distintividade cultural. Essa identidade é coletiva, supondo o reconhecimento da pertença a um grupo ou coletividade, e individual, porque significa a pessoa na sociedade. A identidade, assim como a memória, não pode ser inteiramente desapegada da realidade objetiva que lhe serve de base. Daí a necessária referência inicial à formação das etnicidades no contexto da colonização” (SEYFERTH, 2012, p. 22-23).

<sup>32</sup> “Tivemos a visita de numerosas missões do estrangeiro. Foram realizadas importantes transações comerciais. Investimentos de mais alto interesse para o Estado foram concretizados. A presença em nosso meio das lideranças empresariais de diversos países serviu para o lançamento das bases para um intercâmbio crescente e promissor” (RELATÓRIO OFICIAL DO GOVERNO DO ESTADO PARA O BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO NO ESTADO, 1976, p.09).

estado através de discursos<sup>33</sup> homogeneizadores e a intensificação do intercâmbio cultural e econômico.

Dentro do processo de organização das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, queremos analisar dois momentos relevantes, que foram: a instalação dos festejos, feita através de um Decreto e a cerimônia de abertura das comemorações.

O Decreto Estadual Nº 22.410, de 22 de abril de 1973 que instituiu as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração é composto por sete artigos que se propuseram a conduzir de maneira ordenada toda a organização das comemorações.

O texto normativo inicia com a justificativa para a proposta comemorativa. Ao longo de um parágrafo buscou-se dar reconhecimento a toda contribuição das levas imigratórias que se instalaram no Rio Grande do Sul. No documento oficial que instalou as comemorações, os imigrantes foram lembrados como mão de obra trabalhadora, mas também por sua contribuição à composição étnica e cultural tão diversa que resultou na sociedade gaúcha. Afinal, é a este imigrante que as comemorações prestaram homenagem, aquele colono que deu certo, que prosperou.

Ainda que as comemorações fossem destinadas a todos os grupos imigrantes em um discurso de integração, já no Decreto foi dada maior relevância a três deles: luso-brasileiros, alemães e italianos. Acreditamos que tal importância se justifique pelo fato de o grupo de açorianos ter sido pioneiro na imigração ao estado, e alemães e italianos serem lembrados devido à chegada de suas datas celebrativas de comemoração: Sesquicentenário e Centenário, respectivamente. Neste sentido, citamos o primeiro artigo do Decreto que estabeleceu os grupos imigrantes homenageados:

---

<sup>33</sup> Ao longo da escrita a palavra discurso será entendida como: "... a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. Por esse tipo de estudo se pode conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se" (ORLANDI, 2002, p.15), e neste sentido também nos valem da seguinte definição, de acordo com Albuquerque Júnior (2009, p.223-224): "uma peça oratória proferida em público ou escrita como se fosse para ser lida para um dado público [...] uma fala ou oração feita para dada audiência, podendo ser escrita previamente ou dita de improviso, tendo ficado registrada de alguma forma...".

Art. 1º - Fica instituído o Biênio da Colonização e Imigração, com o fim de celebrar, nos anos de 1974 e 1975, o feito dos **pioneiros**<sup>34</sup> [açorianos], o sesquicentenário da **imigração alemã**<sup>35</sup>, o centenário da **imigração italiana**<sup>36</sup> e a contribuição das **demais correntes imigratórias**<sup>37</sup> que se fixaram no Rio Grande do Sul.

Justificadas as comemorações, e destacados os grupos homenageados, o segundo artigo trata da composição das principais Comissões dos festejos<sup>38</sup>. As duas primeiras Comissões – Central e de Honra – foram compostas por autoridades das mais variadas esferas que estavam se atrelando às comemorações, juntamente com as instituições a que representavam. A Comissão Central foi presidida pelo Governador do Estado, enquanto que a Comissão de Honra era integrada pelo Governador, Vice-Governador, Senadores, Deputados Federais representantes do Rio Grande do Sul, além do Cardeal Arcebispo de Porto Alegre, do Presidente da Assembleia Legislativa do Estado, do Presidente do Tribunal de Justiça, do Comandante do III Exército, do Comandante do 5º Distrito Naval e do Comandante da 5ª Zona Aérea.

A Comissão Coordenadora que de fato esteve à frente do processo de organização das comemorações foi presidida pelo Secretário de Estado para Assuntos da Casa Civil Victor Faccioni e teve como Coordenador Geral o Secretário de Estado do Turismo Roberto Eduardo Xavier. O artigo cita ainda a criação de outras quatro Comissões, estas responsáveis por representar os grupos imigrantes homenageados: Comissão Executiva para celebrar o pioneirismo da colonização luso-brasileira, Comissão Executiva para as comemorações do Sesquicentenário da imigração alemã, Comissão Executiva para as comemorações do Centenário da imigração italiana e Comissão Executiva para celebrar a contribuição das demais correntes imigratórias no desenvolvimento do Estado. Os dois incisos deste artigo deram atenção especial às funções da Comissão Coordenadora, quais sejam, “ordenação e institucionalização das programações organizadas pelas Comissões Executivas, visando à integração dos eventos”.

O terceiro artigo, ainda dando atenção à Comissão Coordenadora, contém a listagem das autoridades que a compõe: Secretários de Estado, Chefe da Casa Militar, Consultor Geral do Estado, Procurador Geral da Justiça, Prefeito da Capital do Rio Grande do Sul, Decano do

---

<sup>34</sup> Grifo nosso.

<sup>35</sup> Idem.

<sup>36</sup> Idem.

<sup>37</sup> Idem.

<sup>38</sup> Neste subcapítulo analisaremos o texto do Decreto Nº 22.410 de 22 de abril de 1973 que institui as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração. A composição de cada uma das Comissões, nomeando os sujeitos nelas envolvidos será assunto tratado no próximo subcapítulo.

Corpo Consular junto ao Governo do Estado, Presidente da Liga de Defesa Nacional, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Presidente da Associação Rio-Grandense de Imprensa, Presidente da Federação das Indústrias do Estado, Presidente da Federação das Associações Comerciais do Estado, Presidente da Federação da Agricultura do Estado, Presidente da Associação dos Bancos do Rio Grande do Sul, representantes dos Presidentes de Federações de Trabalhadores na Indústria, Presidente da Federação dos Empregados no Comércio, Presidente da Federação dos Empregados em Estabelecimentos Bancários do Rio Grande do Sul, além de outras autoridades que a Presidência da Comissão Central viesse a indicar.

O quarto artigo define as incumbências de cada uma das Comissões Executivas, as quais veremos com maior atenção no decorrer da escrita.

O artigo quinto trata do desmembramento de cada uma das Comissões Executivas em três Subcomissões e suas respectivas funções: de Festividades, para Assuntos Históricos e Culturais e para Relações e Intercâmbio. Os quatro incisos deste artigo explicitam a forma como as Comissões e Subcomissões deveriam ser constituídas, determinando que seus membros fossem representantes de entidades de esferas pública e privada, além de personalidades ligadas à área da imigração, sendo que suas nomeações seriam realizadas pelo Governador que teria o poder de designar os Presidentes, e estes por sua vez poderiam indicar os Secretários e Tesoureiros dentre os membros que compusessem a respectiva Comissão. Sendo instaladas em cerimônias oficiais pelo Governador, as Comissões Executivas teriam como obrigação a realização de reuniões periódicas.

O artigo sexto trata da possibilidade de designação de servidores estaduais para colaborarem com as comemorações quando necessário e o sétimo e último artigo institui a entrada em vigor do Decreto, na data estabelecida.

Ao expormos o conteúdo do Decreto estadual que instituiu o Biênio da Colonização e Imigração, pudemos perceber que foi ele que deu às comemorações seu caráter oficial, ao institucionalizá-las e ser o documento base que conduziu sua organização. Ao ser um dos primeiros atos realizados em prol das comemorações, o Decreto buscou esclarecer quais os sentidos e objetivos que se estabeleceram para a proposta celebrativa, justificados na medida em que relembrou a história da imigração no estado devido a aproximação das datas de aniversário de chegada de alguns grupos imigrantes, rendendo homenagens e agradecimentos a eles. Em relação aos grupos homenageados nas comemorações e definidos pelo Decreto, foi feita uma diferenciação entre eles, já que açorianos, alemães e italianos são nomeados no

artigo e receberam Comissões de Homenagem exclusivas, enquanto os demais grupos foram remetidos de forma geral e constituíram uma única Comissão.

A formação das Comissões também diz muito sobre o caráter oficial das comemorações, já que a elas se vincularam agentes políticos de âmbito estadual e federal, além de líderes religiosos, representantes do Exército, Marinha e Aeronáutica. Os dois cargos de maior importância na Comissão Coordenadora, no contexto da organização das comemorações, foram preenchidos pelo Secretário da Casa Civil, alguém que respondia diretamente ao Governador do Estado, e também pelo Secretário de Turismo, demonstrando que havia interesse do governo para o desenvolvimento desta área durante as comemorações. A Comissão Coordenadora também possuiu representantes de áreas diversas, como a imprensa, indústria, comércio, agricultura e rede bancária, demonstrando desta forma que as entidades não só apoiaram como ainda buscaram se vincular ao processo comemorativo. A composição das Comissões transitou em torno de personagens de relevância nas esferas pública e privada, mas também personalidades e nomes ligados à área da imigração. O desmembramento das Comissões em Subcomissões foi a expressão da tríade que compôs o foco aos quais as comemorações se detiveram: festividades, assuntos históricos e culturais e relações e intercâmbio.

O teor do Decreto estadual que instituiu as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração nos permite perceber, ainda, que todo o processo comemorativo se manteve, ao longo dos dois anos, ligado diretamente ao governo estadual, cabendo a ele todas as deliberações necessárias para a efetivação de cada um dos atos comemorativos.

Outro ato que destacamos na análise das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração foi a sua cerimônia de instalação, ocorrida em 15 de maio de 1973 no Palácio Piratini em Porto Alegre.

Na imagem que segue vemos a mesa que presidiu o ato de instalação da Comissão Central, constituída pelo Governador Euclides Triches; pelo Cardeal de Porto Alegre, dom Vicente Scherer; pelo Presidente do Tribunal de Justiça, Desembargador Manoel Brustoloni Martins; pelo Senador Guido Mondin; pelos Deputados Federais Mário Mondin, Lauro Leitão e José Amaral de Souza; pelo Prefeito de Porto Alegre Telmo Thompson Flores; pelo Presidente da Câmara Municipal, Vereador José Aluísio Filho; pelo Decano do coro consular acreditado no Rio Grande do Sul, Werner Von Beyme, Cônsul Geral da Alemanha; pelo Presidente do Tribunal de Contas, Conselheiro Poty Medeiros; pelo Secretário da Casa Civil Victor Faccioni; pelo Chefe da Casa Militar do Palácio Piratini, Tenente-Coronel Odilon Camargo; pelo Delegado da Capitania dos Portos, Capitão-de-Fragata Vander Amoroso

Wang; pelo Tenente-Coronel Élio de Almeida Tavares; representante do Comandante do III Exército, General Oscar Luiz da Silva; pelos Deputados Estaduais Afonso Anschau, Martins Avelino Santini e Ivo Sprandel, e pelo Presidente da Junta Comercial, Rodolpho Englert.

**Figura 1:** Mesa de autoridades na Cerimônia Oficial de Instalação do Biênio da Colonização e Imigração.



Fonte: DUARTE, 1974, p.17.

Como vemos na imagem, a cerimônia ocorreu no Salão Alberto Pasqualini do Palácio Piratini<sup>39</sup>, e contou com um grande número de autoridades presentes, o que contribuiu para dar maior visibilidade às comemorações. O caráter solene deste momento pode ser notado pela escolha do local para a cerimônia e pelos convidados presentes, já que se tratava de “autoridades federais, estaduais e eclesiásticas, prefeitos de municípios localizados nas

<sup>39</sup> A cerimônia de instalação das comemorações do Biênio da Colonização teve presente consigo a simbologia do local onde ocorreu, o Salão Alberto Pasqualini no Palácio Piratini. Tratando-se de uma comemoração em homenagem às correntes imigratórias vindas para o Rio Grande do Sul, queremos destacar que o Salão em questão é ornamentado por uma obra de Aldo Locatelli, chamada “A Formação Histórico-Etnográfica do Povo Riograndense”. Na obra o autor retrata “elementos alusivos à formação do Rio Grande do Sul [...] elabora e apresenta em seu mural, a partir de diversos grupos simbólicos, a memória étnica e histórica do Rio Grande do Sul (OLIVEIRA, 2011, p.93)”. O que chama a atenção e recentemente foi tema de reportagens jornalísticas, é a ausência do negro, que aparece em outro painel através da lenda do Negrinho do Pastoreio. Em sua dissertação, Oliveira (2011, p.106) justifica tal ausência devido à historiografia vigente na época em que a obra foi feita: “[...] nas décadas de 1940 e 1950, essa figura [do negro] não estava incorporada à história, à cultura e à mistura étnica gaúcha. Dessa maneira, a inexistência da imagem do negro no mural está intimamente relacionada ao ambiente intelectual em que Locatelli encontrava-se inserido”.

regiões nas quais predominavam as correntes de imigração e colonização alemã, italiana, luso-brasileira e outras” (DUARTE, 1974, p.16).

Durante a cerimônia o Governador Euclides Triches foi o responsável, como já havia sido determinado pelo Decreto, por instalar a Comissão Central, composta pela Comissão de Honra e Comissão Organizadora. Muitos discursos foram proferidos ao longo do cerimonial, e através deles queremos destacar o que pensavam, queriam comunicar e sentiam os personagens envolvidos nessa ocasião.

O Governador Euclides Triches, primeiro a se pronunciar, anunciou os anos de 1974 e 1975 como sendo comemorativos. Anos estes em que se buscava valorizar e dar a devida importância à contribuição das primeiras correntes imigratórias, bem como de seus descendentes para o desenvolvimento do estado. Ao abrir os anos comemorativos, anunciou que foi este o primeiro momento de planejamento e organização das celebrações que se seguiriam:

*“A partir de hoje, vamos colocar a nossa criatividade e o nosso empenho em favor de uma causa das nobres: o planejamento e a realização de um amplo programa de comemorações em homenagem aos bravos colonizadores imigrantes e destacar a sua obra em nosso meio, motivo do mais justificado orgulho de todos nós”* (RELATÓRIO OFICIAL DO GOVERNO DO ESTADO PARA O BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO NO ESTADO, 1976, p. 49).

Outro assunto destacado tanto na fala do Governador Triches quanto nas comemorações do Biênio da Colonização e Imigração ao longo dos mais diferentes atos celebrativos propostos, foi a figura do gaúcho. Construiu-se conjuntamente às comemorações a origem deste gaúcho que se formou a partir da miscigenação das tão diversas etnias que aportaram no estado, e que *“com características tão pronunciadas, se firmou dentro da nacionalidade brasileira, vivendo numa das melhores regiões do mundo e disposto, mais do que nunca, a contribuir para a grandeza do Brasil”* (RELATÓRIO OFICIAL DO GOVERNO DO ESTADO PARA O BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO NO ESTADO, 1976, p. 49).

Após o discurso do Governador, outra autoridade a discursar foi o Presidente da Comissão Organizadora, Victor Faccioni, que por ter sua figura reconhecida ao ser convidado para presidir a Comissão, aproveitou o momento para ressaltar os sentimentos que o moveram a participar ativamente do processo comemorativo. Ao se pronunciar, remeteu sua fala aos imigrantes e seus descendentes, que seriam homenageados nas comemorações por terem realizado o que chamou de *“verdadeira epopeia, feita de suor e de trabalho, de estoicismo e*

*de devotamento, de renúncia e de amor, de confiança e de fé, de solidariedade e de integração”* (RELATÓRIO OFICIAL DO GOVERNO DO ESTADO PARA O BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO NO ESTADO, 1976, p. 50).

Ao trazer estes dois momentos que antecederam as comemorações, queremos evidenciar sua oficialidade, através de ações como a seleção dos grupos imigrantes homenageados, a organização do processo comemorativo através da criação de Comissões e Subcomissões Executivas de Homenagem, a criação de um Decreto que deliberou as funções destas Comissões, a escolha das autoridades, sujeitos, instituições públicas e privadas que se vincularam às comemorações, as normativas e a hierarquia que conduziu as tarefas organizativas, tendo na figura do Governador seu comandante máximo, a instalação das comemorações no prédio representativo da autoridade do governo estadual em um cerimonial solene, repleto de discursos e autoridades dos mais diversos âmbitos. São estas ações que nos dão certeza do caráter oficial das comemorações, onde o Governo do Rio Grande do Sul se mostra como condutor de todo o processo comemorativo, conforme falou Victor Faccioni em seu discurso durante a cerimônia de instalação das comemorações:

*“Quis o Governo do Estado se unir, senão **liderar**<sup>40</sup>, estas significativas comemorações, aliando-se a alegria que invade os corações dos rio-grandenses, colocando-se ao lado das entidades privadas e do povo em geral, cômico da responsabilidade que lhe cabe e do dever honroso que tem a cumprir.”*

É na conjugação destes dois momentos que vemos se instaurar a oficialidade do processo comemorativo ao qual nos propomos a analisar nesta pesquisa.

## **2.2 COMISSÕES, SUBCOMISSÕES DE HOMENAGEM E GRUPOS DE TRABALHO**

A partir da publicação do Decreto de instalação das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração e da realização da cerimônia oficial de instalação das Comissões de Honra e Coordenadora no Palácio Piratini – momentos que marcaram a abertura do processo de organização dos festejos –, deu-se seguimento às atividades oficiais celebrativas.

Conforme pudemos verificar anteriormente, o Decreto estadual que instalou as comemorações foi responsável por determinar os procedimentos que seriam adotados para que as celebrações se efetivassem de modo organizado e sob o olhar do governo do estado. Um dos pontos citados por ele e que queremos dar maior atenção neste momento é a

---

<sup>40</sup> Grifo nosso.

formação de Comissões Executivas de Homenagem, Subcomissões Executivas de Homenagem e Grupos de Trabalho.

Referente a estas Comissões, sabemos de antemão que se trata de grupos organizados com a finalidade de representar uma determinada etnia que no presente comemorativo estava sendo homenageada. Sabemos também que, ainda que subordinadas às Comissões de Honra e Coordenadora, compostas por agentes do governo estadual, estas outras Comissões, representativas dos grupos imigrantes, possuíam o poder e a responsabilidade da organização e tomada de decisões acerca de como comemorar a etnia a qual representavam.

Estas Comissões foram formadas por pessoas autorizadas pelo governo do estado e que tiveram a incumbência de tomar decisões em relação às comemorações. Assim, estes agentes foram portadores do poder de decisão do passado que seria retomado nas comemorações, e àquele que seria deixado de lado, e nesse sentido “essa abordagem irá se interessar, portanto, pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias” (POLLAK, 1989, p.04). Os atos e decisões tomadas por estes grupos serão analisados a partir do conceito de modos de usar o passado<sup>41</sup>, já que de acordo com Traverso (2012, p.24) “[...] a memória, individual ou colectiva, é uma visão do passado que é sempre filtrada pelo presente”. Deste modo, este “filtro do presente” será analisado através do conceito, anteriormente citado, em diferentes momentos: ao investigarmos os discursos expressados pelos agentes promotores das comemorações durante as celebrações e que compõem a documentação oficial; ao verificarmos os membros que se destacam na composição destas Comissões e quais as atividades por eles exercidas ou, a que instituições estavam relacionados e que resultaram em reconhecimento e convite para que fizessem parte de uma das Comissões; e, ao verificar as atribuições das Comissões, Subcomissões e Grupos de Trabalho, acreditando que “o passado transforma-se em memória colectiva depois de ter sido seleccionado e reinterpretado segundo as sensibilidades culturais, as interrogações éticas e as conveniências políticas do presente” (TRAVERSO, 2012, p.10) e compreendendo que “qualquer discurso histórico é susceptível de usos políticos<sup>42</sup>”(REVEL e HARTOG, 2001, p.14).

Ao analisar a formação das Comissões, Subcomissões e Grupos de Trabalho, a partir dos autores citados, estamos trabalhando também com os objetos da História Política, já que

---

<sup>41</sup> Traverso (2012) ao abordar o conceito de “usos políticos do passado” em sua obra, o faz através do exemplo da positivação acerca da memória do Holocausto durante as comemorações do sexagésimo aniversário da libertação de Auschwitz, em que esta memória recebe como discurso principal a integração da Alemanha com o Ocidente, ligando a Shoah ao processo de civilização, e posicionando este fato histórico dentro de uma “normalidade”.

<sup>42</sup> Em francês: “Tout discours historique est susceptible d’usages politiques”.

ela trata das “representações que comandam a maneira pela qual uma época, um país ou grupos sociais conduzem sua ação, encaram seu futuro” (ROSANVALLON, 1995, p.09), e em relação às Comissões, foram elas as responsáveis pela criação de representações da imigração no bojo de comemorações que querem ser marco para o futuro.

Verificamos que ao todo foram formadas nove Comissões e dez Grupos de Trabalho ao longo dos anos 1973 e 1974. Em 1973 foram instaladas as seguintes Comissões: Comissão de Honra<sup>43</sup>, Comissão Coordenadora<sup>44</sup>, Comissão Executiva dos Festejos do Sesquicentenário da Imigração Alemã<sup>45</sup>, Comissão Executiva para as Comemorações do Centenário da Imigração Italiana<sup>46</sup>, Comissão Executiva das Comemorações Luso-Brasileiras<sup>47</sup> e Comissão Executiva para Programações Esportivas nos Festejos do Biênio da Colonização e Imigração<sup>48</sup>. Em 1974, já durante as comemorações, se instalou a Comissão Executiva de Homenagem ao Negro<sup>49</sup>, Comissão Executiva de Homenagem ao Índio<sup>50</sup> e Comissão Executiva de Homenagem às Correntes Imigratórias<sup>51</sup> que foi subdividida nos seguintes Grupos de Trabalho: Argentina, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Israel, Árabe<sup>52</sup>, Polônia<sup>53</sup>, Uruguai, Espanha<sup>54</sup> e Japão<sup>55</sup>.

Dentre as Comissões formadas, duas ganham atenção especial pelas suas especificidades. São elas: Comissão Executiva para Programações Esportivas nos Festejos do Biênio da Colonização e Imigração e as Comissões Regionais do Biênio da Colonização e Imigração. A primeira delas se destaca porque de todas as Comissões formadas, apenas ela não se referia a um determinado grupo de imigrantes. Foi através do Decreto Nº 22.507, de 02 de julho de 1973, que se instalou a Comissão Executiva para organizar e supervisionar o programa de promoções esportivas, de âmbito estadual, nacional e internacional. Tal Comissão teve como Presidente o Secretário de Estado da Educação e Cultura, como Vice-Presidente o Presidente do Conselho Regional de Desportos, e como Secretário Executivo o Diretor do Departamento Estadual de Desportos, podendo ainda integrar a Comissão nomes de destaque no esporte gaúcho. A formação de uma Comissão especializada em assuntos

---

<sup>43</sup> Instalada oficialmente em 15 de maio de 1973.

<sup>44</sup> Idem.

<sup>45</sup> Instalada oficialmente em 20 de junho de 1973.

<sup>46</sup> Instalada oficialmente em 15 de agosto de 1973.

<sup>47</sup> Instalada oficialmente em 29 de outubro de 1973.

<sup>48</sup> Instalada oficialmente em 02 de julho de 1973.

<sup>49</sup> Instalada oficialmente em 22 de março de 1974.

<sup>50</sup> Instalada oficialmente em 08 de julho de 1974.

<sup>51</sup> Instalada oficialmente em 25 de março de 1974.

<sup>52</sup> Instalado oficialmente em 08 de agosto de 1974.

<sup>53</sup> Instalado oficialmente em 18 de abril de 1974.

<sup>54</sup> Instalado oficialmente em 05 de junho de 1974.

<sup>55</sup> Instalado oficialmente em 01 de outubro de 1974.

esportivos demonstra que foi dada importância a este tipo de evento ao longo das celebrações. Os eventos esportivos foram muitos e diversos, caracterizando um modo de comemorar popular, ao serem realizados, por exemplo, campeonatos de futebol, vôlei e bocha – esportes populares e/ou que guardam uma memória étnica –, e também campeonatos de hipismo e ginástica – eventos esportivos de caráter erudito e mais requintado. Também por meio da promulgação de um Decreto – Nº 23.244, de 09 de agosto de 1974 – se regulamentou a criação de Comissões Regionais<sup>56</sup> do Biênio da Colonização e Imigração, para além das Comissões Centrais citadas anteriormente. Algumas cidades do interior demonstraram interesse na formação destas Comissões Regionais, como foi o caso da Região da Quarta Colônia<sup>57</sup> e do Vale do Taquari<sup>58</sup>, que constituíram Comissões Regionais em Homenagem ao Centenário da Imigração Italiana.

Mas quem foram estes agentes detentores da função de selecionar o passado que iria compor as comemorações, e que integraram as Comissões de Homenagem? Primeiramente, questionamos o Presidente da Comissão Organizadora sobre o procedimento utilizado para a escolha dos membros das Comissões, ao que Victor Faccioni<sup>59</sup> nos relatou:

*“Procuramos encontrar gaúchos que tivessem descendência de cada etnia e formar as respectivas Comissões Coordenadoras de cada etnia, inclusive entidades como a Sociedade Judaica, e outras entidades que tem aí, ligadas a história da etnia do respectivo povo. [...] Muitas destas comunidades tinham entidades culturais representativas. Eles indicaram e eu relacionei a indicação, e cada uma dessas etnias indicou quem dos seus membros iria presidir a Comissão. Então tivemos uma Comissão Central da qual eu fui o Coordenador. Depois cada etnia teve uma Comissão própria. Eu como Coordenador da Central procurava o quê: compatibilizar o programa de uma etnia com a outra pra não se chocarem, não haver coincidência de datas de eventos, procurando que cada etnia tivesse no dia ou na hora a sua comemoração sem concorrência da outra etnia. Pelo contrário, as Comissões Coordenadoras de cada etnia eram convidadas oficiais para participar dos eventos de cada uma das etnias.”*

---

<sup>56</sup> Ainda que haja um Decreto instalando as Comissões Regionais, elas não são citadas no restante da documentação oficial, como as atas de reuniões das Comissões e os relatórios do Biênio da Colonização e Imigração.

<sup>57</sup> De acordo com Manfio (2015), na região da Quarta Colônia se criou a Comissão Diocesana da Imigração Italiana, disposta a programar uma comemoração religiosa, a qual foi presidida pelo Padre Luiz Sponchiado a convite do Bispo da Diocese de Santa Maria, Dom Ivo Lorscheiter. De acordo com a autora esta Comissão promoveu uma comemoração ao Centenário da Imigração Italiana, tendo a religiosidade como foco central.

<sup>58</sup> De acordo com o Jornal Opinião, de 28 de setembro de 1973, a cidade de Encantado constituiu uma Comissão Central do Centenário de Colonização Italiana, tendo como Presidente o Vice-Prefeito Ampère Maximino Giordani.

<sup>59</sup> FACCIONI, op.cit., 2016.

A resposta dada por Faccioni vem confirmar o que o Decreto de instalação das comemorações já havia designado: que as Comissões seriam formadas por representantes escolhidos pelo Governo do estado e que de alguma forma já estivessem vinculados e fossem conhecidos na comunidade do grupo imigrante que estariam representando. Percebemos também que houve o cuidado para que nenhuma comemoração proposta por uma das Comissões se sobressaísse em relação à outra, estando a cargo da Comissão Organizadora a compatibilização dos programas de cada etnia.

Os agentes sociais e políticos que compuseram as Comissões, Subcomissões e Grupos de Trabalho foram: Comissão de Honra<sup>60</sup>, Comissão Coordenadora<sup>61</sup>, Comissão Executiva para celebrar o pioneirismo da colonização luso-brasileira<sup>62</sup>, Comissão Executiva para as celebrações do Sesquicentenário da Imigração Alemã<sup>63</sup>, Comissão Executiva para as celebrações do Centenário da Imigração Italiana<sup>64</sup>, Comissão Executiva para celebrar a contribuição das demais correntes imigratórias no desenvolvimento do Estado<sup>65</sup>, Comissão

---

<sup>60</sup> Governador do Estado, Vice-Governador do Estado, Senadores e Deputados Federais do Rio Grande do Sul, Cardeal Arcebispo de Porto Alegre, Presidente da Assembleia Legislativa do Estado, Presidente do Tribunal de Justiça, Comandante do III Exército, Comandante do 5º Distrito Naval e Comandante da 5ª Zona Aérea.

<sup>61</sup> Presidente – Victor Faccioni; Coordenador Geral – Roberto Eduardo Xavier; Coordenador Executivo – Oswaldo Goidanich. Mais tarde com o pedido de demissão do Coordenador Geral e com a criação do cargo de Vice-Presidente, a constituição da Comissão foi a seguinte: Presidente – Victor Faccioni; Vice-Presidente – Ruy Remi Rech; Coordenador Geral – Oswaldo Goidanich; Coordenador Executivo – Ernesto Cros Valdez.

<sup>62</sup> Presidente – Poty Medeiros; Vice-Presidentes – Adroaldo Mesquita da Costa, Francisco Martins Bastos, Henrique Augusto Milagre e Moisés de Moraes Vellinho; Secretário Geral – Carlos Alberto Allgayer; Tesoureiro – Marino Leitão de Abreu; Secretária Executiva – Gabrielle Erzsebet Nemethy. Subcomissão de Assuntos Culturais: Presidente – Guilhermino Cesar; Subcomissão de Assuntos Históricos: Presidente – José Pereira Coelho de Souza; Subcomissão de Festividades: Presidente – Desembargador José Danton de Oliveira; Subcomissão de Relações e Intercâmbio: Presidente – Marcelo Moreira Tostes; Comitê de Imprensa: Diretor – Antonio Carlos Ribeiro.

<sup>63</sup> Presidente – Rodolpho Englert; Vice-Presidentes – Germano Oscar Moehlecke e Victor Hugo Kunz; Secretário Executivo – João Sigismundo Baldauf; Tesoureiro – Carlos Raush; Diretor de divulgação – Hugo Hammes; Membro Honorário – Werner Von Beyne, Cônsul Geral da República Federal da Alemanha. Subcomissão Assuntos Históricos: Presidente – Professor Telmo Lauro Müller; Subcomissão de Festividades: Presidente – Dr. Carlos Bento Hofmeister Filho; Subcomissão de Relações e Intercâmbio: Presidente – Alfredo Lindemann.

<sup>64</sup> Presidente – Ottoni Adelino Zatti Minghelli; Vice-Presidentes – Aristides Amadeo Germani, Moisés Michelin, Enio Lippo Verlangieri e Oddone Marsiaj; Tesoureiro – Luiz Mandelli; Secretário Geral – Mário Bernardo Sesta; Secretária Geral – Lourdes Maria Fellini Sartor; Membro Honorário – Dr. Renato Rabby, Cônsul Geral da Itália. Subcomissão de Assuntos Históricos: Presidente – Dante de Laytano; GT para Assuntos de Livro: Coordenador Moacir Flores; GT para Assunto de Cinema: Coordenador – Paulo Gastal; GT para Assuntos de Artes Plásticas: Coordenador – Carlos Antonio Mancuso; GT para Assuntos de Música: Coordenador – Enio de Freitas e Castro; GT para Assuntos de Universidade: Coordenador – Luiz Carlos Mesquita Rothmann; GT para Assuntos Diversos: Coordenador – Salvador Rosito.

<sup>65</sup> Presidente – Diego Blanco; Tesoureiro – Alexandre Henrique Gruszynski; Secretária Executiva – Lúcia Vera D'Aló; Coordenadores – Sérgio Pellegrini (Argentina), Irmão Dionísio Fuertes Alvarez (Espanha), Don Charles Bird (Estados Unidos), Armindo Beux (França), Basil Harvey Lawson (Grã-Bretanha), Saul Nicolaiewsky (Israel), Hiroshi (Japão), Roque Gilberto Chedid (Líbano), Edmundo Gardolinski (Polônia) e José Pedro Pablo Gigena (Uruguai); Membros Honorários – Cônsules dos seguintes países: Edelberto Jesus Lemos, Argentina;

Executiva para as promoções esportivas<sup>66</sup>, Comissão Executiva de Homenagem ao Negro<sup>67</sup> e Comissão Executiva de homenagem ao Índio<sup>68</sup>.

Buscando identificar os espaços em que estes sujeitos transitavam, temos o seguinte panorama: a maioria deles estava politicamente ligado a algum partido ou cargo público no presente comemorativo ou exerceu tal função ao longo de sua vida (são Prefeitos, Vereadores, Senadores, Deputados, Cônsules, Ministros, Secretários, Desembargadores, entre outros); também representantes religiosos, de matriz católica, luterana e jesuíta; membros da imprensa; intelectuais ligados a instituições como Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Academia Sulriograndense de Letras, Centro de Memória do Esporte, Instituto Anchietano de Pesquisa, entre outros; representantes militares e do Poder Judiciário; além de representantes de outros segmentos: advogados, professores, engenheiros, empresários, arquitetos. De modo geral, trata-se de agentes políticos ligados às demandas do Rio Grande do Sul, de agentes sociais vinculados às comunidades étnicas seja pela sua descendência e representativa liderança, seja por estar associado a instituições de memória e pesquisa referentes a estes grupos.

Ao considerar o grande número de integrantes de cada uma das Comissões, queremos ressaltar que havia um núcleo central que tomava as principais decisões: a Comissão Organizadora. Por ocupar um dos cargos mais importantes dentro das Comissões e por estar envolvido de um modo geral com todas elas, Victor Faccioni, Presidente da Comissão Organizadora é um dos nomes mais citados em todo o âmbito das comemorações e na documentação oficial. Faccioni, nascido em Caxias do Sul, possui quatro formações: contabilista, advogado, economista e jornalista. No momento comemorativo representava uma força política de reconhecimento. Filiado ao Partido ARENA desfrutou de três mandatos na

---

Hermínio Moralez Fernandez, Espanha; Timothy L. Towell, Estados Unidos; Louis Pannier, França; Israel Sima, Israel; Jiro Nishikawa, Japão; Salomão Malcon, Líbano; Hans Peter Sternberg, Países Baixos; Wladislaw Malik, Polônia; Maçã Hourcade, Uruguai.

<sup>66</sup> Presidente – Mauro Costa Rodrigues; Vice-Presidente – Evaldo Campos; Membros – Henrique Bonnet Licht, Mário Emílio de Menezes, Carlos Pandolfo, João Giugliani Filho, Carlos Bento Hofmeister, Arnaldo Willy Becker, Adil Müller Quites e Carlos Silveira Falcetta.

<sup>67</sup> Presidente – Deputado Carlos Santos; Vice-Presidentes – Francisco de Paula Freitas, Alberto André, Israel Rodrigues da Rocha, Antonio Estevão Allgayer e Padre Rubem Neis; Secretário Geral – Cláudio Dias; Tesoureiro – Jorge Figueiredo; Secretário Executivo – Carlos Marcelino Bolleto Santos. Subcomissão de Assuntos Históricos e Culturais: Presidente – Geraldina da Silva; Subcomissão de Festividades: Presidente – Julio Soares; Subcomissão de Relações e Intercâmbio: Presidente – Gilberto Brasil; Comitê de Imprensa: diretor Eloy Dias dos Ângelos;

<sup>68</sup> Presidente – Oscar Machado; Vice-Presidentes – Breno Borges Fortes, Lauro Pereira Guimarães e Jimmy Rodrigues; Secretário Geral – Hugo Ramirez; Tesoureiro – Plínio da Silva Russomano; Membros – Padre Pedro Ignácio Schmitz, Lothar Hessel, Francisco Mauro Salzano, Darcy Pivetto, Pedro Augusto Mendes Ribeiro, José Joaquim Justimiano Proenza Brochado, Itala Basile Becker, Padre Arnaldo Bruxel, Ursula Wisintainer, Amadeu Fagundes de Oliveira Freitas, Geraldo Meyer Fagundes, Rubem George Oliven, Eurico Müller, Luis Luisi, Nestor José Gollo, Emilce Jaeger, Arlindo Zatti, José Alcibíades de Oliveira e Glaucus Saraiva.

Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, entre 1963 e 1975. Sua vida política esteve relacionada às mais diversas áreas, como: turismo, agricultura, desenvolvimento econômico, obras públicas, entre outras. Foi convidado pelo Governador Euclides Triches para o cargo de Presidente da Comissão Coordenadora do Biênio da Colonização e Imigração enquanto ocupava o cargo de Secretário de Estado para Assuntos de Casa Civil e Gabinete do Governador.

O Coordenador Geral desta mesma Comissão, Roberto Eduardo Xavier, também participou do governo estadual, sendo nomeado em 1972 Secretário-Geral do Conselho de Desenvolvimento da Comercialização, função acumulada a de Diretor do Departamento da Secretaria de Indústria e Comércio. Mas em 1973 foi anunciado como Secretário de Turismo do Rio Grande do Sul, cargo que ocupava quando assumiu suas funções nas comemorações. Desempenhou ativamente seu cargo de Secretário do Turismo, sendo que em sua gestão foram construídos o Parque da Guarita em Torres e o Parque do Caracol em Canela, grandes atrações turísticas do estado. Sua participação na Comissão Coordenadora das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração demonstra que havia o objetivo de promover atividades culturais e turísticas no estado no bojo dos festejos. Em meio às celebrações, no ano de 1974, a Secretaria de Turismo coordenada por Xavier ingressou na União Internacional de Organismos Oficiais de Turismo. Deixou o cargo no ano de 1975.

Oswaldo Goidanich, Coordenador Executivo da Comissão Coordenadora, era uma figura ligada a música, artes plásticas e turismo. Ao longo de sua vida exerceu o cargo de Diretor do Serviço Estadual de Turismo, de Diretor Adjunto de Planejamento da Empresa Brasileira de Turismo, de Coordenador da Comissão Especial de Estudos de Levantamento e Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Rio Grande do Sul, foi também membro da Comissão do Auditório Araujo Vianna e quinto Presidente da Fundação de Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. Sua função durante as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração foi manter em contato a Comissão Coordenadora e os representantes estrangeiros, seja para convites, seja para a divulgação de eventos:

Sendo assim, o governador Euclides Triches designou Oswaldo Goidanich como representante da Comissão para o estabelecimento de contatos com a Alemanha, Itália, Áustria e Portugal. Com esta nomeação Goidanich realizou constantes viagens a esses países durante aqueles dois anos, mantendo contato com as mais diversas áreas, desde confirmações para apresentações musicais, como a da Orquestra de Câmara “Salzburg Solisten” da Áustria, passando por exposições, mostras e aquisições, como a réplica da *Pietà* para a igreja de São Pellegrino em Caxias do Sul, até relações comerciais, como aquelas com as Câmaras de Comércio do Vêneto e de Vicenza, além dos bancos Nazionale del Lavoro, de Roma, e Commerciale Italiana, de Milão (HOHFELDT, 2008, p.32).

Além dos nomes conhecidos na política gaúcha que integraram as Comissões, temos também os representantes dos grupos imigrantes e de instituições a eles ligadas. É o caso de Moysés de Moraes Vellinho, Vice-Presidente da Comissão Executiva para celebrar o Pioneirismo da Colonização Luso-Brasileira. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, historiador, escritor, ensaísta e crítico literário. Sua ligação com a Comissão Luso-Brasileira está no fato de que esteve vinculado à vertente lusitana da historiografia rio-grandense.

Outro personagem ligado à sua comunidade étnica foi Telmo Lauro Müller, Presidente da Subcomissão para Assuntos Históricos relativos à etnia alemã. O Professor Telmo Lauro Müller era historiador, museólogo, e escritor, considerado referência nos estudos da colonização alemã no Brasil e Rio Grande do Sul. Foi um dos fundadores do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, sendo diretor da instituição até o ano de 2007.

Da mesma forma, a escolha de Carlos Santos como Presidente da Comissão de Homenagem ao Negro se deve à sua trajetória na defesa deste grupo: foi líder sindical, participou de associações étnicas, foi dirigente da Liga de Futebol José do Patrocínio formada por negros, manteve contatos com a Frente Negra Pelotense, fundou o Centro Cultural Marcílio Dias e participou do Clube Carnavalesco “Braço é Braço”.

Esta pequena e demonstrativa relação de alguns nomes de personagens que fizeram parte das Comissões, Subcomissões e Grupos de Trabalho nos serve como exemplo para afirmar que a escolha destes membros não se deu de forma aleatória, mas sim que houve um propósito com a escolha de cada nome, seja por sua posição política, seja por sua identificação com a comunidade étnica que iria representar.

Por fim, queremos verificar quais foram as funções designadas a este grupo de pessoas. Foi através do artigo 4º do Decreto de instalação do Biênio da Colonização e Imigração que se expôs suas incumbências:

Art. 4º - Às Comissões Executivas incumbirá nas respectivas áreas:

I - Proceder ao levantamento histórico do fato imigratório, planejar e estabelecer suas condições evocativas, setorizar e planificar comemorativos oficiais;

II - Estruturar as linhas básicas dos festejos, supervisionar e fiscalizar a execução do programa de comemoração da chegada dos imigrantes ao território estadual;

III - Promover entendimentos com autoridades federais, estaduais, municipais, diplomáticas e consulares;

IV - Articular-se com comissões municipais e regionais instituídas com idêntica finalidade;

V - Estabelecer intercâmbio com entidades interessadas no estudo, na pesquisa e na divulgação dos fatos que deram origem ao povoamento do solo sul-rio-grandense, das tradições, dos encontros e fusão de elementos culturais que marcaram com características inconfundíveis o meio físico e a paisagem humana deste Estado;

VI - Promover e executar outras tarefas compatíveis com a natureza de suas atribuições.

Quanto às Subcomissões:

Art. 5º - As Comissões Executivas funcionarão sob a forma de Subcomissões, assim relacionadas:

a) Subcomissões de Festividades, encarregadas de organizar as comemorações sociais, esportivas e populares;

b) Subcomissões para Assuntos Históricos e Culturais, incumbidas da realização de estudos, trabalhos escritos, conferências, concursos e outros relacionados com o fato imigratório;

c) Subcomissões para Relações e Intercâmbio com os países de origem dos imigrantes, com vistas a benefícios econômicos, sociais e culturais recíprocos.

As tarefas relacionadas no Decreto e que designavam as funções das Comissões, Subcomissões e Grupos de Trabalho buscaram dar conta de toda a gama de objetivos que as comemorações queriam alcançar: históricos, festivos, diplomáticos, culturais, populares, econômicos e sociais. Foi através da programação oficial das comemorações que estas funções foram sendo desempenhadas e foram ganhando forma. Neste sentido Catroga (2001, p.48) afirma que

O seu conteúdo [da memória] é inseparável dos seus campos de objetivação e de transmissão – linguagem, imagens, relíquias, lugares, escrita, monumento – e dos ritos que o reproduzem. O que mostra que, nos indivíduos, não haverá memória colectiva sem suportes de memória ritualisticamente compartilhados. É certo que a memória pode também operar a partir de traços inscritos na mente, mas a socialização do sujeito exige revivificações, como acontecia nas sociedades sem escrita. E, o aparecimento desta, embora tenha desenvolvido novas mnemotecnias, não matou o rito enquanto meio adequado à construção e reprodução de memórias individuais e colectivas.

É na construção do Símbolo Oficial e dos Programas comemorativos que veremos como as Comissões, Subcomissões e Grupos de Trabalho desempenharam suas funções.

### 2.3 SÍMBOLO OFICIAL E PROGRAMAS COMEMORATIVOS

O Símbolo Oficial das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração além de marcar a presença dos festejos nos mais diferentes meios, apresentou-se como uma forma didática de atingir um maior número de pessoas, comunicando visualmente de maneira instantânea, devido a sua fácil interpretação.

De acordo com Agulhon (1988 apud RIBEIRO, 1995, p.14)

Um poder político, com efeito, não é somente composto de homens que instauram e que manobram certas instituições, que se dizem donos de certas ideias e exercem certas ações. Ele visa se fazer reconhecer, identificar e, se possível, favoravelmente apreciar, graças a todo um sistema de signos e de emblemas dos quais os principais são aqueles que são vistos.

Neste sentido, e de acordo com os novos objetos de pesquisa pelos quais se interessa a História Política, analisamos o símbolo criado para as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, considerando que as simbologias e o imaginário são mecanismos utilizados para conquistar, conservar e demarcar o poder político. De acordo com Motta (1996, p.90) “símbolo seria uma forma de representação, um tipo de signo, cujo significado não pode ser apresentado diretamente. O símbolo se refere a um sentido, não a uma coisa tangível. Ele trabalha com uma ordem de fenômenos invisíveis e virtualmente inefáveis”. O mesmo autor afirma também que as representações servem como instrumento de intervenção e de legitimação de determinadas práticas.

A criação de um símbolo que acompanharia todos os eventos, documentos e divulgação de qualquer natureza das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração se deu através do Decreto Nº. 22.601 de 24 de agosto de 1973, que instituiu a criação de um símbolo que se acreditava ser uma “força comunicativa da mais alta eficiência na transmissão de ideias, mensagens e eventos”. Ainda de acordo com o Decreto:

A marca-símbolo construída em forma de roda giratória, expressiva da união dinâmica de componentes étnicos, e da estilização das bandeiras de diversas nações, figurativa da fraternidade entre os povos a que se prende a origem da população deste Estado, constitui veículo rigoroso da ideia de uma unidade saída do ecletismo de várias gentes.

**Figura 2:** Símbolo do Biênio da Colonização e Imigração.



**Fonte:** O SÍMBOLO DO BIÊNIO E SUA UTILIZAÇÃO, 1973, p.9-10.

A criação do símbolo foi uma contribuição da Agência MPM Propaganda S.A. para as comemorações, que apresentou ao governo do estado a seguinte ideia:

Partiu da estilização de uma reunião de bandeiras de muitas nações. Em uma ideia de acontecimento. De festa. De fraternidade entre estes povos. Uma união dinâmica. 360 graus. Uma dança harmoniosa onde um ecletismo de gente, cada qual com seus rituais e tradições, vai formando seus pares. Como os aros da roda da carreta do colono. Com o trabalho de cada um, a roda gira. (O SÍMBOLO DO BIÊNIO E SUA UTILIZAÇÃO – Da “memória” apresentada ao Governo do Estado pela MPM Propaganda S.A., ao oferecer o Símbolo do Biênio como sua contribuição aos festejos).

Quanto ao significado nele contido, um pequeno manual acerca da sua utilização explica que o símbolo

Sugere uma roda de carreta, pretende traduzir o movimento das correntes imigratórias e a colonização estrangeira no Estado. Constituído por 8 bandeiras estilizadas, indicativas das diversas nações e concatenadas num conjunto que visa a traduzir a fraternidade, forma, em seu centro, uma engrenagem, sinal do dinamismo e progresso consequentes da fusão dos povos (O SÍMBOLO DO BIÊNIO E SUA UTILIZAÇÃO).

A finalidade da sua criação foi de utilizá-lo durante o período comemorativo por todos os órgãos vinculados às comemorações. Assim como todos os símbolos, havia regras estabelecidas quanto à sua utilização, buscando não perder suas características próprias. Caso houvesse a necessidade de modificação das suas cores, ao se buscar o destaque de uma das etnias, o símbolo poderia ser colorido de maneira parcial, com as cores referentes à bandeira do país do devido grupo, procurando conservar a maior parte do símbolo em branco, conforme as regras de utilização: “a aplicação de cores será feita sempre ao fundo, se for mais de uma cor, serão utilizadas faixas verticais. Em primeiro plano, deve sobressair, em branco, o conjunto octogonal de bandeiras, fileteado em cor preta, [...] de acordo com o desenho original do símbolo”, e conforme podemos ver na imagem anterior.

Quanto ao uso do símbolo, a autorização não se fazia necessária quando este era utilizado pelas Comissões Oficiais em papéis de cartas, envelopes, recibos, pastas, cartões de identificação, ou pelas Comissões Regionais ou Municipais quando devidamente filiadas. Seu uso se estendia também à imprensa – jornais, revistas, rádio, televisão, cinema – para noticiários e material de divulgação sem fins comerciais, e a agências de propaganda promotoras de festividade para fins de decoração sob a forma de cartazes. Para as entidades públicas e privadas que fabricassem *souvenirs* para as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, o uso do símbolo dependia da autorização da Comissão Coordenadora. Esta autorização deveria ser solicitada mediante um ofício com descrição da natureza do artigo a ser produzido, o preço de fábrica e quantidade a ser produzida, além de um protótipo do artigo para avaliação de sua qualidade. Com a autorização, a Comissão Coordenadora recebia cerca de 2% do valor total dos artigos a serem produzidos, valor este incorporado pela Comissão em sua receita como contribuição material da requerente às festividades. Havendo o desejo de fabricar um número maior de artigos, o valor correspondente era arrecadado. Sem a devida autorização para o uso do símbolo, os artigos eram recolhidos.

O símbolo das comemorações também esteve presente nas medalhas, que tiveram por finalidade prestar homenagem e distinguir pessoas e instituições que se destacaram nos eventos comemorativos, sendo “cunhadas especialmente, com simbologia própria e adequada, centenas de medalhas em ouro e prata que, á medida que se desenvolviam as programações das diversas correntes imigratórias e etnias participantes, iam sendo distribuídas” (RELATÓRIO OFICIAL DO GOVERNO DO ESTADO PARA O BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO NO ESTADO, 1976, p.26 e 27).

**Figura 3:** Medalha do Biênio da Colonização e Imigração.



**Fonte:** [www.filatelicazeppelin.com.br](http://www.filatelicazeppelin.com.br)

As interpretações que cercam o símbolo do Biênio da Colonização e Imigração vão ao encontro dos sentidos vinculados às comemorações de modo geral. Assim, o símbolo buscou dar visibilidade à mensagem de UNIÃO e INTEGRAÇÃO étnica entre os grupos imigrantes que se instalaram no Rio Grande do Sul, corroborando com os objetivos propostos pelos agentes promotores das comemorações. Conforme a definição dada por Chartier (1990, p.20) de que “a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objecto ausente através da sua substituição por uma “imagem” capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é”, vemos no Símbolo Oficial das comemorações bandeiras dispostas em um sentido de movimento, que lembram as rodas de carreta e que são representações de uma mensagem que é maior e menos literal do que um olhar imediato possa querer significar. Concordando com o que já foi dito anteriormente, os elementos figurativos estão para o Símbolo Oficial como uma forma comunicativa de interpretação visivelmente fácil: transparece a ideia de um momento festivo, do encontro e da união de diferentes nações, tratadas todas com a mesma igualdade, em uma ideia de progresso.

Além da criação do Símbolo Oficial, os últimos atos que antecederam o início efetivo das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração do Rio Grande do Sul fazem referência à organização dos Programas Oficiais das celebrações, ação esta realizada pelas Comissões, Subcomissões e Grupos de Trabalho.

A elaboração dos Programas Comemorativos Oficiais trata da construção dos ritos e cerimoniais que recorrem a elementos históricos com a finalidade de serem “práticas de *representação*, ou melhor, um modo retrospectivo de se continuar o que se acreditava ser o sentido do porvir” (CATROGA, 2001, p.65). É a partir destas cerimônias e eventos

simbolicamente significados que os usos políticos do passado atuam sobre o imaginário coletivo, através de “palavras, gestos, objetos [que] são instrumentos de perpetuação e memorização da cerimônia simbólica, garantidores da eficiência do rito” (RIBEIRO, 1995, p. 85). Essa dimensão simbólica das comemorações dada em seus ritos comemorativos materializa a memória dos sujeitos por meio de representações, que de acordo com Chartier (1990, p.17) tratam-se de “[...] esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado”. Neste sentido, estabelecer um elo entre passado, presente e futuro através da celebração de um momento originário – a chegada dos imigrantes ao Rio Grande do Sul – ativa o sentimento de pertencimento a um grupo e renova as suas memórias.

Esta relação que se estabelece entre memória e identidade<sup>69</sup> faz parte dos estudos de Candau (2011, p.84) nos quais ele afirma que são as recordações que dão aos indivíduos o sentimento de continuidade ao serem classificadas, ordenadas e transformadas em representações. Assim, as comemorações podem ser entendidas como uma forma de apreender os acontecimentos, dando um sentido para eles no futuro, e não apenas como festividades, mas como processos de construção da memória por parte dos agentes promotores que são detentores deste poder. Sobre a manutenção das identidades coletivas por meio de estratégias políticas, Santos (2010, p.28) afirma que

Os indivíduos constroem suas identidades e a manutenção destas identidades depende do processo resultante das interações mantidas por estes indivíduos no processo de compreensão de si próprios e de suas intervenções na realidade. As identidades coletivas passaram a ser compreendidas não só a partir de um agregado de interações sociais, mas também da razão político estratégica de atores sociais.

Durante a organização destes Programas Oficiais houve um processo de “enquadramento da memória” que de acordo com Pollak (1989, p.07) se refere a “um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização”. Tratou-se de uma ação política, onde os bens culturais se constituíram em lugares de memória, no caso, lugares de memória da imigração para o gaúcho.

---

<sup>69</sup> “A identidade não é o que permanece necessariamente “idêntico”, mas o resultado de uma “identificação” contingente. É o resultado de uma dupla operação linguageira: diferenciação e generalização. A primeira é aquela que visa a definir a diferença, o que constitui a singularidade de alguma coisa ou de alguém relativamente a alguém ou alguma coisa diferente: a identidade é a diferença. A segunda é a que procura definir o ponto comum a uma classe de elementos todos diferentes de um mesmo outro: a identidade é o pertencimento comum. Essas duas operações estão na origem do *paradoxo* da identidade: o que há de único e o que é partilhado” (DUBAR, 2009, p.13).

Nas comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, as Comissões, Subcomissões e Grupos de Trabalho tiveram, conforme o Decreto já citado, a tarefa de organizar os programas dos respectivos grupos que representavam. Apesar disso, todas as decisões deveriam passar pela Comissão Organizadora para que não houvesse conflito entre as programações. Temporalmente, os Programas Oficiais foram divididos da seguinte forma: o ano de 1974 dedicado a homenagear os lusos, alemães, árabes, negros, argentinos, franceses, uruguaios, espanhóis e ingleses; e o ano de 1975 foi dedicado a comemorar a imigração italiana, polonesa, japonesa, israelense, americana, libanesa e os grupos indígenas. Os Programas dos diferentes grupos homenageados variaram em seu tempo de execução – podendo ser realizados ao longo de um ano, como também em uma semana –, e em suas propostas. Espacialmente, alguns grupos comemoraram em diferentes cidades e regiões do estado, enquanto outros grupos fixaram suas comemorações na capital, Porto Alegre.

Ao articular as diferentes programações nos mais diversos palcos em que elas aconteceram, através do desmembramento da documentação oficial, fizemos emergir o cenário das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, afinal, não há dados oficiais que quantifiquem as cidades que participaram das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração. O levantamento realizado nas fontes pesquisadas nos permitiu quantificar e localizar as cidades que de alguma forma promoveram atos celebrativos no bojo das comemorações, identificando o grupo cujas respectivas cidades celebraram a memória. Através dessa análise percebemos a abrangência espacial obtida pelas comemorações, e em quais regiões do estado se concentraram os eventos celebrativos.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>70</sup>, o Rio Grande do Sul contava com um total de 232 municípios na década de 1970, dos quais 165 – entre cidades e distritos – promoveram algum evento relacionado às comemorações do Biênio da Colonização e Imigração. No mapa que segue, podemos observar como foi a distribuição destes festejos em todo o estado usando o critério das cores, conforme segue: o ponto verde se refere à cidade que comemorou os negros<sup>71</sup>; os pontos em rosa se referem às cidades que comemoraram a imigração polonesa<sup>72</sup>; os pontos em azul são referentes às cidades que comemoraram a imigração italiana<sup>73</sup>; os pontos em amarelo fazem referência às cidades que

<sup>70</sup> IBGE. 1970. *Censos*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 25/06/2016.

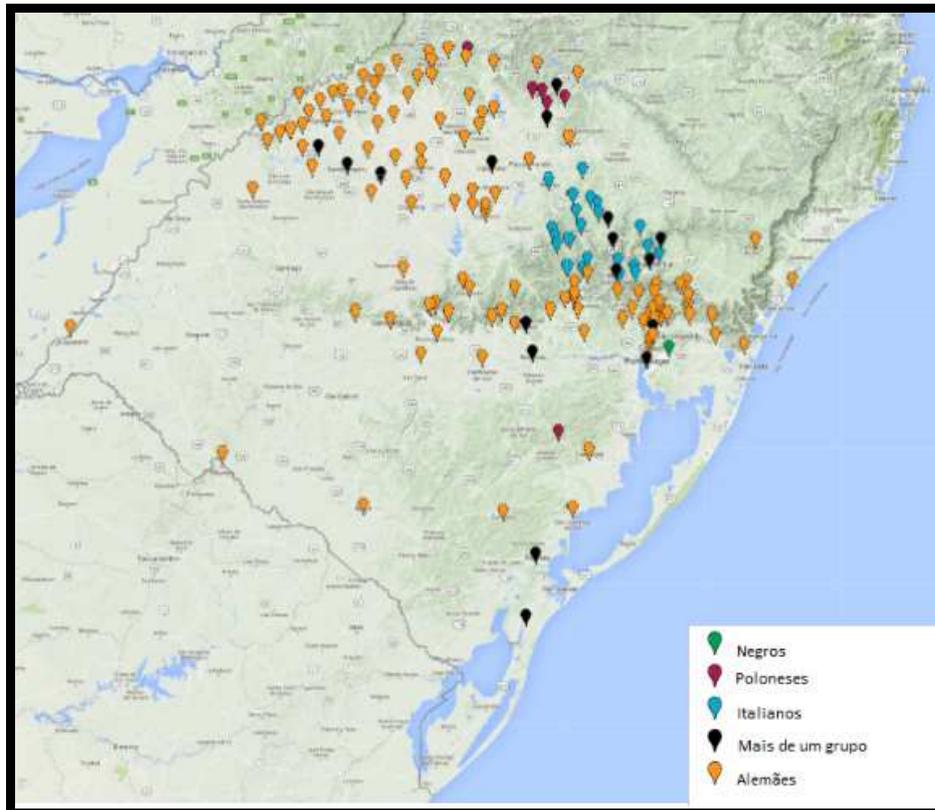
<sup>71</sup> Gravataí.

<sup>72</sup> Alpestre, Áurea, Barão de Cotegipe, Capo-Erê, Dom Feliciano e Erechim.

<sup>73</sup> Anta Gorda, Antônio Prado, Arvorezinha, Ana Rech, Bento Gonçalves, Casca, Carlos Barbosa, Ciríaco, Encantado, Farroupilha, Flores da Cunha, Guaporé, Ilópolis, Marau, Muçum, Nova Milano, Nova Araçá, Nova Bassano, Nova Brésia, Paraf, Putinga e Serafina Corrêa.

comemoraram a imigração alemã<sup>74</sup>, e por fim, os pontos em preto se referem às cidades que comemoraram mais de um grupo<sup>75</sup>.

**Mapa 1:** Mapa do Rio Grande do Sul com a localização das cidades participantes das comemorações e os respectivos grupos homenageados.



**Fonte:** Elaborado pela autora.

<sup>74</sup> Arroio do Tigre, Arroio do Meio, Aratiba, Ajuricaba, Agudo, Alecrim, Augusto Pestana, Bagé, Boa Vista do Buricá, Bom Retiro do Sul, Campo Bom, Cachoeira do Sul, Canoas, Candelária, Canela, Canguçu, Cândido Godói, Campina das Missões, Cambará do Sul, Camaquã, Catuípe, Caiçara, Caibaté, Chapada, Crissiumal, Cruz Alta, Cerro Largo, Chiapetta, Colorado, Condor, Constantina, Cruzeiro do Sul, Dois Irmãos, Dona Francisca, Estância Velha, Estrela, Esteio, Espumoso, Erval Seco, Faxinal do Soturno, Feliz, Formigueiro, Frederico Westphalen, Gramado, Giruá, Horizontina, Humaitá, Ibirubá, Ivoti, Iraí, Igrejinha, Júlio de Castilhos, Lajeado, Marcelino Ramos, Montenegro, Morro Reuter, Nova Petrópolis, Novo Hamburgo, Nonoai, Osório, Panambi, Pejuçara, Picada Café, Porto Xavier, Portão, Palmeira das Missões, Passo Fundo, Planalto, Restinga Seca, Redentora, Ronda Alta, Rondinha, Rolante, Roca Sales, Roque Gonzáles, Santa Maria, Santa Rosa, Santa Bárbara do Sul, Santana do Livramento, Santo Cristo, Santo Augusto, Santo Antônio das Missões, Santo Antônio da Patrulha, São Paulo das Missões, São Pedro do Sul, Sapiranga, Sapucaia do Sul, Sarandi, São Sebastião do Caí, São Martinho, São Lourenço do Sul, Salvador do Sul, Selbach, Seberi, Sinimbu, Sobradinho, Taquara, Tapera, Tapejara, Taquari, Tenente Portela, Três Coroas, Três de Maio, Três Passos, Trombudo, Torres, Tucunduva, Tuparendi, Uruguaiana, Venâncio Aires, Vera Cruz e Vitor Graeff.

<sup>75</sup> Caxias do Sul (Italianos, Alemães e Poloneses), Carazinho (Alemães e Negros), Garibaldi (Poloneses e Italianos), Gaurama (Alemães e Poloneses), Getúlio Vargas (Alemães e Poloneses), Guarani das Missões (Alemães e Poloneses), Ijuí (Alemães e Poloneses), Nova Prata (Italianos e Alemães), Pelotas (Alemães e Lusos), Porto Alegre (todos os grupos homenageados), Rio Grande (Lusos, Alemães e Negros), Rio Pardo (Negros e Alemães), São Leopoldo (Alemães e Negros), Santa Cruz do Sul (Alemães e Negros), Santo Ângelo (Alemães e Negros), São Marcos (Italianos e Poloneses) e Veranópolis (Italianos, Poloneses e Alemães).

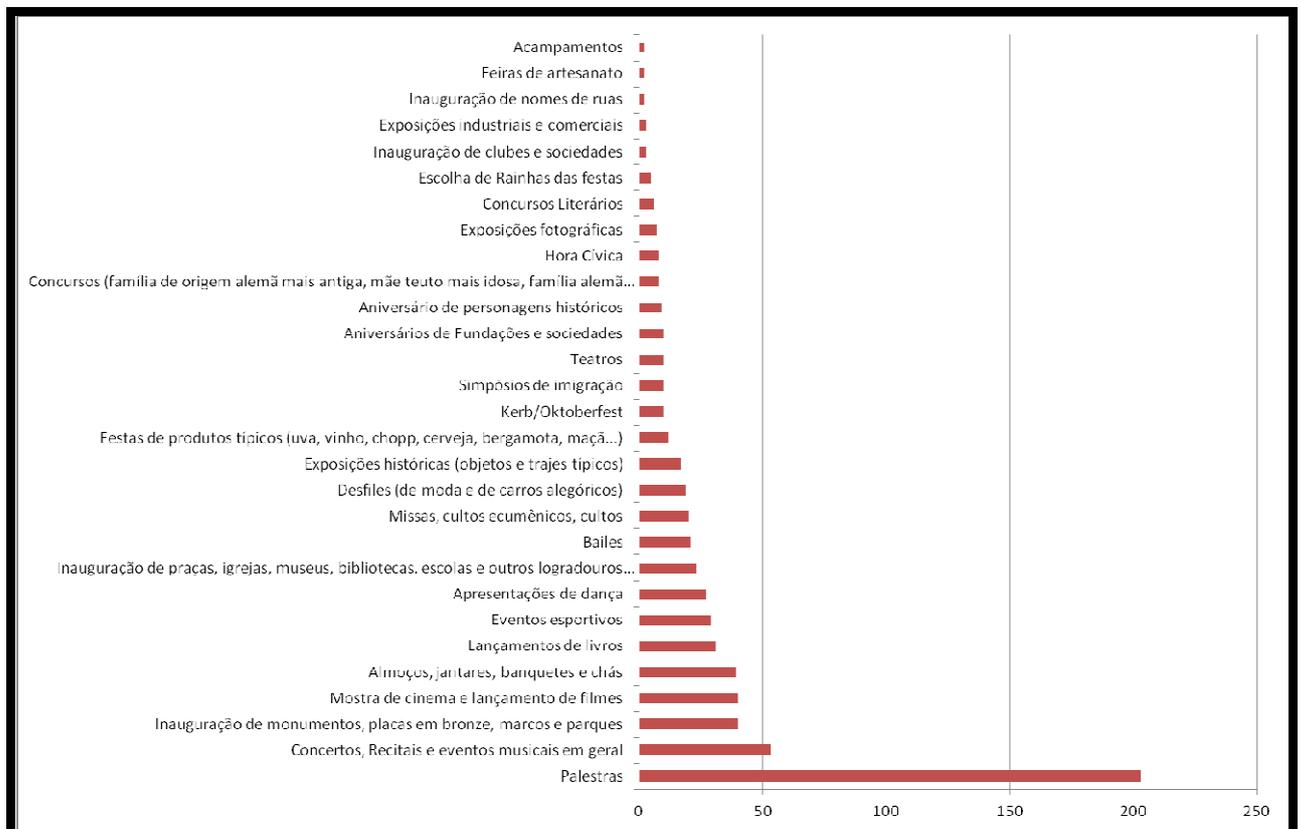
O mapa nos dá a dimensão da grandiosidade das comemorações, que atingiram um número significativo de cidades. Podemos constatar ao observar o mapa que as regiões nordeste e noroeste foram aquelas que tiveram mais cidades participantes, sendo que estas regiões correspondem às áreas de mais intensa movimentação de imigrantes desde o início do processo imigratório. Constatamos também que o grupo dos alemães, seguido pelo dos italianos, foram os que mais tiveram representatividade espacial.

Os Programas Oficiais também indicaram quais aspectos do passado imigrante do estado ganharam maior destaque no processo comemorativo, assim como os que foram renegados ao esquecimento, afinal, “como instância solidificadora de identidades, compreende-se que a expressão colectiva da memória [...] não escape à instrumentalização dos poder (es) através da selecção do que se recorda e do que consciente ou inconscientemente se silencia” (CATROGA, 2001, p.59). Assim, ainda desmembrando a documentação oficial, verificamos quais as propostas comemorativas mais recorrentes ou singulares pensadas pelas Comissões, e classificamos a diversificação dos eventos celebrativos propostos para os dois anos comemorativos, em atividades culturais, sociais, políticas e de construção material de acordo com a sua tipologia. No gráfico que segue, podemos verificar a variedade dos eventos promovidos, desde os mais recorrentes aos mais singulares. Dividimos em 29 tipologias específicas para demonstrar a multiplicidade de eventos, mas sabemos que muitos deles poderiam ser mesclados em um determinado tipo.

Os eventos festivos variaram em torno de inaugurações de clubes e sociedades (3), como foi o caso da abertura do 3º piso da Sociedade Ginástica de Porto Alegre (SOGIPA) sendo este denominado “Salão Imperatriz Leopoldina”; escolha de Rainhas para as festas (5), como a Rainha do Sesquicentenário e a Cinderela do Calçado; comemoração do aniversário de Fundações e Sociedades (10); Kerbs (10); festas de produtos típicos (12), como a Festa da Uva, a Festa Nacional do Vinho (FENAVINHO), Festa das Rosas e Festa Nacional da Maçã; desfiles (19) e bailes de debutantes e de casais (21). Já os eventos Históricos e Culturais promoveram feiras de artesanato (2); concursos literários de ficção, de poesia e de redações (6); exposições fotográficas (7); horas cívicas (8); comemoração do aniversário de personagens históricos (9); peças de teatro (10); eventos de dança (27); de música (52), como concertos e recitais; sessões de cinema (40); simpósios de imigração, como o I Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul, o I Ciclo de Estudos Afro-brasileiros, o Seminário de História Italiana na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e o I Fórum de Estudos Ítalo-brasileiros na Universidade de Caxias do Sul (10); exposições históricas (17); missas (20); lançamento de livros, como a coleção de livros

do Biênio da Colonização e Imigração no Rio Grande do Sul pelo IEL e Comissão Central do Biênio (31); inauguração de monumentos, como o Monumento ao Centenário da Imigração Italiana em Nova Milano e o Monumento ao Sesquicentenário da Imigração Alemã em São Leopoldo (40); nomes de ruas (2), inauguração de logradouros (18) como a nova sede da Prefeitura de Roca Sales e de praças como a Marselhesa, Jorge Mansur Bastani e das Nações Árabes em Porto Alegre; palestras (203) e concursos como o da Família de origem alemã mais antiga, da mãe teuto-brasileira mais idosa, da família de origem alemã mais numerosa (08). Os eventos esportivos abrangeram atletismo, bolão, ginástica, golfe, remo, polo, pesca, punhobol, hipismo, tênis, tiro, vôlei, vela, xadrez, regatas, escovão, corrida, bocha, atletismo, automobilismo, basquete, vela (25), além de acampamentos (2). Os eventos que favoreceram o quesito Relações e Intercâmbio foram as exposições industriais e comerciais, como a Sesquibral em Novo Hamburgo e a Expointer em Esteio (3); além dos almoços, jantares, banquetes e demais eventos gastronômicos promovidos para agentes políticos (37).

**Gráfico 1:** Gráfico correspondente à variedade na programação comemorativa oficial dos diferentes grupos.



Fonte: Elaborado pela autora.

Considerando os atos comemorativos citados, foi a partir deles que se deu a integração, a comunhão e o partilhar das histórias relativas à imigração durante as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração. De acordo com Ribeiro (2002, p.55) “a celebração falada, cantada, dançada, partilhada na comida e nas libações, exaltadas nas alegorias do corso, nos produtos expostos na Feira Agroindustrial, nos festejos populares, na ornamentação da cidade, é a materialização dos rituais da festa”. Aqui, rituais são entendidos como “meios que permitem dar uma expressão colectiva [...] Em suma, a função dos ritos é manter e transmitir de uma geração à outra as disposições emocionais de que depende a própria existência da sociedade” (VALERI, 1994, p.330).

Com a finalidade de homenagear as correntes imigratórias que se instalaram no Rio Grande do Sul, estes cerimoniais tornam-se legítimos ao figurarem o pertencimento étnico e a identidade social da população que comemora. Cria-se então uma tradição, que baseada em determinada realidade e ligada a um acontecimento é revestida por pompa. A continuidade que é dada em relação ao passado comum é problematizada por Hobsbawm (1984, p.09) que define as tradições inventadas como

um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Alias, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.

Para o autor, “as tradições inventadas” estabelecem uma continuidade artificial com o passado, por se tratar de um processo de formalização e ritualização, em que se utilizam elementos antigos para a elaboração de um repertório simbólico. Este simbolismo tomou conta do passado da imigração no Rio Grande do Sul, a partir da diversidade de eventos celebrativos. Para Chartier (1990, p.20), estas representações são construídas e determinadas pelos interesses de grupos que tem o poder de construí-las, corroborando com o que já afirmamos, de que não se trata de discursos e/ou ações neutras, mas sim carregadas de intenções e estratégias. Entendemos que em todo o processo comemorativo, mas de modo especial, na tomada de decisões acerca dos elementos representativos de determinados grupos, se instalam processos de “lutas de representações”, que se trata de “mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.” (CHARTIER, 1990, p.17).

Em meio à diversidade de eventos celebrativos propostos podemos afirmar que houve uma preocupação das Comissões, Subcomissões e Grupos de Trabalho, em ativar lembranças e memórias positivas do processo imigratório no Rio Grande do Sul. Os modos de comemorar evidenciaram as tradições, o resgate de uma história vitoriosa, de personagens tidos como heróis, enfim, houve uma busca por características típicas dos diferentes grupos imigrantes no cotidiano do presente comemorativo. Ao mesmo tempo, espaços para a discussão do processo imigratório, sejam as mazelas ou os pontos positivos, estavam sendo abertos com as primeiras edições de Simpósios da Imigração, ainda que se tratasse de eventos concentrados em ambientes acadêmicos<sup>76</sup>.

Ao longo deste capítulo, analisamos o processo de construção das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, buscando demonstrar de maneira especial por quais vias se deu a sua oficialidade e também em que momentos o poder público fez mão dos “usos políticos do passado”. Para tanto, nossa análise deu ênfase a alguns pontos: o Decreto e a cerimônia de instalação das comemorações; a criação de Comissões, Subcomissões e Grupos de Trabalho, os agentes nelas envolvidos e sua funções; e a criação de um Símbolo Oficial e dos Programas Comemorativos. Através da promulgação do Decreto que instituiu as comemorações e a cerimônia oficial de instalação, pudemos analisar as justificativas e objetivos oficiais dos festejos, desde a apropriação destas comemorações por parte do governo, até a ampliação de sua abrangência a todos os grupos imigrantes, e a organização do processo celebrativo, inclusive e especialmente das questões simbólicas: os discursos de integração e homogeneização entre os grupos imigrantes. Exploramos também a formação dos grupos responsáveis pela organização dos atos celebrativos, através de Comissões, Subcomissões e Grupos de Trabalho, constatando que se tratou de sujeitos ativamente políticos e/ou inseridos na comunidade étnica a qual representavam. Ainda que as Comissões tivessem sido formadas pelo governo do estado, tratando-se de agentes autorizados para exercerem tais funções, havia uma hierarquia entre elas, e uma subordinação a Comissão Organizadora. A estes sujeitos foi incumbida a tarefa de selecionar as memórias que viriam à tona em meio aos festejos, formalizando-as em cerimoniais e ritos, em uma narrativa seletiva e homogeneizadora. Por fim, analisamos a utilização do Símbolo Oficial criado para as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, que através de uma representação, teve a função de reiterar e marcar a presença das comemorações através da mensagem de fraternidade, progresso e união entre os povos. Quanto à construção dos Programas Oficiais,

---

<sup>76</sup> Estes Simpósios da Imigração, ainda que promovidos e acontecendo dentro de diversas Universidades do estado, contavam com a forte participação de historiadores não acadêmicos.

vemos o empenho dos seus organizadores em atingir um grande número de cidades através dos mais variados eventos comemorativos que se propunham a contar a história imigração no estado.

No próximo capítulo, queremos analisar a execução dos atos celebrativos de luso-brasileiros, alemães e italianos, buscando verificar por quais meios estes três grupos ganharam destaque nas comemorações do Biênio da Colonização e Imigração.

### 3 PIONEIRISMO LUSO-BRASILEIRO, SESQUICENTENÁRIO ALEMÃO E CENTENÁRIO ITALIANO: o mote para as Comemorações do Biênio da Colonização e Imigração

*“Sentia-se então, por toda parte, um alvoroço pela aproximação de efemérides capitais para a história da imigração no Rio Grande do Sul – os 150 anos da chegada da primeira leva de imigrantes alemães e os cem anos do início da colonização italiana”, Victor Faccioni.<sup>77</sup>*

O Decreto Estadual Nº 22.410 de 22 de abril de 1973, que instituiu as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, foi, conforme análise do capítulo anterior, o documento responsável por toda a organização dos festejos que seriam realizados nos anos seguintes. Nele, se expôs a finalidade máxima destas comemorações: celebrar a imigração no Rio Grande do Sul. A partir do texto redigido para o primeiro artigo deste Decreto, queremos ressaltar novamente que três grupos imigrantes ganharam maior destaque ao serem nomeados: pioneiros (leia-se, açorianos), alemães e italianos.

Art. 1º. Fica instituído o Biênio da Colonização e Imigração, com o fim de celebrar, nos anos de 1974 e 1975, o feito dos **pioneiros**<sup>78</sup>, o Sesquicentenário da Imigração **Alemã**<sup>79</sup>, o Centenário da Imigração **Italiana**<sup>80</sup> e a contribuição das demais correntes imigratórias que se fixaram no Rio Grande do Sul.

Tal distinção dada à imigração alemã e italiana no Decreto se explica principalmente pelas justificativas apresentadas para a promoção das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração: a aproximação das datas simbólicas de comemoração do Sesquicentenário e Centenário destes dois grupos, respectivamente. Assim, afirmamos que de fato alemães e italianos ganharam maior destaque no decorrer dos eventos celebrativos devido a iminência destas datas, que suscitaram no governo do estado a iniciativa em promover uma comemoração em homenagem a todos os grupos imigrantes.

---

<sup>77</sup> Declaração do Presidente da Comissão Coordenadora do Biênio da Colonização e Imigração, Victor Faccioni. RELATÓRIO DO BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO, p.07.

<sup>78</sup> Grifo nosso.

<sup>79</sup> Idem.

<sup>80</sup> Idem.

As efemérides que se aproximam – o Sesquicentenário da Imigração Alemã e o Centenário da Imigração Italiana, este ano e no próximo, respectivamente – envolvem, na sua expressividade, cálidas emoções e encontram ressonância nos corações de centenas de milhares de rio-grandenses. **O Biênio apoiou-se nestas duas jornadas**<sup>81</sup> de evocação, de exaltação e de saudade, e partiu daí para uma ampla, justa, sábia visão da admirável saga humana que foi a formação do Rio Grande; e tratou de por em relevo, fiel ao sentimento de todos os rio-grandenses, o quinhão que cada etnia, cada raça, deu ao progresso e à civilização rio-grandense. (FACCIONI, nota à imprensa, grifo nosso).

Era de se esperar que a passagem do Sesquicentenário e Centenário dos grupos de alemães e italianos, fosse celebrada de maneira grandiosa, já que “se a passagem de uma década já inspira balanços, imaginem a passagem de cem anos! Editoras, universidades, meios de comunicação agitam-se a cada comemoração secular (SANDES, 2011, p.122)”. Desta forma, a promoção do Biênio da Colonização e Imigração apresentou-se como um momento em que o governo do Rio Grande do Sul oportunamente se apropriou das tradicionais comemorações de alemães e italianos, que assim como os demais grupos imigrantes homenageados, promoviam festejos visando a valorização da sua cultura, celebrando principalmente a sua data de chegada ao estado. Aqui remetemos à Hobsbawm (1984, p.12) e seu conceito de “tradições inventadas”, ou seja, “um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição”, afinal, as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração renovaram as simbologias dos grupos imigrantes, utilizando elementos antigos e “a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal” (p.21).

As comemorações propostas pelos grupos de imigrantes alemães e italianos já eram conhecidas e reconhecidas em sua grandiosidade e periodicidade. Alemães, além de *kerbs* e bailes do chope que celebravam a sua cultura, já haviam promovido comemorações como o Centenário<sup>82</sup> em 1924, e os 110 anos da imigração alemã no estado em 1934. Da mesma forma, italianos celebravam seus produtos típicos, uva<sup>83</sup> e vinho, mas também já haviam promovido comemorações em homenagem ao aniversário de sua chegada ao estado, como o Cinquentenário, comemorado em 1925, e os 75 anos em 1950. Neste sentido, o Biênio da

---

<sup>81</sup> Grifo nosso.

<sup>82</sup>Sobre o Centenário da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul, consultar: WEBER, Roswithia. *As comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul: o “25 de julho” em São Leopoldo, 1924/1949*. Novo Hamburgo: Feevale, 2004.

<sup>83</sup>Sobre as comemorações da Festa da Uva, consultar: RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio. *Festa e Identidade: como se faz a Festa da Uva*. Caxias do Sul: EDUSC, 2002.

Colonização e Imigração tornou-se uma forma de dar maior visibilidade a estes festejos que já aconteciam, mas agora com o apoio do governo do estado e do país.

Quanto ao grupo de luso-brasileiros, apesar de o Decreto também os destacar dando a devida importância àqueles que se instalaram na capital do estado – Porto Alegre –, ressaltamos que a inclusão de uma homenagem em destaque a este grupo foi motivo de reivindicações<sup>84</sup> ainda durante o planejamento das comemorações. A proposta de dar reconhecimento aos luso-brasileiros da mesma forma que a alemães e italianos gerou algumas tensões, principalmente com as Comissões Executivas de Homenagem do Sesquicentenário Alemão e do Centenário Italiano, que reivindicaram maior destaque aos seus grupos de origem devido às suas datas comemorativas. Este caso trata de disputas de memórias (POLLAK, 1989), envolvendo grupos que historicamente ganharam menor visibilidade e passaram a reivindicar seu espaço na memória oficial.

O destaque recebido pelos grupos de imigrantes luso-brasileiros, alemães e italianos nas comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, ao qual nos referimos e que é tema deste capítulo, pode ser confirmado e/ou negado ao longo da execução de seus Programas Comemorativos Oficiais, através de suas cerimônias e rituais. A execução dos atos celebrativos que fazem parte das comemorações colocam “em cena” representações (CHARTIER, 1990) das memórias destes grupos imigrantes a partir de seleções (RICOEUR, 2007) que dão destaque a alguns aspectos de suas histórias. Trata-se de um momento coletivo, tanto em relação às memórias (HALBWACHS, 2013) encenadas, quanto aos espectadores a quem se comunicam estas mensagens simbólicas.

---

<sup>84</sup> Como já viemos trabalhando com o tema das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração desde o Trabalho de Conclusão de Curso, a participação em Simpósios da Imigração nos permitiu a troca de informações com outros pesquisadores da área. Neste sentido, esta questão que abrimos sobre a inclusão da homenagem ao grupo de luso-brasileiros tendo o mesmo destaque que os grupos alemães e italianos, nos foi citada em duas ocasiões. Primeiramente pela Professora Helga Iracema Landgraf Piccolo, durante o XX Simpósio de História da Imigração e Colonização e Seminário Internacional “A história da imigração e sua(s) escrita(s)”, ocorrido na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) em setembro de 2012. E em outro momento, pelo Arquiteto Günter Weimer, no IV Simpósio e XII Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros – 140 anos da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, ocorrido na Universidade de Caxias do Sul (UCS), em junho de 2015. Em ambas as ocasiões, nos foi dito que houve certo “mal estar” na organização dos festejos por ser dada a mesma visibilidade ao grupo de luso-brasileiros que havia se instalado na capital do Estado. Infelizmente, a documentação que consultamos, inclusive as atas de reuniões da Comissão Organizadora, não nos permitiu confirmar esta questão.

O ritual tem uma importante dimensão simbólica, na medida em que representa e sintetiza determinados elementos da cultura da coletividade em questão. Assim, ele pode simbolizar a união e a coesão do grupo [...]. Por outro lado, os rituais cumprem uma função integradora, pois disseminam as normas e valores sustentadores da vivência coletiva. Além disso, reforçam o sentimento de identidade do grupo, através da repetição ritualizada de cerimônias coletivas (MOTTA, 1996, p.91).

A Comissão Executiva para celebrar o Pioneirismo da Colonização Luso-Brasileira<sup>85</sup> foi oficialmente instalada em 29 de outubro de 1973 no Palácio Piratini. Os eventos organizados por esta Comissão foram realizados de maneira especial em Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas, entre maio e setembro de 1975. Os eventos promovidos, conforme o Programa Oficial<sup>86</sup>, transitaram em torno de conferências, recitais, disputas esportivas, eventos musicais e cinematográficos, exposições, monumentos, desfiles e jantares. Tratou-se de um programa relativamente curto, com a realização de atividades com pouca mobilização popular e reduzida a um seleto grupo de pessoas que frequentavam os espaços – a maioria deles particulares – em que os eventos aconteceram. Percebemos então que o destaque aos festejos da imigração luso-brasileira durante o processo de organização das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração não se refletiu em seu Programa Oficial. Um dos momentos de maior visibilidade promovido por esta Comissão ocorreu fora do período designado pelo Programa Oficial: a construção do Monumento aos Açorianos em 1974, que analisamos na sequência.

Já a Comissão Executiva para os Festejos do Sesquicentenário da Imigração Alemã<sup>87</sup> tomou posse em 20 de junho de 1973, no Palácio Piratini. Marcando o ato solene e oficial, estiveram presentes à cerimônia o prefeito Telmo Thompson Flores; o Cônsul Geral da Alemanha, Werner von Beyme; os Secretários Hipólito Campos, da Fazenda; Roberto Eduardo Xavier, do Turismo; Edgar Irio Simm, da Agricultura; Jair Soares, da Saúde; Jorge

---

<sup>85</sup> Era formada pelos seguintes membros: Presidente – Poty Medeiros; Vice-Presidentes – Adroaldo Mesquita da Costa, Francisco Martins Bastos, Henrique Augusto Milagre e Moysés de Moraes Vellinho; Secretário Geral – Carlos Alberto Allgayer; Tesoureiro – Marino Leitão de Abreu; Secretária Executiva – Gabrielle Erzsebet Nemethy. Possui também três Subcomissões, formadas da seguinte maneira: Subcomissão de Assuntos Culturais: Presidente – Guilhermino Cesar; Subcomissão de Assuntos Históricos: Presidente – José Pereira Coelho de Souza; Subcomissão de Festividades: Presidente – Desembargador José Danton de Oliveira; Subcomissão de Relações e Intercâmbio: Presidente – Marcelo Moreira Tostes. E ainda um Comitê de Imprensa, tendo como Diretor, Antonio Carlos Ribeiro.

<sup>86</sup> Conforme Anexo C.

<sup>87</sup> Era formada pelos seguintes membros: Presidente Rodolpho Englert. Também foram empossados como Vice-Presidentes: Germano Oscar Moehlecke e Victor Hugo Kunz; como Secretário-Executivo: João Sigismundo Baldauf; como Tesoureiro: Carlos Rausch; como Secretário de Divulgação: o jornalista Hugo Hammes; como Presidente da Subcomissão para Assuntos Históricos e Culturais: professor Telmo Lauro Müller; como Presidente da Subcomissão de Festividades: Dr. Carlos Hoffmeister, e como Presidente da Subcomissão para Relações e Intercâmbio: Alfredo Lindeman.

Englert, do Desenvolvimento Regional e Obras Públicas; Ney Pinto de Alencar, da Segurança Pública; Dolmy Tarascony, da Administração; Coronel Odilon Camargo, Chefe da Casa Militar; o Vice-reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) no exercício do cargo, Irmão Liberato; o Presidente da Câmara de Comércio teuto-brasileira, Jorge Vieira Bastian; os Deputados, Oscar Wrstendorf, Martins Avelino Santini, Afonso Anschau, Ivo Sprandel, Adolfo Puggina, Waldir Lopes e Rubem Scheid; o Delegado-regional do Trabalho, Guido Moesch; o Presidente da Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul, Ênio Aveline da Rocha; prefeitos da região de colonização alemã e dirigentes de entidades representativas da colônia germânica, além de outras autoridades civis, militares e eclesiásticas. O Programa<sup>88</sup> elaborado por esta Comissão teve seus atos cumpridos ao longo de 8 meses, entre maio e dezembro de 1974. Foi um Programa grandioso, por sua extensão e também pelas atividades propostas. Diferentemente da programação do grupo de imigrantes luso-brasileiros, o Programa estabelecido pela Comissão Alemã foi mais diversificado e longo, realizando atividades como: bailes, jantares e almoços, homenagens, concursos, gincanas, exposições, monumentos, simpósios, congressos e olimpíadas. Estas atividades, que ocorreram em diferentes cidades do estado, foram capazes de mobilizar a população, que foi acionada como espectadora e participante.

A cerimônia de instalação da Comissão Executiva para as Comemorações do Centenário da Imigração Italiana<sup>89</sup>, realizada em 15 de agosto de 1973, no Palácio Piratini, teve a presença de autoridades e lideranças comunitárias ligadas às colônias italianas. Discursou o Governador Euclides Triches, o Presidente da Comissão Coordenadora do Biênio da Colonização e Imigração, deputado Victor Faccioni e Ottoni Zatti Minghelli, Presidente da Comissão para as comemorações do Centenário da Imigração Italiana. O calendário<sup>90</sup> de comemorações proposto por esta Comissão foi executado entre janeiro e setembro de 1975, e ocorreu em diferentes cidades do estado. Assim como os atos promovidos pela Comissão do Sesquicentenário Alemão, a programação italiana também foi grandiosa em sua extensão e em número de atos promovidos, que buscaram envolver a população através de propostas

---

<sup>88</sup> Conforme Anexo D.

<sup>89</sup> Era formada pelos seguintes membros: Presidente – Ottoni Zatti Minghelli,; Vice-Presidentes – Aristides Amadeo Germani, Moisés Michelon, Enio Lippo Verlangieri e Oddone Marsiaj; Tesoureiro – Luiz Mandelli; Secretário Geral – Mário Bernardo Sesta; Secretária Geral – Lourdes Maria Fellini Sartor; Membro Honorário – Dr. Renato Rabby, Cônsul Geral da Itália. Subcomissão de Assuntos Históricos: Presidente – Dante de Laytano; Grupo de Trabalho (GT) para Assuntos de Livro: Coordenador Moacir Flores; GT para Assunto de Cinema: Coordenador – Paulo Gastal; GT para Assuntos de Artes Plásticas: Coordenador – Carlos Antonio Mancuso; GT para Assuntos de Música: Coordenador – Enio de Freitas e Castro; GT para Assuntos de Universidade: Coordenador – Luiz Carlos Mesquita Rothmann; GT para Assuntos Diversos: Coordenador – Salvador Rosito.

<sup>90</sup> Conforme Anexo E.

diversificadas: festas de produtos típicos, simpósios, concursos, exposições, monumentos, concertos e teatros.

Se considerarmos que a tarefa da Comissão ao Pioneirismo Luso-Brasileiro era, além de homenagear o seu grupo, também igualar suas comemorações às festividades promovidas pelas Comissões dos grupos alemães e italianos, podemos afirmar, analisando o Programa Oficial proposto pelos três grupos, que não foi cumprida. Afinal, o Programa Luso-Brasileiro foi escasso no número de propostas e na grandiosidade de sua execução. Diferentemente, as propostas das Comissões Alemã e Italiana, além de extensas e diversificadas, apresentaram momentos de grande comoção pública, principalmente com a presença do Presidente da República Ernesto Geisel, como veremos no decorrer da escrita.

Neste capítulo: *PIONEIRISMO LUSO-BRASILEIRO, SESQUICENTENÁRIO ALEMÃO E CENTENÁRIO ITALIANO: o mote para as Comemorações do Biênio da Colonização e Imigração*, analisamos o que estes três grupos colocaram em cena através dos atos que se destacaram ao longo dos Programas Comemorativos Oficiais propostos pelas Comissões Executivas. Devido ao extenso Programa elaborado pelos três grupos, escolhemos momentos que acreditamos ser a síntese das grandes programações promovidas por eles: a presença do Presidente da República Ernesto Geisel durante as comemorações das datas magnas de chegada dos grupos de alemães – 25 de julho – e italianos – 20 de maio –, que corresponde ao momento em que se realizou a “réplica da chegada dos imigrantes” nas cidades de São Leopoldo e Nova Milano (Farroupilha), entendendo este momento como o ápice destes festejos. A preocupação da academia e de intelectuais em colocar o tema da imigração em pauta, através da realização do I Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul, da criação do Instituto Superior Brasileiro-Italiano de Estudos e Pesquisas (ISBIEP), da publicação dos álbuns comemorativos ao Sesquicentenário alemão e Centenário italiano e da promoção de certames de Letras, Música e Jornalismo, demonstraram que este momento festivo também foi importante no que se refere aos estudos da imigração. Por fim, destacamos a construção de monumentos celebrativos em homenagem aos açorianos em Porto Alegre – Monumento aos Açorianos –, aos alemães em São Leopoldo – Monumento ao Sesquicentenário da Imigração Alemã – e aos italianos em Nova Milano (Farroupilha) – Monumento ao Centenário da Imigração Italiana –, percebendo-os enquanto lugares de memória (NORA, 1993) da imigração que permanecerão nas cidades mesmo após o término dos eventos comemorativos.

### **3.1 A RÉPLICA DA CHEGADA DOS IMIGRANTES E SEU ILUSTRE ESPECTADOR: o Presidente da República vem à festa**

Ernesto Geisel, Presidente da República em exercício durante os anos em que se comemorou o Biênio da Colonização e Imigração – 1974 e 1975 –, era filho do imigrante alemão Augusto Guilherme Geisel. Augusto emigrou para o Brasil, mais precisamente para o Rio Grande do Sul, aos 16 anos, com uma companhia de colonização e se estabeleceu no município de Venâncio Aires primeiramente, depois em Estrela. Por ter uma base cultural sólida, estudou português, o que possibilitou que em poucos anos fizesse um concurso público e começasse a trabalhar como professor primário. Lecionou na Picada Novo Paraíso, interior de Estrela, onde conheceu Lydia, também filha de imigrantes vindos da Alemanha, com quem se casou. Tiveram 5 filhos: os quatro irmãos de Geisel nasceram em Estrela, e ele em Bento Gonçalves, em 03 de agosto de 1907 (CASTRO; D'ARAUJO, 1997).

Esta pequena biografia do Presidente Geisel nos dá uma demonstração da sua ligação pessoal com a questão imigratória no Rio Grande do Sul. Este pertencimento étnico contribui para justificar a disposição do Presidente da República em estar presente, em duas ocasiões, nas comemorações do Biênio da Colonização e Imigração. Considerando a afirmativa de Ricoeur (2007, p.136) de que “lembrar-se de algo é lembrar-se de si”, entendemos que as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração representaram para seus agentes promotores e para seus participantes um momento para refletir, homenagear e dar visibilidade àquelas memórias que também os constituíram.

A Comitiva Presidencial esteve presente nas comemorações do Biênio da Colonização e Imigração em 1974 – mais precisamente durante as comemorações do Sesquicentenário da Imigração alemã – e 1975 – durante as comemorações do Centenário da Imigração Italiana. A agenda previa, além dos dois momentos que serão analisados na sequência – a encenação da chegada dos imigrantes alemães e italianos –, a participação do Presidente Geisel em outros eventos.

Em sua rápida visita ao Rio Grande do Sul em 25 de julho de 1974, Ernesto Geisel participou das comemorações do Sesquicentenário da Imigração Alemã em São Leopoldo e da inauguração da Sesquibral em Novo Hamburgo – uma feira de exposição industrial, comercial, histórica e cultural da presença alemã no Rio Grande do Sul.

Já no ano de 1975, em uma visita mais longa à Serra Gaúcha em comparação à visita do ano anterior, o Presidente Geisel cumpriu uma agenda extensa durante as comemorações do Centenário da Imigração Italiana, participando dos festejos em Nova Milano, mas também

visitando Caxias do Sul e Bento Gonçalves. Na cidade de Caxias do Sul, inaugurou a pedra fundamental do Monumento ao Centenário; presenciou o desfile de 45 carros alegóricos que remeteram à história da imigração italiana no estado; assistiu a missa solene na Igreja de São Pelegrino e a entrega da réplica da ‘Pietà’, de Michelangelo; compareceu no Acampamento Nacional de Escoteiros; na Festa da Uva, descerrou a placa inaugurando a edição e se pronunciou, quebrando os protocolos: *“Vim rever a região onde passei os melhores anos de minha vida. Vim igualmente render um tributo aos que aqui trabalham com fé, certos no futuro de sua pátria”* (DUARTE, 1975, p.56). Em Bento Gonçalves, inaugurou a terceira edição da FENAVINHO e recebeu uma réplica de sua Certidão de Nascimento lavrada em prata, enquanto sua esposa, dona Lucy, recebeu uma jóia criada por artistas locais: um broche de pérolas e ouro no formato de um cacho de uva.

Aqui analisamos o que representou a presença do Presidente Ernesto Geisel nas comemorações do Sesquicentenário da Imigração Alemã e Centenário da Imigração Italiana, e também as encenações da chegada dos imigrantes alemães e italianos nas comemorações promovidas nas cidades de São Leopoldo e Nova Milano. Tais encenações modificaram a significação do espaço público em que aconteceram. Ao serem utilizados pelos organizadores das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração por meio de variados elementos que rememoraram o passado destes dois grupos no estado, transformaram-se em um espaço simbólico comemorativo, conforme aponta Carrión (2012, p.66):

...el espacio público adquiere una connotación especial cuando se lo presenta como el lugar de evocación del Estado y control de la población. En el caso del espacio público, dos elementos tienen fuerza: por un lado, la nomenclatura que evoluciona de su modalidad costumbrista hacia otra de carácter conmemorativa, cuando trae a la memoria los hechos históricos con los nombres de los generales, los patriotas, las fechas, las batallas y los lugares centrales de las luchas independentistas; pero también porque la nomenclatura sirve para que la ciudad se convierta en un elemento central en la construcción y legitimidad de la historia oficial del estado.

### **3.1.1 Réplica da chegada dos imigrantes alemães em São Leopoldo**

O ponto alto das comemorações do Sesquicentenário da Imigração alemã aconteceu em 25 de julho de 1974, data em que se comemorou de fato a chegada dos imigrantes alemães em São Leopoldo. Foi o momento em que os festejos tiveram a presença do seu mais ilustre espectador: o Presidente Ernesto Geisel. Com bastante antecedência a imprensa noticiou a sua

vinda, destacando sempre a descendência alemã daquele que representava o maior poder político do país na época:

E a efeméride do Sesquicentenário se engalana ainda mais por encontrar na Presidência da República um filho de imigrantes e colonos, o General Ernesto Geisel, e no Ministério do Trabalho, o leopoldense, Arnaldo da Costa Prieto, continuador da obra de outro leopoldense, Lindolfo Collor, criador e primeiro ocupante desse Ministério (REVISTA RUA GRANDE, 1974, p.01).

Politicamente, a presença de Geisel nas comemorações do Sesquicentenário da Imigração alemã representou muito mais do que apenas seu pertencimento étnico. Roehe (2005) aponta que este período festivo significou também um estreitamento de laços entre Alemanha e Brasil, resultando em um desenvolvimento econômico das regiões de imigração alemã, devido a investimentos vindos da Europa, fruto da parceria que se estabelecia. Sobre este tema, em entrevista realizada por Roehe (2005, p.51), Germano Oscar Moelecke, Vice-Presidente da Comissão Executiva para o Sesquicentenário da Imigração Alemã afirmou que *“a festa do Sesquicentenário foi o grande boom para a industrialização da cidade de São Leopoldo, inclusive das relações com a Alemanha. As comemorações serviram como propaganda na Alemanha”*. Havia também o interesse em divulgar as comemorações do Sesquicentenário da Imigração Alemã, o Rio Grande do Sul e o Brasil, de um modo geral, à Alemanha através da sua imprensa, que compareceu aos festejos, documentando-os. Assim, as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração apresentaram-se como um evento de repercussão mundial, e a presença do Presidente da República em meio a tal visibilidade é um ato político.

A comitiva presidencial foi recebida na Base Aérea de Canoas às 11h30 do dia 25 de julho, pelo Governador Euclides Triches, pelo Coordenador da Comissão Organizadora do Biênio da Colonização e Imigração Victor Faccioni, e pelo Presidente da Comissão Executiva do Sesquicentenário Rodolpho Englert.

Dirigiram-se diretamente para São Leopoldo, onde um almoço na Sociedade Orpheu – que teve como prato principal o churrasco – foi oferecido em homenagem ao Presidente Geisel. Estiveram presentes autoridades da República Federal da Alemanha, como o Embaixador Horts Röding; o Ministro Bernhard Vogel, representante oficial da Alemanha no estado; o Deputado Federal Franz Josef Strauss, representante do Parlamento Alemão; o Cônsul Werner von Beyne; o ex-Cônsul Christian Zinsser; o historiador Jean Roche e 14 jornalistas dos principais veículos de comunicação social daquele país. Ainda durante o

almoço, o Presidente Geisel assistiu a uma apresentação do Conjunto Folclórico de Estrela, do qual fazia parte sua sobrinha e também afillhada da Primeira Dama, e foi presenteado pelas mãos do Prefeito de São Leopoldo, Henrique da Costa Prieto, com produtos da indústria gaúcha: um revólver Rossi folheado a ouro com seu nome e a data do Sesquicentenário gravada. Também foram presenteadas a Primeira Dama Lucy e sua filha Amália.

No início da tarde, marcado para as 13 horas, iniciou o espetáculo que culminaria na réplica de chegada dos primeiros alemães em São Leopoldo, às margens do Rio dos Sinos, no Largo do Sesquicentenário.

**Figura 4:** Espectadores presentes no Largo do Sesquicentenário para a encenação da Réplica Histórica de Chegada dos imigrantes alemães.

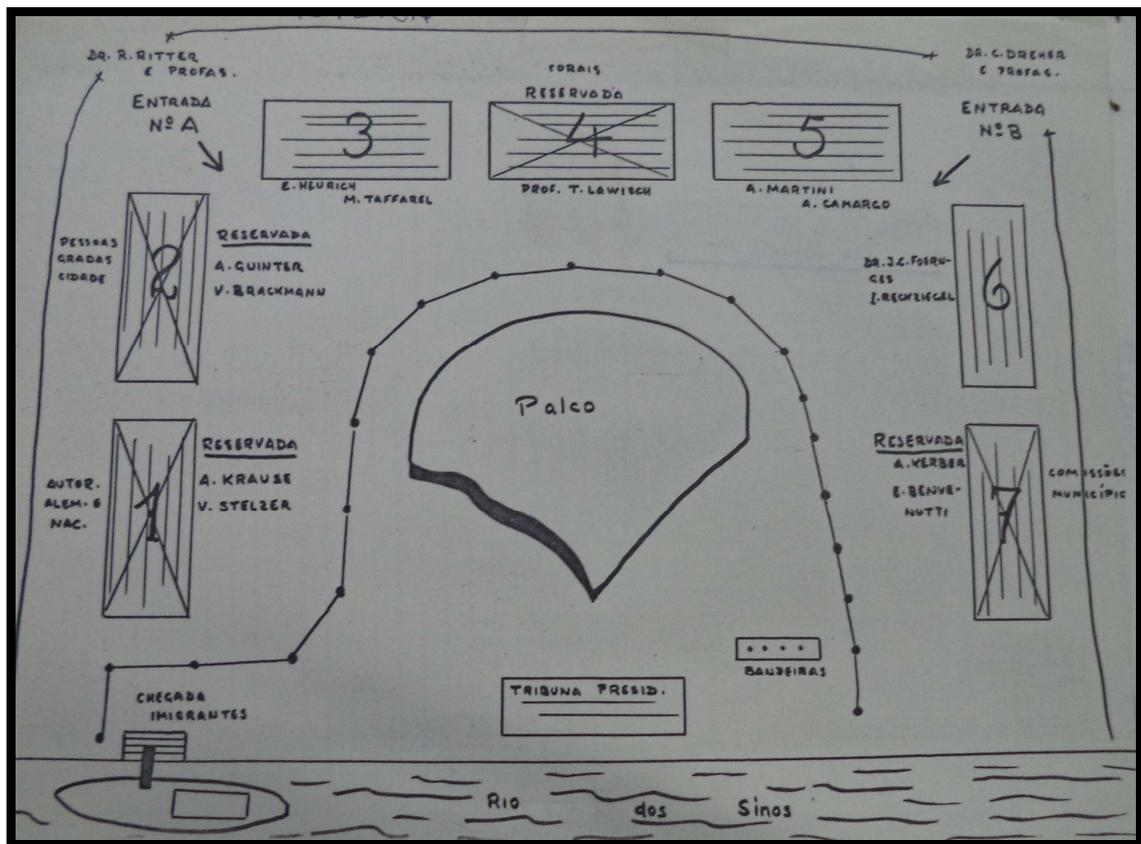


**Fonte:** DUARTE, 1974, p.303.

Conforme podemos observar na imagem, o tempo, que estava chuvoso naquele dia, não impediu que muitas pessoas – cerca de 20.000 – participassem deste momento festivo. A população que se dirigiu ao Largo do Sesquicentenário exerceu este movimento de ida até o local dos festejos, para participar das comemorações, mas principalmente para ver o Presidente da República. Ocuparam a Ponte 25 de Julho, o trevo de acesso à São Leopoldo, os altos da Rodoviária, as ruas e as margens do Rio dos Sinos, espaços estes que se encontravam enfeitados com bandeiras e cartazes que saudavam o Presidente. Também foram

disponibilizadas arquibancadas de ferro para os espectadores, em uma espécie de anfiteatro de 200 metros de diâmetro, totalizando 5 mil lugares, divididos entre convidados e espaço público. No centro, formava-se um grande mapa do Rio Grande do Sul, com 35 metros de diâmetro e um metro de altura do solo ornado com frutos da terra, símbolo da fertilidade: era o palco das encenações.

**Figura 5:** Mapa do local em que ocorreu a encenação da Réplica Histórica de Chegada dos imigrantes alemães.



**Fonte:** Programa Sesquicentenário da Imigração Alemã em São Leopoldo.  
**Localização:** Arquivo do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo.  
**Fundo:** Sesquicentenário da Imigração Alemã.

O espaço destinado a receber a encenação da réplica da chegada dos imigrantes era formado por sete arquibancadas, destinadas, como já dissemos, a convidados e à população em geral. Havia também o palco, que em formato de mapa do Rio Grande do Sul, fez parte da simbologia presente na encenação: era o local de chegada dos imigrantes. Também foi criado um espaço de destaque, uma Tribuna onde se instalou a Comitativa Presidencial, localizada em frente ao palco. No lado direito, estavam dispostas as bandeiras do Brasil, da Alemanha, do Rio Grande do Sul e de São Leopoldo. E ainda se via, como forma de homenagem à cidade

que recebeu os primeiros imigrantes alemães, em forma de semicírculo, as bandeiras dos municípios emancipados de São Leopoldo. Este Largo do Sesquicentenário foi montado e planejado para estar próximo àquele que foi o elemento que ganhou maior atenção durante a réplica de chegada dos imigrantes: o Rio dos Sinos.

O Rio dos Sinos foi para as comemorações do Sesquicentenário, um lugar simbólico e de grande importância para a encenação que se destinou a rememorar a chegada dos imigrantes, já que representa o local em que se deu o primeiro contato entre os imigrantes que chegavam e a cidade que os adotava. Ainda que o espaço físico tenha sido preparado para receber a encenação, sua simbologia já presente foi apenas reafirmada ritualmente através das comemorações, considerando que “há determinados lugares que já possuem, previamente, as características simbólicas especiais [...] que dispensam qualquer tipo de preparação específica (RIBEIRO, 2002, p.42)”.

**Figura 6:** Germano Oscar Moehlecke, Vice-Presidente da Comissão Executiva para o Sesquicentenário da Imigração Alemã, Presidente da República Ernesto Geisel e Governador do Rio Grande do Sul, Euclides Triches.



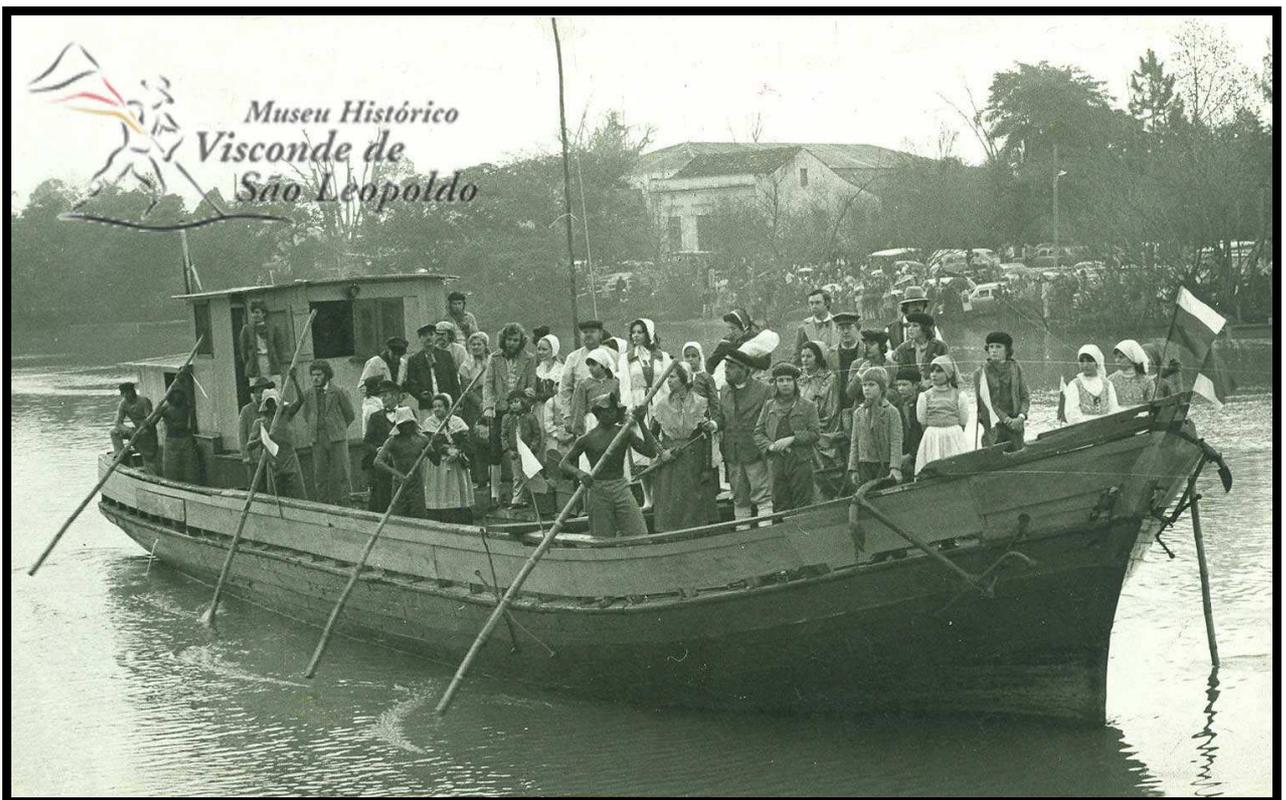
**Fonte:** Acervo do Arquivo do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo.

Foi a chegada do Presidente Geisel ao Largo do Sesquicentenário que deu início ao espetáculo propriamente dito, através da execução do Hino da República Federal da

Alemanha, pela Banda do 19ºBIMtz, seguido pelo Hino Nacional Brasileiro, acompanhado por tiros de canhões executados por uma bateria do 16º GAC, localizadas às margens do Rio dos Sinos.

Era então o momento da encenação da Réplica Histórica da chegada da primeira leva de imigrantes alemães, sob o título “Utopia ontem. Realidade hoje”, e que contou com 200 figurantes coordenados pelo Professor Jair Quintino Líbero. Primeiramente, subiram no palco 120 dançarinas vestidas com malhas vermelhas, amarelas e verdes, cores que representavam o estado, e realizaram uma coreografia, formando ao final, um “150” e em seguida uma moldura colorida para o mapa/palco. Ao redor do mapa havia a representação de uma estrada, por onde atores vestidos de gaúchos e prendas chegavam em carretas de boi e cavalo. Mas, o ápice da encenação da Réplica Histórica foi a chegada dos imigrantes pelo Rio dos Sinos.

**Figura 7:** Encenação da Réplica Histórica de Chegada dos imigrantes alemães.



**Fonte:** Acervo do Arquivo do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo.

Neste momento, soaram os sinos das igrejas e apitaram as fábricas de São Leopoldo. No intuito de que todo o Rio Grande do Sul se unisse às comemorações promovidas nesta cidade, foi solicitado que todas as fábricas e igrejas do estado fizessem o mesmo.

Os lanchões – na encenação, partidos do Curtume Bier – vieram empurrados a vara por escravos, trazendo os primeiros imigrantes – homens, mulheres, crianças e idosos – até as margens junto ao Palanque Oficial. As bandeiras presentes no barco, nas cores da Alemanha, marcaram o local de origem destes imigrantes, uma designação identitária que não será esquecida. As roupas usadas pelos atores que representavam os imigrantes foram confeccionadas especialmente para este momento, sendo extraídas de enciclopédias alemãs dos anos de 1822 e 1824, em colaboração com o Consulado Geral da Alemanha que forneceu os modelos de base para a confecção. Conforme podemos ver na imagem, o vestuário utilizado se refere ao clima da época da chegada dos primeiros imigrantes, pois em julho geralmente faz frio nesta região, porém ainda existe certo debate sobre o fato de que os imigrantes chegados em São Leopoldo em 1824 não estivessem tão bem vestidos, pois estariam chegando ao estado em condições pouco favoráveis. Mas, em momentos celebrativos, estas questões recaem ao esquecimento.

O momento comemorativo não é aberto a contradições e disputas, pois o ato da memória pacifica o passado, partindo de um olhar positivo da experiência, do olhar saudoso do nostálgico. Nesse sentido, a pluralidade da realidade passada e filtrada pela construção de uma identidade étnica positiva, marcada pela tradição e pelos valores comuns vivenciados pelo grupo (BENEDUZI, 2011, p. 265).

Ao desembarcarem, tiveram seus pertences carregados pelos escravos. Os pertences trazidos pelos figurantes, que não aparecem na imagem, também foram de grande importância para a encenação, pois ali estava contido o imaginário e as lembranças da terra de origem que fora deixada para trás, a fim de se viver uma nova vida. Subiram todos ao palco e se colocaram de joelhos, em sinal de agradecimento à chegada e à acolhida. Este gesto simbólico corrobora uma das mensagens atreladas às comemorações do Biênio da Colonização e Imigração: o sentimento de gratidão, que partiu do gaúcho que acolheu as levas imigratórias, mas também dos imigrantes pela acolhida recebida. Neste momento, realizou-se um ato ecumênico regido pelo Padre Aloysio Bohnen e pelo Pastor Dr. Nelson Kirst, com a participação de corais da região. Percebemos que a fé e as crenças também tiveram espaço nesta encenação, que ao final procurou dar visibilidade à integração entre as culturas alemã e gaúcha através da apresentação do Conjunto de Dança da Schwaben Internacional, acompanhados pela Banda Marcial Alemã, e um conjunto de danças do Centro de Tradições Gaúchas (CTG) “Tio Lautério”. Ainda, 500 colegiais entoaram canções acompanhados pela

Banda do 19º BIMtz em homenagem ao Presidente da República. Neste momento foi encerrada a encenação com o deslocamento dos imigrantes em carreta para a Feitoria<sup>91</sup>.

A repercussão do evento nos dias que se seguiram foi favorável, já que

As comemorações do Sesquicentenário da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul assumiram, já em seu início, dimensões das mais expressivas e tocantes. Os organizadores das festividades tiveram extrema sensibilidade, valorizando aspectos plásticos e históricos. Conseguiram reviver a chegada dos imigrantes às margens do Rio dos Sinos em São Leopoldo, com perfeição e dignidade (CORREIO DO POVO, 27 de julho de 1974, s/p).

### **3.1.2 Réplica da chegada dos imigrantes italianos em Nova Milano**

O ato principal das comemorações do Centenário da Imigração Italiana em Nova Milano aconteceu em 20 de maio de 1975, data em que se celebrou a chegada deste grupo imigrante ao estado. Este evento também contou com a presença do Presidente Ernesto Geisel, sua esposa e filha. A ligação de Geisel com a zona colonial italiana se dava não por sua descendência – que era alemã – mas por ser seu local de nascimento, afinal Geisel nasceu em Bento Gonçalves e nesta região viveu durante muitos anos de sua vida. As propagandas que divulgavam a vinda do Presidente da República fortaleciam esta questão, ao noticiarem que chegaria à região colonial italiana o “mais ilustre filho daquelas terras”.

A presença destacada do Presidente Geisel neste evento e em outros da região pode ser entendida como uma demonstração de que havia o interesse de se criar uma aproximação com o Governo da Itália, seja pela promoção do turismo, seja para transações econômicas através das festas – Festa da Uva e FENAVINHO – e feiras de produtos típicos que já vinham sendo produzidos e exportados.

Além do Presidente da República outras autoridades se fizeram presentes, como o Vice-Ministro das Relações Exteriores da Itália e representante oficial do governo italiano no Brasil, Francesco Cattanei; o Embaixador da Itália no Brasil, Carlo Enrico Giglioli; o Governador do Estado do Rio Grande do Sul, que em 1975 era Sinval Guazelli; o Presidente da Comissão Executiva do Biênio da Colonização e Imigração, Victor Faccioni; o Presidente da Comissão Executiva para as Comemorações do Centenário Italiano, Ottoni Zatti Minghelli; e o Prefeito do município de Farroupilha, Clovis Tartarotti; além de diversas outras

---

<sup>91</sup> A descrição da sucessão de eventos ocorridos foi consultada em: RELATÓRIO DO SESQUICENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL. Germano Oscar Moehlecke, 1974.

autoridades civis, militares e eclesiásticas, como é possível observar na imagem, da Tribuna Oficial durante os festejos.

**Figura 8:** Presidente Ernesto Geisel e demais autoridades presentes no evento de Réplica da chegada dos imigrantes italianos, em Nova Milano.



**Fonte:** DUARTE, 1975, p. 383.

Por ser o evento de comemoração da data magna de chegada dos imigrantes italianos ao estado e também pela presença do Presidente Ernesto Geisel, a população respondeu ao chamado da imprensa e dos organizadores dos festejos e compareceu ao local onde aconteceu a réplica comemorativa. O local escolhido para a celebração foi o largo fronteiro à Igreja de Santa Helena da Cruz, na Praça da Imigração em Nova Milano, distrito de Farroupilha. Este espaço público já possuía uma memória em relação à imigração italiana no estado, pois foi o local onde chegaram as três primeiras famílias italianas: Thomaso Radaelli, Stefano Crippa e Luigi Sperafico, somando no total 11 pessoas. De acordo com Ribeiro (2002, p.40) “o espaço da festa, embora pré-existindo como área física, é um espaço construído, ritualmente, para que nele tenha lugar a dramatização”. Assim, o fato histórico foi rememorado em meio às comemorações através da encenação de chegada dos imigrantes. Esse espaço, que durante as comemorações do Centenário foi lugar para rememorar a imigração italiana no estado, foi ressignificado por meio da atualização das simbologias, mas também através de mudanças

estéticas, já que o Presidente Ernesto Geisel assinou durante o evento a Ata de Lançamento da Pedra Fundamental do Parque-Monumento<sup>92</sup>, que foi inaugurado ainda durante as comemorações, mais precisamente, no ato celebrativo final, programado pela Comissão do Centenário. O Parque, que revitalizou a área, contou com um monumento dedicado ao Centenário – que será analisado na sequência –, além de bandeiras das cidades que formavam a zona colonial italiana no Rio Grande do Sul.

**Figura 9:** Projeto do Parque do Centenário da Imigração Italiana.



**Fonte:** DUARTE, 1975, p.254.

As pompas celebrativas tiveram início com o hasteamento das bandeiras do Brasil, da Itália e do Rio Grande do Sul, seguido da execução dos respectivos hinos por uma banda de música da Brigada Militar. Simbolicamente, a bandeira do Brasil foi hasteada por Felix Radaelli, único filho vivo de uma das 3 famílias pioneiras. Também foram hasteadas as bandeiras dos 25 municípios considerados os pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul.

<sup>92</sup> Recentemente o parque foi revitalizado, recebendo melhorias. A entrega da obra ocorreu com a presença de autoridades do município de Farroupilha e também da Itália, que marcaram este momento com placas. Consultado: <<http://farroupilha.rs.gov.br/novo/parque-da-imigracao-italiana-e-reinaugurado-2>>. Acesso em 07 de fevereiro de 2017.

**Figura 10:** Réplica Histórica de Chegada dos imigrantes italianos.



**Fonte:** DUARTE, 1975, p.380.

A réplica da chegada das primeiras famílias de italianos ao estado, em uma reconstituição teatral, foi organizada por Delmar Mancuso. Nela, os atores representaram alguns personagens, como: Luiz Bugre, índio que teria conduzido os Radaelli, os Crippa e os Sperafico para Nova Milano, em maio de 1875, além da representação destas três famílias. Conforme podemos observar na imagem, os figurantes que representaram as três famílias imigrantes usavam trajes típicos italianos, estando bem vestidos, e também estavam munidos de seus instrumentos de trabalho, demonstrando a força de vontade e pré-disposição em trabalhar e fazer prosperar a terra. Havia ainda quatro carros alegóricos, que representaram 1) a indústria imigrante, ou seja, o desenvolvimento alcançado; 2) os hábitos de lazer, demonstrando toda a tradição que não se perdeu com o deslocamento espacial deste grupo; 3) a agricultura, como elemento que dá significado ao imigrante, ou seja, sua força de trabalho; e 4) o lar imigrante, demonstrando a importância que este grupo dá às suas raízes. Ainda durante a encenação foi entoada a obra de Carlos Gomes, o “Guarani”, bem como melodias e

músicas folclóricas da Itália e composições tradicionais do Rio Grande do Sul, como ‘Prenda Minha’ e ‘Pezinho’. O ato foi encerrado com uma revoada de pombos e três mil balões com as cores do Brasil e da Itália, e ainda um culto ecumênico.

\*\*\*

Os dois momentos descritos acima, em que se celebrou o Sesquicentenário da Imigração Alemã e o Centenário da Imigração Italiana, em suas datas magnas, através da réplica de chegada dos imigrantes, no âmbito das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, foram eventos de bastante destaque em meio a tantos outros atos que estavam se desenvolvendo no decorrer daquele período. Devido à sua grandiosidade – pelo número de espectadores, pela presença do Presidente da República, pelas simbologias pensadas para a encenação – podemos afirmar que estes dois atos celebrativos foram de fato pensados pelas Comissões Executivas do Sesquicentenário e Centenário para serem os eventos destaque dos seus respectivos grupos, demarcando as datas de 25 de julho de 1974 e de 20 de maio de 1975 com toda a pompa.

Destacamos que a presença do Presidente Ernesto Geisel, ainda que apenas como espectador, afirma a oficialidade das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, e foi importante para duas situações: as Comissões que planejaram os eventos se valeram desta presença para propagar o alcance das comemorações por elas promovidas, utilizando a figura do Presidente como um chamariz à participação popular, mas também como forma de dar maior visibilidade aos festejos em nível de Brasil. Por sua vez, o Governo Federal demonstrou disposição em participar e inclusive promover as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração como forma de propagandear o Brasil para o mundo de modo positivo, através das celebrações. De modo especial para a Alemanha e a Itália, a participação do Presidente Geisel em meio a autoridades internacionais representou uma forma de estreitar os laços entre os países buscando fomentar investimentos e intercâmbios econômicos, fato que pode ser comprovado pelo Relatório do Biênio da Colonização e Imigração (p.09), quando afirma que “o Biênio serviu para que a Europa redescobrisse o Rio Grande do Sul”. Vemos aqui novamente os “usos políticos do passado” (HARTOG; REVEL, 2001), pois, para além de celebrar a imigração no estado, as comemorações foram aproveitadas pelo governo para atrair novos investimentos ao Rio Grande do Sul.

Quanto às encenações, se buscou ativar a memória da população através da retomada da história da imigração nas cidades. De acordo com Halbwachs (2013), a memória coletiva é construída a partir da narração de elementos que possuem sentido a um determinado grupo e

só permanecem vivas enquanto continuarem fazendo sentido e possam ser partilhadas. Esta memória, de acordo com Catroga (2001, p.48), necessita ser reavivada:

A memória só poderá desempenhar a sua função social através de liturgias próprias, centradas em reavivamentos, que só os *traços-vestígios* do pretérito são capazes de provocar. Portanto, o seu conteúdo é inseparável dos seus campos de objectivação e de transmissão – linguagem, imagens, relíquias, lugares, escrita, monumentos – e dos ritos que o produzem. O que mostra que, nos indivíduos, não haverá memória colectiva sem suportes de memória ritualisticamente compartilhados.

As réplicas encenadas recorreram principalmente ao simbolismo do momento de chegada dos imigrantes às cidades, reforçando esta memória através do ato celebrativo e da reafirmação da data. A ativação de pertencimento étnico na população que estava assistindo, através de traços que remeteram aos seus antepassados, os comoveu, e segundo a imprensa, comoveu ao próprio Presidente Geisel. Neste sentido, entendemos que “a função dos ritos é manter e transmitir de uma geração à outra as disposições emocionais de que depende a própria existência da sociedade tal como se constitui” (BRAGANÇA, 1994, p.330).

### **3.2 OS ESTUDOS DA IMIGRAÇÃO ENTRAM EM CENA: a institucionalização da história da imigração no Rio Grande do Sul**

A promoção das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração e a execução de seus atos celebrativos ao longo de 1974 e 1975 foram iniciativas importantes para a valorização da imagem e da cultura imigrante no estado. Neste contexto, percebemos que houve preocupação e interesse por parte das Comissões Executivas de Homenagem em estimular e valorizar as pesquisas no âmbito da imigração, em um trabalho de recuperação e valorização do passado. Esta iniciativa apresentou-se como uma forma de guardar e documentar a história da imigração e da própria comemoração do Biênio da Colonização e Imigração. Uma afirmação feita por Ribeiro (1999, apud DAL BÓ; IOTTI; MACHADO, 1999, p.84-85) em relação à imigração italiana, e que tomamos como norteadora para entender o fomento à pesquisa no âmbito da imigração também para os demais grupos, aponta que “o interesse pelas pesquisas [...] residia no fato de que o fenômeno da imigração italiana no Rio Grande do Sul não havia sido, até então, objeto de investigação científica”. Assim, a partir das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração houve uma demanda de interesse pela institucionalização do passado imigrante, através da criação de museus e arquivos, e conservação de monumentos e prédios históricos.

Tal demanda, de criação de lugares de memória, contudo, não deve ser explicada apenas pelo interesse que as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração suscitarão, mas também, devem ser compreendidas no marco dos anos 1970, de preocupação com a conservação do passado e o “medo do esquecimento” (HARTOG, 2013). Também podemos relacionar esta demanda de revisitação do passado imigrante do estado ao processo de re-democratização política “lenta e gradual” que estava se estabelecendo no Brasil. Este contexto político permitiu uma revalorização do pluralismo, estimulando o desenvolvimento de novos enfoques na historiografia da imigração. Para Poutignat e Streiff-Fenart (1998), o modelo do “pluralismo cultural”, nos anos 1970, valorizou uma imagem da sociedade como um composto de grupos que preservam sua própria identidade cultural. Neste sentido, em nosso estudo sobre a imigração no Rio Grande do Sul, esta influência do “pluralismo cultural” ajudaria a explicar o discurso expressado pelo governo do estado nas comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, de integração étnica, já que de acordo com NAVARRETE (2008, p.111) “este novo paradigma para as relações interétnicas parte da premissa de que as diferenças culturais e étnicas entre os grupos que constituem as nações são realidades essenciais e inquestionáveis e que os sistemas políticos devem refleti-las e preservá-las”.

Lembramos que a memória coletiva, principalmente aquela que é institucionalizada e passa a contar uma “história oficial”, é fruto do trabalho de grupos sociais que articulam e localizam lembranças, criando acervos de compartilhamento. Halbwachs (2013) afirma que a memória coletiva tem um papel fundamental nos processos históricos, pois tem o poder de dar nova vida a objetos culturais e momentos.

Foi durante as comemorações do Sesquicentenário da Imigração Alemã, em 1974, que se estudou a possibilidade de construir um novo prédio para o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, buscando atender o crescimento do seu acervo. Com o apoio da Prefeitura Municipal, foi elaborado um plano de um “Parque da Imigração”, prevendo um espaço de exposições permanentes e temporárias, pinacoteca, auditório, instituto histórico e genealógico, biblioteca, arquivo, administração, oficinas e reconstrução de uma casa de colono com todos os seus pertences. Já durante as comemorações do Centenário da Imigração Italiana, em 1975, a preocupação com a preservação do passado imigrante se materializou na criação do Museu e Arquivo Histórico Municipal e no Museu da Casa de Pedra, ambos na cidade de Caxias do Sul.

Aqui analisamos quatro momentos em que durante as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração se buscou revisitar a história da imigração através de suportes

diferenciados: um simpósio, um instituto de memória, dois álbuns comemorativos e três certames.

### 3.2.1 I Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã

O I Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul foi realizado em São Leopoldo, na Biblioteca Pública Olavo Bilac, entre os dias 12 e 15 de setembro de 1974, sendo mais um dos pontos altos dos festejos do Sesquicentenário da Imigração Alemã.

Proposto pela Sub-Comissão de Assuntos Históricos e Culturais, tinha como objetivo “despertar a atenção para a pesquisa e a necessidade de se completarem estudos ainda não encerrados [...] tinha por escopo, também, estimular o aparecimento de novos pesquisadores” (MOEHLECKE, 1974, p.07), além de “contribuir para esclarecer dúvidas e trazer novas luzes sobre o fato imigratório [...] dando um caráter permanente aos festejos do Sesquicentenário da Imigração Alemã” (JORNAL CORREIO DO POVO, 04/05/1974, s/p).

Na sessão de instalação do Simpósio, a Mesa de Honra foi composta por Euclides Triches, Governador do Estado; Senador Ney Braga, Ministro de Estado da Educação e Cultura; Deputado Arnaldo da Costa Prieto, Ministro de Estado do Trabalho; Henrique da Costa Prieto, Prefeito Municipal de São Leopoldo; Tenente Coronel Mauro da Costa Rodrigues, Secretário de Estado da Educação e Cultura; Padre Theobaldo Frantz, Reitor da UNISINOS; Pastor Dr. Gottfried Brakemeier, representante da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil; Tenente Coronel Acy Sampaio Moreira, Comandante da Guarnição Federal de São Leopoldo; Dr. Werner Von Beyne, Cônsul Geral da República Federal da Alemanha; Adalbério Stumpf, Presidente da Câmara de Vereadores de São Leopoldo; Rodolfo Englert, Presidente da Comissão Executiva dos Festejos do Sesquicentenário da Imigração Alemã; Professor Telmo Lauro Müller, Presidente da Subcomissão de Assuntos Históricos e Culturais e Coordenador do Simpósio.

Em discurso Oficial proferido na Instalação do Simpósio, o Professor Telmo Lauro Müller justificou a promoção do evento:

*“Seria a contribuição dos estudiosos do assunto para um melhor e mais profundo conhecimento do fato. Desde que assumimos a Presidência da Subcomissão de Assuntos Históricos e Culturais, tínhamos em vista a realização de evento dessa natureza, pois achávamos que só assim marcaríamos de forma permanente e gabaritada a importância dos 150 anos de presença alemã entre nós”* (ANAIS DO I SIMPÓSIO DE IMIGRAÇÃO ALEMÃ, 1974, p.15).

A temática para as apresentações foi dividida em três pontos: *Histórico-geográfico*: onde se abordou temas como a Feitoria do Linho-Cânhamo, a fundação da Colônia de São Leopoldo, a divisão dos lotes coloniais, a Guerra do Prata e a Companhia de Voluntários Alemães, a Guerra dos Farrapos e sua repercussão na colônia alemã, a Guerra do Paraguai e a contribuição dos teutos, os Mucker e as lojas maçônicas alemãs; *Econômica*: abordando a produção agrícola antes e depois da colonização, o artesanato e a indústria, o Rio dos Sinos, os instrumentos de trabalho agrícola, os meios de transporte e as vias de comunicação, as casas comerciais, indústrias, cooperativas e bancos; *Sócio-cultural*: discorrendo acerca dos usos e costumes, o chimarrão, o kerb, alimentação e vestuário, ensino, medicina e farmacologia, sociedades, literatura, imprensa, língua e dialetos. Ao todo, foram apresentados 19 trabalhos<sup>93</sup> e 3 conferências<sup>94</sup>.

Foram redigidas 4 atas referentes às sessões em que ocorreram as apresentações (ANAIS DO I SIMPÓSIO DE IMIGRAÇÃO ALEMÃ, 1974, p.25-29). Nelas se pode tomar ciência das intervenções que foram realizadas após a apresentação de cada um dos trabalhos. Trazemos aqui alguns exemplos: no trabalho de autoria de Armindo Lauffer, intitulado “Nobres germânicos e sua contribuição para o progresso do Brasil”, se chegou à conclusão de que seu tema já estava amplamente estudado em outra obra, de Carlos H. Oberacker Jr., em “Contribuição teuta à formação da nação brasileira”; na ata número 2, se registrou que o trabalho intitulado “A maçonaria em São Leopoldo”, de autoria de Roberto João Dörnte, que abordou a temática analisando como a maçonaria participou do desenvolvimento da cidade de São Leopoldo, teve como intervenções perguntas referentes à possibilidade de pesquisa no arquivo maçônico como forma de aprofundamento do tema; na terceira ata, temos relatada a apresentação de um trabalho referente à relação entre índios e imigrantes, de autoria de Ligia

---

<sup>93</sup> “Eles se empenham pelo erguimento do bem-estar material da Colônia Alemã no Rio Grande do Sul”, Prof. Dr. Lourenço Luiz Lacombe; “Os Bruder – Jesuítas no Sul do Brasil”, Pe. Arthur Rabuske S. J.; “Os nobres Germânicos e sua contribuição ao Rio Grande do Sul”, Armindo Lauffer; biografia do “Prof. Luiz Englert”, Rodolfo Englert; “A Maçonaria em São Leopoldo”, Dr. Roberto J. Dörnte; “Maçonaria no Rio Grande do Sul”, Dr. Ernesto Putz; biografia de “Henrique José Wiederspahn”, Ten. Cel. Henrique O. Wiederspahn; biografia de “Cel. Theodomiro Porto da Fonseca”, Gen. Mário Fonseca; “A Bismarckrunde em Porto Alegre”, Leandro Telles; “Algo sobre os Corais no Rio Grande do Sul”, João S. Baldauf; “Os Judeus Alemães no Rio Grande do Sul – Século XIX”, Dr. Klaus Becker; “Os índios no Sul do Brasil e a Imigração”, Ligia T. L. Simonian; “São Leopoldo 1878”, Prof. Telmo Lauro Müller; “Breves Considerações Psico-Analíticas em Torno na Personalidade de Jacobina Maurer”, Dr. Ramiro Frota Barcelos; “Epílogo da Trajédia do Ferrabraz”, Dr. Carlos Henrique Hunsche; “A Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul nas obras de viajantes Estrangeiros” e “Os Brummes – primeiros pontoneiros do Exército Brasileiro”, Major Eng. Quema Claudio Moreira Bento; “A Poesia de Augusto Meyer e Raul Bopp”, Dr. Itálico Marcon; “Museu Histórico Visconde de São Leopoldo”, Prof. Telmo Lauro Müller (ANAIS DO I SIMPÓSIO DE IMIGRAÇÃO ALEMÃ, 1974, p.22-24).

<sup>94</sup> “A Imperatriz Leopoldina e a Imigração Alemã”, Professor Lourenô Luiz Lacombe; “Dialetolegia na Zona de Imigração Alemã no Rio Grande do Sul”, Prof. Dr. Walter Koch; e “A Nova Face dos Mucker”, Cel. Moacyr Domingues (ANAIS DO I SIMPÓSIO DE IMIGRAÇÃO ALEMÃ, 1974, p.22-24).

T. L. Simonian, recebendo como contribuição os apontamentos de que o Pastor Wilhelm Rotermond talvez tenha sido o primeiro imigrante a chamar atenção para os índios, que a Igreja Evangélica de Confissão Luterana mantinha em Tenente Portela uma missão indígena que ilustrava o atual contato entre índios e brancos, e que na UNISINOS havia o Instituto Anchietano de Pesquisa, com bom material sobre o assunto; e na última ata, sobre o trabalho apresentado pelo Dr. Ramiro Frota Barcelos, intitulado “As considerações psicanalíticas em torno da personalidade de Jacobina Maurer”, as intervenções contestaram a influência do pai de Jacobina que levou-a a agir como epilética, levantaram dúvidas sobre o depoimento do Pastor Klein, questionaram sobre as bases documentais as quais o autor se amparou e elogiaram o fato de um médico ter trazido novos aspectos sobre o assunto.

Ao final do evento, 3 moções (ANAIS DO I SIMPÓSIO DE IMIGRAÇÃO ALEMÃ, 1974, p.29-30) foram aprovadas:

1ª – Reconhecimento ao historiador Dr. Lourenço Luiz Lacombe, Diretor do Museu Imperial, que realizou uma conferência e participou dos debates, contribuindo com sua experiência.

2ª – Louvor e reconhecimento ao Professor Telmo Lauro Müller pelo desempenho e empenho na realização do Simpósio.

3ª – A efetivação, na cidade de São Leopoldo, de dois em dois anos, de simpósios que provoquem a investigação de temas que digam respeito à formação e evolução de São Leopoldo e do Rio Grande do Sul, considerando o interesse pela história e os resultados positivos do primeiro Simpósio que atraiu elevado número de historiadores, professores, estudiosos e universitários, levando a melhor compreensão e exame dos temas relativos à colonização.

### **3.2.2 Instituto Superior Brasileiro-Italiano de Estudos e Pesquisas (ISBIEP)**

Em 1974, anteriormente às comemorações do Centenário da Imigração Italiana, foi instalado na Universidade de Caxias do Sul, o Instituto Superior Brasileiro-Italiano de Estudos e Pesquisas (ISBIEP). Este Instituto contou com o apoio do Centro de Pesquisa para a América Latina (CRAL) de Florença, que buscava fomentar e subsidiar estudos relacionados à imigração italiana na América Latina.

O ISBIEP foi responsável pela realização de ações de preservação e pesquisa referentes à imigração italiana, tendo como campos principais de investigação a linguística, a história, a etnografia e as questões socioeconômicas. Seu primeiro diretor foi o professor Ciro

Mioranza, e foram pioneiros neste campo de pesquisa juntamente com ele, Cleodes Maria Piazza Julio Ribeiro, Vitalina Frosi e José Clemente Pozenato.

A criação do ISBIEP representou um grande passo para os estudos da imigração italiana no Rio Grande do Sul, conforme aponta Herédia (2003, p.53), “a criação desse instituto representou a mudança nas linhas dos estudos sobre imigração italiana no Rio Grande do Sul”. A partir da sua criação foram promovidos eventos pioneiros no âmbito dos estudos da imigração italiana, como o I Ciclo de Conferências sobre Cultura e Imigração Italiana, realizado em 1974, e o I Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros, em 1975, já durante as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração. O Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros foi proposto por Dante de Laytano, integrante da Subcomissão de Assuntos Históricos e Culturais da Comissão do Centenário da Imigração Italiana, e coordenado por Jayme Paviani, José Clemente Pozenato e Ciro Mioranza. Neste Fórum, participaram muitos pesquisadores da imigração italiana reconhecidos nacionalmente, como Lucy Maffei Hutter, José Ribeiro de Almeida Santos Neto, Paulo Duarte, Octávio Ianni, José de Souza Martins e Eunice Ribeiro.

### **3.2.3 Álbuns Comemorativos ao Sesquicentenário Alemão e ao Centenário Italiano**

Durante as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, as Comissões Executivas de Homenagem à imigração alemã e italiana propuseram a criação de álbuns comemorativos dedicados a contar a história de seus grupos, mas também a registrar a passagem das comemorações. De acordo com Knack (2013, p. 277) os álbuns comemorativos são meios de celebrar acontecimentos e auxiliam na definição e transmissão do conteúdo das comemorações, já que neles podemos ver de maneira ordenada os fatos e personagens históricos, além das autoridades políticas e sociais da época. Mas também os álbuns comemorativos podem ser entendidos como um mecanismo de propaganda, ao estampar em suas páginas o desenvolvimento e prosperidade alcançados pelos imigrantes.

... el álbum conmemorativo, como una especie de inventario, clasifica, controla y define aquellos elementos capaces de expresar la unidad de las nuevas naciones y asegurar las bases de una tradición nacional. Exhibiendo lujosas encuadernaciones en cuero, gran formato y una cuidadosa atención a la presentación y el diseño gráfico, los álbumes documentan el triunfo (GIAUDRONE, 2012, p.427).

**O álbum comemorativo do Sesquicentenário da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul** foi lançado em 1974, e nele foram desenvolvidos temas variados, como vamos elencar:

1) Temos a presença de várias autoridades políticas através de mensagens por eles escritas acerca das comemorações, como o Presidente da República Ernesto Geisel, o Governador Euclides Triches, o Cônsul Geral da República Federal da Alemanha Werner Von Beyne, e Fernando Gonçalves em nome da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul.

2) As comemorações do Biênio da Colonização e Imigração aparecem no álbum através do relato da instalação de seus festejos e da posse da Comissão do Sesquicentenário, situando as comemorações alemãs no bojo desta festa maior. Uma sucessão de discursos pronunciados nestas solenidades também foram transcritos. As memórias do Biênio da Colonização e Imigração foram guardadas nestas páginas através de fotos e textos que registraram os principais atos comemorativos do Sesquicentenário da Imigração Alemã.

3) Em uma sessão intitulada “Depoimentos”, a imigração alemã foi abordada por pessoas consideradas importantes e de renome no estado e no país, como: o historiador Leopoldo Petry, o Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande em 1840, José Feliciano Fernandes Pinheiro, Antonio Augusto Borges de Medeiros, historiador Aurélio Porto, Getúlio Dornelles Vargas, Luiz Alves de Lima e Silva e Theodomiro Porto da Fonseca.

4) Sobre a empreitada imigratória propriamente dita, o álbum dedicou parte considerável para relatos da viagem, da chegada e da instalação dos imigrantes no estado. Também ganhou destaque a cidade de São Leopoldo, entendida como o Berço da Colonização Alemã. A partir do título “São Leopoldo de Hillebrand a Prieto, 150 anos de história” se buscou fazer uma linha de tempo política e histórica pela qual passou a cidade.

5) Outros temas também foram trazidos para a documentação em formato de álbum comemorativo, como: o espírito associativo do imigrante; a língua falada na colônia diferentemente da língua falada na Alemanha; o histórico da Igreja Católica na figura do Cardeal Vicente Scherer; os jesuítas lembrados através da Sociedade Antonio Vieira e nas figuras do Padre Teodoro Amstad e do Padre João B. Reus, além do Colégio Anchieta e UNISINOS; a Igreja Evangélica de Confissão Luterana na figura do pastor Karl Gottschald, bem como pela Associação Beneficente e Educacional de 1858; a arquitetura típica alemã; a educação, o ensino e a pesquisa; a saúde na figura do Hospital Moinhos de Vento; as artes gráficas; a imprensa; as artes visuais na figura dos artistas Ernesto Frederico Scheffel e Pedro Weingärtner; o Instituto Cultural Brasileiro-Alemão; o Museu Histórico Visconde de São

Leopoldo; a relação entre o Rio Grande do Sul e a República Federal da Alemanha; as festas e tradições; o esporte; a literatura e a tragédia do Muckers.

6) Muitas páginas foram dedicadas à propaganda da indústria e do comércio, como forma de demonstrar a prosperidade atingida: em São Leopoldo – Indústria de Artefatos de Borracha BINS, Ferramentas Gedore do Brasil, Weinmann Cia Ltda; em Novo Hamburgo – Indústria de Electro Aços Plangg, Turiscar do Brasil; em Campo Bom – Schmidt Irmãos Indústria e Comércio; em Portão – Curtume Boa Vista, Curtume Arthur P. Müller e Cia; em Gramado – Calçados Ortopé, Artesanato Gramadense; em Santa Cruz do Sul – Arcal Indústria do Vestuário, Cimasa Carrocerias Implementos e Máquinas Agrícolas; em Cachoeira do Sul – Reinaldo Roesch Comércio, Indústria e Cultura de Arroz, Fundação Jacuí; em Santa Maria – Indústrias Cerâmicas, Verafumos Comércio, Indústria e Agricultura de Fumos e Cereais. Outras cidades foram citadas como: Canoas, Esteio, Sapucaia do Sul, Igrejinha, São Pedro do Sul, Santo Antônio da Patrulha, Guaíba, Gravataí, Pelotas, São Lourenço do Sul, Lajeado, Estrela, Ijuí, Três Passos, Panambi, Ibirubá, Carazinho, Campo Real, Giruá, Três de Maio, Santo Cristo, Horizontina. A partir destas cidades e indústrias, foi abordada a participação dos imigrantes na economia do Rio Grande do Sul e do Brasil através de grandes empresas como a Volkswagen, da Varig, do grupo Renner, da Neugebauer, da Gerdau, Bayer do Brasil, Mercedes Benz, Deutsche Lufthansa e Stihl.

Já o **álbum comemorativo ao Centenário da Imigração Italiana**, lançado em 1975, desenvolveu temas como:

1) Marcou a presença de governantes e autoridades, através da publicação de mensagens como do então Governador Sinval Guazelli, do ex-Governador Euclides Triches, da Assembleia Legislativa do Rio Grande Sul na figura do Presidente João Carlos Gastal, do ex-Prefeito de Caxias do Sul Mario Bernardino Ramos, do Presidente do Biênio Victor Faccioni e do Presidente da Comissão Executiva do Centenário da Imigração Italiana.

2) As comemorações do Biênio da Colonização e Imigração foram registradas através da XIII Festa da Uva no ano do Centenário Italiano no estado e a presença do Presidente Geisel na réplica de chegada dos imigrantes em Nova Milano, mas também pelo relato das instalações das festividades do Centenário da Imigração Italiana e seus pronunciamentos, que situaram a publicação do álbum dentro deste presente comemorativo.

3) A imigração italiana foi abordada através da descrição do processo imigratório, da instalação dos imigrantes no estado, da localização das cidades de origem dos imigrantes e das motivações que os conduziram à decisão de mudança de espaço físico, social e cultural.

4) As cidades que faziam parte da região colonial italiana ganharam destaque através de históricos e descrições: Silveira Martins, Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Veranópolis, Garibaldi, Guaporé, Encantado, Flores da Cunha, Nova Prata, Farroupilha (destacada como Berço da Colonização Italiana), Casca, Marau, Carlos Barbosa, Serafina Corrêa, São Marcos, Anta Gorda, Ilópolis, Putinga, Nova Bassano, Nova Araçá, Nova Bréscia, Paraí, Soledade e São Borja.

5) Como forma de demonstrar a prosperidade alcançada pelos imigrantes, indústrias das mais diferentes áreas de produção também foram citadas, entre elas: Madezatti, Metalúrgica Abramo Eberle, Incopesca Indústria e Comércio de Pesca, Marcoplan Equipamentos Industriais, Cooperativa Vitivinícola Forqueta, Cervejaria Pérola, Marcopolo Carrocerias e Ônibus, Gazola Indústria Metalúrgica, Tecelagem Marisa, Pena Branca Integração Avícola, Cooperativa Vinícola Aurora, Vinhos Salton, Cooperativa Vinícola Garibaldi, Malharia Farroupilha, Granja Radaelli, Aviária Piazza e Pirelli.

6) Outros assuntos que foram tratados no álbum: a arquitetura italiana; a produção de uva e o vinho; o cooperativismo; a UCS; a religião; a língua; o ensino; ascendência cultural dos descendentes; as sociedades italianas; o Instituto Dante Alighieri; o Centro Ítalo-Brasileiro; os italianos na história da América Portuguesa nas figuras de: Giuseppe Garibaldi, Francisco Anzani e Tito Lívio Zambecari; a imprensa italiana; os italianos na política e administração; a presença italiana na Guerra dos Farrapos.

### **3.2.4 Certames de Letras, Musical e de Jornalismo**

Os atos celebrativos propostos, de modo geral, se destinaram a dois públicos distintos, ao identificarmos nas comemorações do Biênio da Colonização e Imigração características de festejos populares, mas também propostas celebrativas para um público mais erudito. São propostas como a de escolha de rainhas, concursos, prêmios e desfiles que aumentam a participação popular nos festejos. Ao mesmo tempo em que eventos como recitais, concertos e ciclos de palestras indicam estar direcionadas a um público que busca nas comemorações mais do que apenas festejar. Quanto à inclusão de uma programação erudita nos festejos, Ribeiro (2002, p.177) problematiza as intenções de seus organizadores, tendo como exemplo as Festas da Uva em Caxias do Sul. Ela afirma que

A programação erudita como parte dos festejos populares parece ter assumido uma função e um sentido no quadro da ritualidade daquela festa: o de fazer um contraponto à pobreza do passado. É verdade que expressões da cultura erudita não eram estranhas às elites locais ilustradas e nem mesmo a uma parcela da população urbana de Caxias do Sul. No entanto, o fato de inseri-la no espaço simbólico da festa sinaliza que há uma inserção da cultura camponesa no universo da cultura erudita, mas indica, também, um grau de qualificação cultural dos ofertantes, que os faz introduzir no âmbito da ritualidade de uma festa de cunho popular, manifestações da cultura erudita.

Dentre o que consideramos manifestações da cultura erudita, citamos três concursos que foram promovidos “como elemento motivador da pesquisa histórica e do enriquecimento cultural do Estado” (RELATÓRIO OFICIAL DO GOVERNO DO ESTADO PARA O BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO NO ESTADO, 1976, p.27).

O Certame de Letras foi instituído pelo Decreto N°. 22.783 de 07 de novembro de 1973, com o objetivo de dar visibilidade aos fatos mais importantes da imigração e da colonização no Rio Grande do Sul, através de uma proposta de cunho educativo e cultural. Foi então promovido um Concurso de Monografias sobre a imigração Luso-Brasileira, Alemã, Italiana e sobre a Imigração de modo geral. Criou-se também um Prêmio de Ficção e um de Poesia. Toda a organização deste Certame esteve a cargo de uma Secretaria Executiva sob a ordem do IEL, responsável pela publicação de obras em nome do Biênio da Colonização e Imigração. Esta Coleção publicou os trabalhos premiados em primeiro lugar, a partir de uma Comissão Julgadora nomeada pela Secretaria Estadual da Educação e Cultura. Como premiação, os ganhadores receberiam dinheiro e distinções de honra<sup>95</sup>.

O Certame Musical, instituído pelo Decreto N°. 22.784, de 07 de novembro de 1973, esteve sob a responsabilidade da Comissão Central do Biênio da Colonização e Imigração,

---

<sup>95</sup> Premiados do Certame de Letras: 1) Concurso de Monografias sobre a imigração alemã: 1º lugar – Carlos Henrique Hunshe, “O Biênio 1824/1825 da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul, Província de São Pedro”; 2º lugar – Carlos Henrique Guilherme Oberacker, “Jorge Antonio Von Schäffer, o criador da primeira corrente emigratória alemã para o Brasil e de preferência para o Rio Grande do Sul”; 3º lugar – Moacyr Domingues, “Os Muckers”. 2) Concurso de Monografias sobre a imigração italiana: 1º lugar – Thales de Azevedo, “Italianos e Gaúchos – Os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul”; 2º lugar – Olívio Manfroi, “A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais”; 3º lugar – Heinrich Adam Wilhelm Bunse, “O vitivinicultor e a vitivinicultura na antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul (estudo sócio-etnolinguístico)”. 3) Concurso de Monografias sobre a Colonização e Imigração em Geral: 1º lugar – Lucy Maffei Hutter, “A colonização em São Pedro do Rio Grande do Sul durante o Império”; 2º lugar – Cláudio Moreira Bento, “Estrangeiros e descendentes na história militar do Rio Grande do Sul (1635-1870)”; 3º lugar – Francisco Riopardense de Macedo, “Ingleses no Rio Grande do Sul”. 3) Concurso de Monografias sobre a contribuição do negro na integração sócio-cultural sul-riograndense: 1º lugar – Cláudio Moreira Bento, “O negro e descendentes na sociedade do Rio Grande do Sul (1635-1975); não houve classificados em segundo e terceiro lugar. 4) Prêmio de Poesia: 1º lugar – José Eduardo Candal Degrazia, “Lavra Permanente”. O Concurso de monografias sobre a colonização luso-brasileira, o prêmio de ficção Biênio da Colonização e Imigração, não teve classificados. (RELATÓRIO OFICIAL DO GOVERNO DO ESTADO PARA O BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO NO ESTADO, 1976, p.28-33).

bem como da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA). O objetivo era premiar obras sinfônicas que tivessem como inspiração a saga de conquista da imigração no Rio Grande do Sul<sup>96</sup>. As obras vencedoras seriam apresentadas pela OSPA em audições comemorativas do Biênio da Colonização e Imigração e aquela premiada com o primeiro lugar ainda seria editada em um disco com tiragem de mil cópias. A participação neste Certame implicaria a renúncia dos direitos autorais das obras para execução da OSPA até o dia 31 de dezembro de 1975.

O Certame de Jornalismo, instituído pelo Decreto Nº 22.814 de 20 de novembro de 1973, se destinava a jornalistas profissionais que apresentassem trabalhos jornalísticos publicados e relacionados aos Prêmios “Sesquicentenário da Imigração Alemã”, “Centenário da Imigração Italiana”, “Colonização Luso-Brasileira no Rio Grande do Sul” e “Biênio da Colonização e Imigração”. Da mesma forma que os vencedores dos concursos anteriores, ganharam prêmios em dinheiro e distinções de honra<sup>97</sup>.

---

<sup>96</sup> “Lamentavelmente, e contrariando as melhores expectativas, o Certame não chegou ao seu natural desfecho [...] os maestros que constituíram a Comissão de Seleção, Srs. Alfredo Hulsberg da OSPA, Cesar Guerra Peixe do Rio de Janeiro e Camargo Guarnieri, de São Paulo, opinando a respeito dos trabalhos que lhes foram submetidos, em número de 11, concluíram que eram de nível surpreendentemente aquém do esperado, tendo um deles desclassificado todas nas composições, e os outros dois, admitido, com restrições, as composições elaboradas pelos pseudônimos “Tartarana” (Bruno Kiefer) intitulada “Poema Telúrico”, e “Chimarrão” (Jorge Antunes), intitulada “Concerto para um mês de sol” [...]” (RELATÓRIO OFICIAL DO GOVERNO DO ESTADO PARA O BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO NO ESTADO, 1976, p.36-37).

<sup>97</sup> 1) Prêmio Sesquicentenário da Imigração Alemã: de Imprensa: 1º lugar – Reportagem publicada na Folha da Tarde em 25.07.1974, de Cerilo Camilo Simon, Luiz Armin Schuch e Carlos Adamatti, “Um século e meio de trabalho e amor à terra”; 2º lugar – Reportagem publicada em Zero Hora em 25.07.1974, de Mário Antonio Pereira e Ercy Pererira Torm, “150 anos da imigração alemã no Rio Grande do Sul”; De televisão: 1º lugar – Transmitida pela TV Gaúcha no programa Fantástico Show da Vida, às 22 horas do dia 03.03.1974, de Dejair Cabrera e Eva Dürr, “A colonização alemã no município de Nova Petrópolis”. 2) Prêmio Centenário da Imigração Italiana: de Imprensa: 1º lugar – publicada em série, no Suplemento de Fim-de-Semana da Folha da Tarde, edições de 15,22 e 29 de março, 05,12 e 19 de abril, 03, 10, 17 e 24 de maio de 1975 de Vitor Moraes, “Uma saga de amor e esperança”; 2º lugar – Série de trabalhos publicados no Correio Rio-Grandense, de Caxias do Sul, edições de 04.12.1974, 01.01.1975, 12.02.1975, 05.03.1975, 19.03.1975, 02.04.1975, 16.04.1975, 30.04.1975, 28.05.1975, 11.06.1975, 16.07.1975 e 13.08.1975 de Décio Osmar Bombassaro; De rádio: 1º lugar – divulgada pela Rádio Porto Alegre, nos dias 29 e 30 de agosto de 1975, de Luiz José B. Figueiredo, “Italianos, cultura e progresso há 100 anos no Rio Grande do Sul”; 2º lugar – divulgado pela rádio da Universidade, no dia 20 de agosto de 1975, de Terezinha Turcato, “Tu serás uma benção”; De televisão: 1º lugar – transmitido pela TV Gaúcha no programa Jornal do Almoço do dia 30.08.1975 de Luiz Carlos Silva, “Um século é passado”; 2º lugar – transmitido pela TV Difusora no programa A Grande Noite, do dia 08/03/1975, de Lia Mariza Lima, “Homenagem ao Centenário da Imigração Italiana”. 3) Prêmio Colonização Luso-Brasileira: de Imprensa: 1º lugar – publicada em Zero Hora, edição de 28.09.1975, de Teresinha Tellini Figueiredo, “Uma viagem em busca do passado português no Rio Grande do Sul”; 2º lugar – publicada no Jornal da Semana, edição de 02 e 03.08.1975, de Percio Buyz Pinto, “A colonização do Rio Grande do Sul”; De rádio: 1º lugar – divulgado pela Rádio Porto Alegre no dia 30.09.1975, de Luiz José B. Figueiredo, “Portugal, o começo de tudo”. 4) Prêmio Biênio da Colonização e Imigração: de Imprensa: 1º lugar – publicada no Caderno de Fim-de-Semana da Folha da Tarde, edição de 09.08.1975, de Tibério Vargas Ramos, “O gaúcho negro”; 2º lugar – publicado na Revista Parlamento, edição de novembro e dezembro de 1974, de Eloy Dias dos Anjos, “Negro – Um parâmetro da realidade brasileira”; de rádio: 1º lugar – divulgado pela Rádio Porto Alegre dentro do Programa Biênio da Colonização e Imigração do dia 30.10.1975, de Luiz José B. Figueiredo, “O negro no Rio Grande do Sul”. (RELATÓRIO OFICIAL DO GOVERNO DO ESTADO PARA O BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO NO ESTADO, 1976, p.33-36).

\*\*\*

Na conjugação dos quatro atos que foram descritos e que fizeram parte das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, quisemos ressaltar a importância que foi dada pelas Comissões Executivas de Homenagem do Sesquicentenário Alemão e Centenário Italiano para o tema dos estudos da imigração dos seus respectivos grupos.

As comemorações do Biênio da Colonização e Imigração suscitaram a busca pela memória imigrante do estado, afinal, eram necessários subsídios para a construção das celebrações que se estavam delineando. Assim, os organizadores, ao perceberem que o Rio Grande do Sul estava carente de uma presença mais significativa de lugares que estudassem e compartilhassem a história da imigração, promoveram atos que estimulassem esta área.

A realização do Simpósio da Imigração Alemã permitiu a discussão em âmbito acadêmico de uma grande variedade de temas. Também houve a troca de experiências e saberes, a descoberta de fontes documentais, a indicação de pesquisas em diferentes arquivos históricos. O legado deixado por este Simpósio é, sem dúvida, a certeza de que ele prosperou e cresceu em sua abrangência, acontecendo até os dias atuais, estando no ano de 2016 em sua vigésima segunda edição. O Simpósio de Imigração Alemã é ainda hoje um evento acadêmico e científico internacional de renome para os estudos migratórios. Seu objetivo principal continua o mesmo: expandir a pesquisa no âmbito da imigração e ser um espaço para socializá-la. Em sua primeira edição, contava com a apresentação de apenas 19 trabalhos, hoje são diversos os Simpósios Temáticos oferecidos, demonstrando que as pesquisas no âmbito da imigração vêm sendo ampliadas. Atualmente acontece na UNISINOS, promovido conjuntamente com o Instituto Histórico de São Leopoldo e contando também com o apoio de diversas entidades como a Associação Nacional de Pesquisadores da História das Comunidades Teuto-Brasileiras, Faculdades Integradas de Taquara, Universidade FEEVALE, UCS, Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, Universidade de Passo Fundo, Universidade Federal de Santa Maria, Faculdades EST, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), entre outros.

Já a criação do ISBIEP, teve importância no fomento de pesquisas acerca da imigração italiana. A partir dele foram propostos simpósios, como o Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros, que continua acontecendo e que em 2015 esteve em sua 12ª edição, sendo hoje reconhecido como um evento internacional. Também a partir da criação do Instituto foram desenvolvidos projetos como o Elementos Culturais da Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul

(ECIRS) que dá continuidade, juntamente a outros projetos, ao trabalho iniciado pelo ISBIEP, na pesquisa histórica e investigações acerca da imigração italiana.

Os álbuns comemorativos documentaram as comemorações do Sesquicentenário alemão e Centenário italiano, contaram a história da imigração no Rio Grande do Sul, mas principalmente registraram, como em um inventário, a situação em que se encontravam as regiões de colonização alemã e italiana no presente comemorativo. E nestes três quesitos reside a importância destes suportes de memória que foram muito utilizados no decorrer desta pesquisa. Através do breve relato do conteúdo de cada um dos álbuns percebemos que seu teor é muito parecido, já que basicamente seguem os mesmos moldes e roteiro de desenvolvimento. Os temas que neles ganharam relevância também foram privilegiados pelas comemorações: a demarcação das cidades que pertencem à zona de abrangência dos dois grupos, a rememoração do fato histórico, a visibilidade para a prosperidade alcançada, a valorização de personagens históricos, mas também de figuras atuantes no presente comemorativo. A importância deste suporte está no que ele documenta, conforme apontam Herédia (2003, p.44):

O álbum é relevante do ponto de vista histórico e iconográfico, pois reúne uma documentação sobre a situação dos municípios envolvidos na publicação. Em confronto com outros documentos, constata-se que os álbuns comemorativos tornaram-se fontes preciosas de referência devido à rara documentação preservada. A produção em forma de álbum era um costume na época de prestigiar a região com uma publicação ilustrativa e elucidativa dos municípios que constituíam a região, seus costumes, suas tradições, crenças, seus manifestos, fruto da colaboração de renomados escritores do estado.

Os certames por sua vez, envolveram os pesquisadores da imigração, jornalistas e músicos no ambiente comemorativo. Através dos concursos e de suas regras de julgamento, tivemos como resultado o reconhecimento dado a uma história autorizada. A promoção dos três Certames também apresentaram-se como formas de marcar as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração no tempo através de discursos previamente “aceitos” pelos organizadores.

Cada ato, dentro da sua designação – simpósio, instituto de memória, álbum comemorativo ou certame – contribuiu de fato para que se estabelecesse um campo de estudos imigratórios no Rio Grande do Sul.

### **3.3 GIGANTES DE AÇO E FERRO: os Monumentos Comemorativos**

Durante as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração se construiu e inaugurou cerca de 40 monumentos em todo o Rio Grande do Sul. O monumento, de acordo com Le Goff (1990, p.526) “pode evocar o passado, perpetuar a recordação”. Desta forma, especializados em transmitir lembranças, e como difusores de memórias “eles marcam o território e a sua inscrição na paisagem é ela própria uma força de construção de um espaço político” (CANDAUI, 2013, p.153). A construção de monumentos se insere em um campo de disputas simbólicas em torno das imagens que irão compor o espaço público que será politicamente significado, portanto não se pode pensar que é um movimento neutro. Os rituais estabelecidos e que culminam na construção de um monumento passam pela promoção de concursos, escolha de projetos, financiamento, inauguração e significação que vai se estabelecendo com a população ao longo do tempo.

A construção de monumentos faz parte de uma ação material sobre o território e a paisagem. Estas transformações simbólicas e sociais do espaço urbano articulam as temporalidades. Knauss (1998, p.45) define a imaginária urbana como um “conjunto das imagens da cidade que encontram seus suportes materiais em objetos identificados com o espaço público”. Dito isto, aqui analisamos a criação de três monumentos em homenagem aos grupos de imigrantes açorianos, alemães e italianos, e que foram produzidos durante as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração. De acordo com Nora (1993, p.13) “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversário, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar ata, porque essas operações não são naturais”, e neste sentido, estes três monumentos são lugares de memória da imigração e das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração.

#### **3.3.1 Monumento aos Açorianos em Porto Alegre**

Ainda que a construção de um monumento em homenagem aos açorianos em Porto Alegre tenha sido pensada em um passado distante das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, foi no ano de 1974 que esta obra se efetivou<sup>98</sup>.

---

<sup>98</sup> Já no ano de 1961, por iniciativa de Leonel Brizola, Governador do estado na época, se realizou um concurso, mediante sua autorização, para que juntamente com a Praça dos Açorianos, se erguesse uma obra de arte como forma de homenagear os casais que chegaram por volta de 1752 ao Porto d’Ornelas. Como vencedora do

A partir da consagração da data de fundação da cidade de Porto Alegre como sendo em 26 de março de 1772, através da Lei Nº 3.609 de 29 de dezembro de 1971<sup>99</sup>, pelo então prefeito da cidade Telmo Thompson Flores, se estabeleceu uma nova data comemorativa<sup>100</sup> para a cidade, que no ano seguinte celebrou seu Segundo Centenário, e que em 1974 inaugurou um monumento em homenagem aos primeiros colonizadores.

A construção do Monumento aos Açorianos se inseriu em um momento em que a cidade de Porto Alegre estava sob o comando de um plano de governo municipal que executava grandes obras, em meio a um planejamento de crescimento urbano<sup>101</sup>. A urbanização da cidade modificou sua paisagem e o modo de vivê-la, causando incômodo a alguns moradores preocupados com a preservação do patrimônio histórico. Buscando dar ouvidos a esta parcela da população, principalmente intelectuais que pressionaram a prefeitura, foi nomeada uma Comissão para inventariar prédios e espaços de preservação histórica, além da publicação de obras históricas, álbuns comemorativos e encomendas de painéis e esculturas, buscando rememorar o passado porto-alegrense (MONTEIRO, 2005).

É no bojo destes acontecimentos que se propôs novamente a construção de um monumento em homenagem aos primeiros povoadores da cidade de Porto Alegre, através da Secretaria de Obras e Viação. A proposta inicial era que se projetasse uma obra em conjunto, reunindo Carlos Tenius, Vasco Prado e Francisco Stockinger, o que não funcionou como esperado devido às características de trabalho de cada um dos artistas. Então, em 1973, Carlos Tenius<sup>102</sup> apresentou uma pré-maquete de sua autoria para o monumento, proposta esta que foi aceita.

O monumento foi inaugurado às 10 horas do dia 26 de março de 1974, pelo Embaixador de Portugal no Brasil, José Hermano Saraiva. Estavam presentes na inauguração do Monumento aos Açorianos o Governador Euclides Triches e sua esposa, Neda Triches, os Presidentes da Assembléia Legislativa, Deputado Fernando Gonçalves, do Tribunal de Justiça, Desembargador Pedro Soares Muñoz, o Cardeal Vicente Scherer, o Vice-Presidente do Tribunal de Alçada, Juiz Alaor Wiltgen Terra, o Vice-Governador Edmar Fetter, o

---

concurso saiu Maria de Lourdes Sanchez Hecker, formada em escultura pelo Instituto de Artes de Porto Alegre. Porém, com a sucessão governamental, o concurso foi esquecido, assim como a realização da obra.

<sup>99</sup> PORTO ALEGRE. *Lei Nº 3.609, de 21 de Dezembro de 1971*. Consagra, como data de Fundação de Porto Alegre, o dia 26 de março. Disponível: < <https://leismunicipais.com.br>>. Acesso em: 25 de novembro de 2016.

<sup>100</sup> Anteriormente a data de colonização da cidade de Porto Alegre era comemorada em 05 de novembro.

<sup>101</sup> Foram realizadas obras viárias com o fim de facilitar o trânsito na cidade, a construção do calçadão da Rua da Praia para o tráfego de pedestres, e a manutenção de espaços de cultura e lazer, como a mudança do Auditório Araújo Viana.

<sup>102</sup> Carlos Gustavo Tenius, nascido em Porto Alegre em 1939, foi o escultor do Monumento aos Açorianos e do Monumento ao Centenário da Imigração Italiana. Formado em escultura pela Escola de Artes da UFRGS. Ganhou notoriedade no estado após participar de diversos concursos de arte e esculpir outras obras pelas cidades.

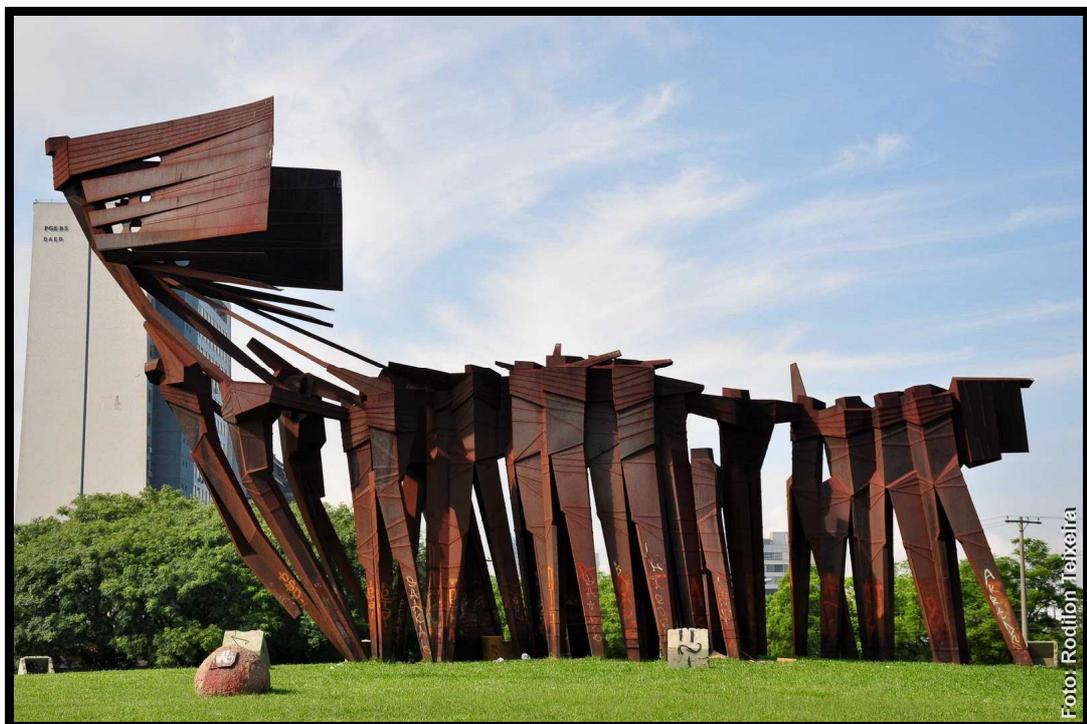
Comandante da V Zona Aérea, Brigadeiro Leonardo Teixeira Collares, o Presidente da Comissão Executiva das Comemorações Luso-Brasileiras, Poty Medeiros, Secretários de Estado e do Município, Deputados, Vereadores, escolares e populares.

A obra se localiza na Praça dos Açorianos<sup>103</sup>, e possui medidas grandiosas: altura mínima de 7,50 metros e máxima de 15 metros, com um comprimento de 24 metros, e pesando cerca de 10 toneladas. O material utilizado para a feitura da obra foi um aço anticorrosivo chamado SAC, responsável pela coloração avermelhada que o monumento possui. Custou aos cofres públicos em torno de 500 mil cruzeiros.

Figurativamente, de acordo com explicação dada por seu escultor, Carlos Tenius, o monumento representa os açorianos de forma simbólica, através da imagem abstrata de um grupo de pessoas se movimentando de oeste para leste, numa projeção ao céu:

*“Foi justamente tendo em vista este espírito, que construí verdadeiros gigantes de aço. Eles não são os açorianos propriamente ditos, mas a homenagem que a cidade presta à grandeza do legado que os açorianos nos deixaram. As dimensões, bem como o próprio tratamento figurativo se prendem ao fato de tratar-se de homens. Do ponto de vista artístico, mais do que heróis de uma conquista, as figuras que agora se erguem no local são os meus heróis” (JORNAL CORREIO DO POVO, 24/03/1974. s/p).*

**Figura 11:** Monumento aos Açorianos.



**Fonte:** RODILON TEIXEIRA, in: <http://rodilonteixeira.blogspot.com.br>.

<sup>103</sup> A Praça dos Açorianos é constituída pelo Monumento aos Açorianos e pela Ponte de Pedra que ligava o Centro da cidade a Zona Sul, tombada em 1979.

No ato inaugural, se descerrou um marco comemorativo ao acontecimento, que traz os seguintes dizeres: “Jamais sonhariam aqueles casais açorianos que da semente que lançaram ao solo brotaria o esplendor dessa cidade”, assinado pelo prefeito de Porto Alegre e o Embaixador de Portugal. Neste momento, discursou o Prefeito Telmo Thompson Flores:

*“[...] Pois aquele pequeno e tão modesto aglomerado de povoadores assume as proporções que a história tantas vezes oferece, neste momento em que vivemos o Biênio da Colonização, que explica o amanhecer do Rio Grande do Sul. [...] Dentre as solenidades de hoje, que assinalam a data da cidade, ela vem prestar a sua homenagem de estremo carinho aos pioneiros açorianos que aqui chegaram há 200 anos, para edificá-la e engrandecê-la. Este monumento, que aqui erguemos, de autoria do escultor Carlos Gustavo Tenius, relevo de arte no Parque dos Açorianos, simbolizará para todo o sempre a imorredura gratidão dos habitantes da “mui leal e valorosa cidade” de Porto Alegre” (JORNAL CORREIO DO POVO, 27/03/1974. s/p).*

Após sua inauguração, a obra recebeu severas críticas, afinal, por se utilizar de formas e materiais não convencionais, o monumento foi chamado de “o paliteiro”.

Sobre o Monumento aos Açorianos em Porto Alegre, concluímos que esta obra, que não foi a primeira proposta de uma homenagem a este grupo imigrante, se efetivou durante as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração por pelo menos três motivos: a valorização e demarcação da nova data comemorativa da cidade de Porto Alegre, que foi instaurada em 1971; a demonstração de preocupação com o patrimônio e a história da cidade por parte da Prefeitura Municipal, que vinha realizando obras de modernização; e por fim, a oportunidade suscitada pela passagem das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração para demarcar a presença açoriana na cidade, de forma grandiosa e impactante. Simbolicamente, segundo seu autor, o monumento buscou valorizar a saga açoriana, dando às figuras abstratas formas que foram capazes de demonstrar sua força e empenho, através do tamanho e material utilizado, e também por sua representação. Buscando marcar este momento, mas também facilitando o entendimento da obra, a placa alusiva a inauguração do monumento trouxe uma mensagem de gratidão e reconhecimento à contribuição deste grupo para a cidade. Como mensagens simbólicas nem sempre são de fácil compreensão, a repercussão do monumento após sua inauguração não foi tão positiva quanto se esperava. As primeiras opiniões transitavam em torno de um completo desentendimento do que se queria comunicar, com falas que inclusive colocaram em dúvida a estética da obra.

### 3.3.2 Monumento ao Sesquicentenário da Imigração Alemã em São Leopoldo

Para a criação de um monumento em homenagem ao Sesquicentenário da Imigração Alemã em São Leopoldo foi realizada uma Campanha Pró-Monumento, através da venda de selos por colegiais, buscando arrecadar fundos.

Feito isso, se propôs um concurso para eleger o projeto mais adequado para a criação do monumento. O edital do concurso foi lançado no sobrado de Jacob Blauth em 30 de janeiro de 1974, com a presença de muitas autoridades estaduais, municipais e de artistas. Poderiam se inscrever artistas brasileiros e estrangeiros de maneira coletiva ou individual, sendo o dia 15 de maio a data limite para a entrega de maquetes no Palácio do Comércio, em Porto Alegre, na sede da Comissão Estadual do Sesquicentenário.

Foram critérios de avaliação para escolha dos projetos vencedores os valores estéticos, a integração urbanística do monumento com o local a ser construído, o poder de expressão e comunicação, a resistência do material a ser utilizado na construção e o seu valor.

Nos dias 29 e 30 de maio a Comissão Julgadora do Concurso do Monumento Comemorativo do Sesquicentenário da Imigração Alemã, que era composta pelo Professor Luiz Carlos Pinto Maciel, representante do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Arquiteto Milton Mattos, representante da Comissão Coordenadora do Biênio da Colonização e Imigração, Arquiteto Carlos Maximiliano Fayet, representante do Instituto de Arquitetos do Brasil, Engenheiro Florêncio Ávila da Luz, representante da Prefeitura Municipal de São Leopoldo e o Professor Telmo Lauro Müller, representante da Comissão Executiva do Sesquicentenário, decidiu rejeitar todos os projetos até então apresentados, justificando que os mesmos não reuniam as qualidades necessárias para serem construídos. Através do seguinte texto a Comissão divulgou sua decisão:

Em decisão tomada por unanimidade, a Comissão Julgadora do concurso para o Monumento Comemorativo do Sesquicentenário da Imigração Alemã resolveu não adjudicar nenhum prêmio para as propostas apresentadas e recomendou a abertura de um novo concurso. Apesar do valor estético de algumas esculturas, da monumentalidade ou integração (na praça) de outros projetos, da preocupação evocativa ou comunicação de mais outros, nenhuma das propostas reunia estas qualidades a ponto de justificar sua escolha como monumento destinado a comemorar não só a colonização e a imigração alemã, como sua profunda contribuição social, econômica, política, cultural e esportiva ao nosso desenvolvimento (JORNAL CORREIO DO POVO, 07/06/1974. s/p).

Foi aberto novo edital, mas os prêmios foram alterados, ficando o primeiro classificado com a construção do Monumento; o segundo – \$15.000,00; o terceiro – \$10.000,00; o quarto – \$5.000,00. A obra deveria estar concluída no dia 25 de dezembro e não deveria exceder a importância de \$250.000,00.

Ao final do segundo concurso foram entregues aos vencedores os seus respectivos prêmios em ato presidido por Rodolpho Englert na sede da Comissão Estadual do Sesquicentenário. O arquiteto Luis Carlos Pereira Rego Xavier, nascido em Rio Pardo e formado pela Faculdade de Arquitetura da UFRGS em 1957, venceu o concurso com o projeto chamado “Gilt”. Foi 2º colocado o projeto “Brasilien 74” de Rubens Galant da Costa Cabral, em 3º lugar o projeto “Thor” de Fidelis Fortunato Caselli, e em 4º lugar o projeto “Bienius II” de Carlos Gustavo Tenius (escultor do Monumento aos Açorianos).

**Figura 12:** Monumento ao Sesquicentenário da Imigração Alemã.



**Fonte:** CLÓVIS MARQUAT (Arquivo Pessoal).

Na obra Luis Carlos buscou destacar o monumento em sua grandiosidade por entre as árvores e prédios que compunham o local em que foi erguido, a Praça 20 de Setembro.

Artisticamente, usou de formas geométricas que permitiram ao espectador a mesma visão do monumento sob qualquer ângulo. De maneira geral, o monumento se constituiu de três partes:

Ao rés do chão, foram concebidos planos circulares em desnível, em degraus. O segundo elemento é uma escultura metálica, disposta em arco, em relação ao círculo maior, com que Luis Carlos transmite, de forma figurativa, uma evocação ao labor do imigrante. O terceiro elemento, do componente vertical, formado pelos elementos circulares, integrados no espaço, a uma altura máxima de treze metros. Segundo o arquiteto, esse elemento é o que comunica o simbolismo do conjunto, que é, em última análise, a integração do imigrante alemão (RECORTES DE JORNAL DO SESQUICENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ).

Inicialmente, a obra deveria ser executada em concreto armado protegido por resina incolor, mas por fim o artista utilizou chapas de ferro recortadas, retalhos e barras de ferro soldados. Essa mudança de material a ser utilizado somou à execução do projeto do monumento o artista Vasco Prado, que ficou encarregado pela escultura metálica em ferro vazado com aspectos alegóricos da colonização alemã. O custo da obra ficou em 250 mil cruzeiros.

A inauguração do monumento foi em 21 de dezembro, data em que ocorreu a solenidade oficial do encerramento dos festejos comemorativos aos 150 anos da imigração alemã no Rio Grande do Sul. Na Praça 20 de Setembro, estavam presentes o Governador, Secretários de Estado, Cônsules, Prefeitos, Deputados, Membros da Comissão do Sesquicentenário, Acadêmico Vianna Moog, convidados e colegiais. Se entoou os hinos Nacional da Alemanha e do Brasil. Discursou o Presidente da Comissão do Sesquicentenário, Rodolfo Englert, o Prefeito Municipal de São Leopoldo, Henrique da Costa Prieto e o Governador do Estado, Euclides Triches. Descerradas as duas placas alusivas ao evento pelo Governador, foi realizada uma benção pelo Pastor Dietério Krause e Padre Ruperto Jaeger. Logo após, o Governador Euclides Triches extinguiu o Fogo Simbólico, vindo do Monumento do Centenário, e que ardia desde a abertura oficial das comemorações em 25 de julho.

Junto ao monumento colocou-se duas inscrições que deram significação à obra para seus espectadores. Uma, que identificou o Monumento como uma manifestação de agradecimento por parte dos imigrantes à Pátria de acolhida, e que dotou a obra de um sentimento de pertencimento étnico que foi manifestado por parte dos integrantes da Comissão Executiva do Sesquicentenário, conforme se lê:

Biênio da Colonização e Imigração.  
 Presidente: Victor Faccioni. Coordenador: Osvaldo Goidanich.  
 Decreto Nº 22. 410 de 22 de abril de 1973.  
 Governo do Estado do Rio Grande do Sul.  
 A Comissão Executiva dos festejos do Sesquicentenário da Imigração Alemã perpetua neste bronze, **em nome dos imigrantes alemães que vieram para o Brasil**<sup>104</sup>, adotando-o como nova pátria e por ela tudo fizeram, o agradecimento pela acolhida que a terra brasileira lhes ofereceu e ter podido concorrer para o seu engrandecimento.  
 Rodolpho Englert – Presidente; Germano Oscar Moehlecke – Vice-presidente; Vitor Hugo Kunz – Vice-presidente; João Sigismundo Baldauf – Secretário; dr. Carlos Raush – Tesoureiro; Hugo Hammes – Divulgação; prof. Telmo Lauro Müller - Presidente da Subcomissão de Assuntos Históricos e Culturais; dr. Carlos Bento Hofmeister Fº – Presidente Subcomissão de Festividades; Alfredo Lándemann – Presidente da Subcomissão de Relações e Intercâmbio.  
 Sesquicentenário da Imigração Alemã.  
 25 de julho de 1824 – 25 de julho de 1974.

E a outra, que marcou a inauguração do Monumento pelo Governador do estado, Euclides Triches:

Este monumento foi inaugurado pelo Sr. Governador do Estado, Engenheiro Euclides Triches, São Leopoldo, 21 de dezembro de 1974.  
 Henrique da Costa Prieto – Prefeito Municipal; Honório Fontoura Silva – Vice-prefeito; Adalberto Stumpf – Presidente da Câmara de Vereadores; Germano Oscar Moehlecke – Presidente da Comissão Municipal do Sesqui; Annelise Saenger – Rainha do Sesqui de São Leopoldo.

No processo de construção do Monumento ao Sesquicentenário da Imigração Alemã, vemos emergir o âmbito político que este tipo obra pode carregar. Seu financiamento iniciou primeiramente mediante doações, demonstrando o desejo da comunidade em facilitar a construção da obra. A realização de um concurso com critérios de avaliação bastante rigorosos e uma Comissão Julgadora especializada, que inclusive rejeitou os projetos enviados para o primeiro concurso por não atenderem aos objetivos esperados, demonstra que havia uma mensagem a ser comunicada por esta obra, e ela deveria abranger questões pontuais através da estética, da integração urbana e do material, sendo também importante seu poder de comunicação e custo. Ao final do segundo concurso, os julgadores se deram por satisfeitos e elegeram como vencedora uma obra que continha em sua simbologia mensagens que destacavam o trabalho imigrante e a sua integração ao novo meio, indo ao encontro dos discursos propostos pelas comemorações do Biênio da Colonização e Imigração. Através das placas que compõem a obra, notamos que o Monumento tem como seus promotores os

---

<sup>104</sup> Grifo nosso.

próprios imigrantes alemães, já que a atribuição que foi dada a Comissão Executiva do Sesquicentenário permitiu que se falasse em nome destes imigrantes, muito devido ao sentimento de pertencimento étnico de seus membros. Ainda de acordo com a placa, estes imigrantes estariam retribuindo as homenagens feitas a eles durante todos os festejos do Biênio da Colonização e Imigração, ao agradecerem a acolhida e a oportunidade de poderem contribuir para o desenvolvimento desta terra. As placas também serviram como maneira de registrar o nome daqueles que promoveram, apoiaram e executaram a obra, servindo como legitimação de seus governos e como forma de guardar seus nomes para a posteridade.

### **3.3.3 Monumento ao Centenário da Imigração Italiana em Nova Milano**

Em 05 de dezembro de 1974, se abriu um edital para propostas de um monumento em homenagem ao Centenário da Imigração Italiana. No dia 31 de janeiro de 1975, a Subcomissão de Assuntos Históricos e Culturais recebeu sete propostas para a construção do monumento.

A Comissão Julgadora era composta por Aristides Amadeu Germani, membro da Comissão Executiva do Centenário da Imigração Italiana, Professor Rubens Galante Costa Cabral representante do Instituto de Artes da UFRGS, Professor Francisco Rio-Pardense de Macedo, representante do Instituto de Arquitetos do Brasil, Arquiteto Olmiro Pinto Gomes, representante da Comissão Coordenadora do Biênio da Colonização e Imigração, Arquiteto Guerino Antônio Pascoal, representante da Prefeitura de Farroupilha, professora Lira Buzatti Corset, membro da Subcomissão de Assuntos Históricos e Culturais do Centenário.

Saiu como vencedor o projeto denominado “Gôndola”, de Carlos Gustavo Tenius (mesmo escultor do Monumento aos Açorianos). Foram ainda premiados os seguintes projetos – nesta ordem – sob o pseudônimo de: “Vivaldi”, “Descendente”, “Hoje” e “Itálico”. Como os projetos foram submetidos em forma de pseudônimos, o júri procedeu a abertura dos envelopes para conhecer a identidade dos vencedores. Em ordem: Vasco Prado, Fidelis Fortunato Caselli, Luiz Carlos Pereira Rego Xavier (mesmo escultor do Monumento ao Sesquicentenário Alemão) e Antonio Caringi.

O Monumento ao Centenário da Imigração Italiana foi construído junto ao Parque Monumento, localizado na entrada da cidade às margens da Rodovia São Vendelino, e criado especialmente para a fixação da obra, e para ser um lugar de memória da imigração italiana na cidade.

**Figura 13:** Monumento ao Centenário da Imigração Italiana.



**Fonte:** <http://www.serragaucha.com>

A obra criada por Carlos Tenius, segundo ele, apresentou um grupo em formas abstratas simbolizando a conquista da Serra Gaúcha:

*“Apresenta a alma viril italiana que assumiu a responsabilidade de romper a mata, galgar a serra e estabelecer, em solo brasileiro, a sua pátria. O valor humano destes homens e mulheres, os sacrifícios, os filhos perdidos, que as gerações novas não podem esquecer, só poderiam ser apresentados em sua essência absoluta. O ferro nu, sem artifícios, sem rebuscadas soluções, apresenta a nós, toda aquela coragem e desprendimento material que foi capaz de erguer a serrania, uma parcela preponderante do progresso gaúcho. Estas figuras simbolizam o júbilo dos homens de hoje, pelo feito grandioso de seus antepassados. E na pureza do material empregado na realização do bloco escultórico, está a essência pioneira, agora vitoriosa e próspera merecedora do agradecimento de seus descendentes. A dinâmica do grupo alado procura dominar a paisagem em seu movimento ascendente, como outrora os homens dominaram a terra. Aos visuais, a partir da estrada, evidenciarão o grupo de figuras como um bloco só, dominante e onipresente, sobre a serrania, leve e flutuante, fundindo-se na magia da natureza, configurando em sua expressividade os anseios dos pioneiros e a gratidão de seus descendentes que aqui erguem o belo e portanto perene para lembrá-los”(NOTAS À IMPRENSA – IMIGRAÇÃO ITALIANA).*

A construção de um Monumento ao Centenário da Imigração Italiana foi uma proposta da Comissão Executiva em sua homenagem, que através da organização de um concurso e mediante uma Comissão Julgadora escolheu a obra do escultor Carlos Tenius – o mesmo escultor do Monumento aos Açorianos. Novamente Tenius apresentou uma obra com características abstratas, mas com significado simbólico presente e pertinente à imigração. O monumento foi construído junto ao Parque Monumento e foi uma obra muito esperada ao longo das comemorações, afinal o Parque havia sido criado para recebê-la, em um lugar de destaque na cidade, pensado especialmente para abrigar as memórias da imigração italiana.

\*\*\*

Sobre os três monumentos aos quais nos detivemos a descrever seu processo de elaboração, construção e inauguração, podemos afirmar que possuem caráter comemorativo – foram propostos durante as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração – e, estando relacionados à imigração, têm sua construção caracterizada como uma forma de homenagem aos grupos imigrantes aos quais se dedicam – açorianos, alemães e italianos. Estes monumentos que foram construídos em datas simbólicas – Sesquicentenário Alemão e Centenário Italiano – tem a capacidade de reforçar a identidade do grupo homenageado, por meio da rememoração, do despertar de lembranças e da eternização através do imaginário social, afinal, conforme Candau (2005, p.152) “a pedra acolheu sempre a memória [...] os monumentos devem a sua aparente indestrutibilidade ao facto de serem considerados como uma memória mineral que vale para a eternidade”. Como símbolos evocadores de memórias dispostos nas cidades, são entendidos também enquanto objetos escultóricos que compõem a paisagem urbana e que vão além de uma função paisagística ou decorativa, são representantes da sociedade e do grupo que os produziu.

Para Pesavento (2008, p.99) as imagens – e neste caso, estendemos aos monumentos – também são um tipo de linguagem, que buscam comunicar algo, e são produzidas a partir de uma ação intencional. São mensagens simbólicas que significam para além do que mostram. Considerando que durante as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, foram transmitidas mensagens de integração étnica, agradecimento e gratidão pela força de trabalho empregada pelos imigrantes, estas obras foram construídas também como meios de comunicação. Para Candau (2005, p.154), nos monumentos públicos, estas mensagens possuem caráter oficial:

Os monumentos contribuem para a codificação memorial cuja matriz é uma jogada: trata-se de decidir que representações do passado vão ser reveladas, postas em cena e, eventualmente, partilhadas. No caso dos monumentos públicos, esta codificação é oficial. Os dispositivos memoriais selecionados, tais como a classificação, instituem então uma memória legítima.

Transmitir mensagens oficiais de acordo com os discursos expressos pelas comemorações do Biênio da Colonização e Imigração fizeram com que os três monumentos descritos anteriormente passassem por processos de construção que, de modo geral seguiram esta sequência: proposta de construção de um monumento comemorativo por parte das Comissões Executivas; estabelecimento de um concurso mediante julgamento e premiação; construção efetiva da obra e inauguração. Ao assinalar estas etapas, queremos reafirmar que a construção de monumentos é um ato político. A designação política destas obras está presente na proposta de sua construção, ao entendermos que seus promotores tiveram por objetivo guardar memórias através de um objeto perene, com a capacidade de “eternizar”. Está presente também, no estabelecimento de concursos em que as Comissões foram responsáveis pela escolha dos projetos a serem desenvolvidos, afinal, elas possuíam uma ideia clara das formas figurativas que seriam dignas de representar seu grupo. Por fim, o âmbito político pode ser percebido ainda na inauguração, por se tratar de um momento de reunião de autoridades, que expressaram discursos mediante o descerramento de uma placa alusiva ao ato, e que guardaria seus nomes juntamente a este evento.

As características em comum destas três obras podem ser estabelecidas através de seis pontos principais: são políticos, são comemorativos, possuem caráter de homenagem, marcam a presença imigrante nas cidades, são suportes materiais da memória e transmitem mensagens simbólicas. Para as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, estes monumentos serviram como forma de demarcar o passado da imigração e das próprias comemorações nas cidades.

\*\*\*

Até aqui buscamos problematizar o destaque que foi dado aos grupos de imigrantes luso-brasileiros, alemães e italianos no Decreto de instalação das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração.

Inicialmente, chamamos a atenção para o fato de que a promoção destas comemorações se deu a partir da apropriação por parte do Governo do Estado do Rio Grande do Sul das tradicionais festas promovidas por alemães e italianos. Ou seja, devido à aproximação do Sesquicentenário da Imigração Alemã e do Centenário da Imigração Italiana, o governo propôs uma comemoração em homenagem a todos os grupos imigrantes. Sendo

assim, justifica-se o destaque dado a estes dois grupos. De modo diferente, a importância dada ao grupo de luso-brasileiros não esteve relacionada a uma data comemorativa, mas sim a vontade em promover a demarcação da presença açoriana na capital do estado, Porto Alegre. Foi justificado então que o grupo que primeiro aportou na capital merecia ser destacado também, e tal reivindicação foi acatada e o Decreto confirma isso.

Mas nem só o Decreto de instalação das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração foi suporte para verificarmos a distinção dada a estes três grupos. Buscamos ao longo de seus Programas Comemorativos Oficiais analisar como este destaque tomou forma através dos atos celebrativos. Devido à extensa programação, selecionamos três temas para a análise: a encenação de réplicas de chegada dos imigrantes, tendo o Presidente Ernesto Geisel como espectador, a institucionalização de uma memória oficial da imigração no estado e a construção de monumentos.

Quando comparamos os Programas Comemorativos Oficiais dos três grupos através da sua extensão, abrangência e grandiosidade dos atos promovidos, percebemos que a programação proposta pela Comissão Luso-Brasileira não teve tanta expressividade, como a programação de alemães e italianos. Foi realizado um programa relativamente curto – quatro meses –, que se desenvolveu preferencialmente em três cidades – Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas - e que promoveu eventos de menor expressividade. O ato de maior significância promovido por este grupo foi a construção de um monumento na cidade de Porto Alegre. Ainda que mediante críticas quanto ao seu simbolismo e valor estético, a obra foi construída e inaugurada com honra e pompas que atos como esse geralmente possuem. Além disso, a presença de autoridades deu a este momento sua designação oficial. A construção do Monumento aos Açorianos demarcou a presença deste grupo na cidade de Porto Alegre, na história da imigração no Rio Grande do Sul e na construção do gaúcho.

Quanto às Programações Oficiais elaboradas pelas Comissões do Sesquicentenário Alemão e Centenário Italiano, percebemos que de fato seu destaque foi mantido, afinal, os eventos promovidos envolveram um grande número de cidades no estado ao longo de seus anos comemorativos, que pode ser verificado através dos grandiosos atos celebrativos selecionados. Percebemos também que ambas as Comissões de Homenagem – do Sesquicentenário Alemão e do Centenário Italiano – propuseram iniciativas equivalentes, como foi o caso da réplica de chegada dos imigrantes, da criação de álbuns comemorativos, da inauguração de monumentos, entre outros.

A participação do Presidente da República Ernesto Geisel nas comemorações das datas magnas dos imigrantes alemães e italianos demonstrou a importância dada a estes

eventos. Ainda que apenas como espectador, afinal não se pronunciou oficialmente em nenhum dos dois momentos, sua presença marcou a oficialidade destas comemorações. Sua figura foi invocada pela imprensa e pelas Comissões de Homenagem como aquele descendente de imigrantes que prosperou e ocupou o cargo de maior importância na política nacional da época e, neste sentido, também foi uma forma de demonstrar que a empreitada imigratória para o Rio Grande do Sul deu certo, trazendo o discurso para a realidade. Sua presença também demarcou política e economicamente as comemorações, pois, sendo uma ocasião festiva e de homenagem aos imigrantes, este momento se converteu em oportunidade para o estreitamento de laços com os países de origem deste grupo, o que era claramente um dos objetivos propostos pelo Biênio da Colonização e Imigração.

Quanto às encenações da réplica de chegada dos grupos imigrantes alemães e italianos em São Leopoldo e Nova Milano, respectivamente, entendemos que elas, assim como outras atividades propostas, favoreceram a demarcação da data celebrativa das comemorações do Sesquicentenário e Centenário. A simbologia presente na chegada às cidades representou o início da prosperidade do estado e também de uma nova vida para estes imigrantes. Os lugares em que estas réplicas foram encenadas já eram historicamente demarcados pela presença imigrante, sendo resignificados após este momento comemorativo.

Durante as comemorações, também foram propostas iniciativas para a promoção da pesquisa e de estudos sobre a imigração, as quais buscamos demonstrar através dos quatro atos selecionados – realização do I Simpósio de História da Imigração Alemã, criação do ISBIEP, lançamento de álbuns comemorativos e concursos intelectuais. Todos eles contribuíram significativamente para a evolução das pesquisas sobre imigração no estado: na promoção de eventos acadêmicos, na construção de espaços e suportes para guardar as memórias e na documentação. Porém, este presente comemorativo promoveu a institucionalização do passado da imigração no Rio Grande do Sul de modo autorizado, já que as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração em todos os seus contornos estavam construindo uma história oficial da imigração no estado.

Em relação aos monumentos, sua proposta de criação além de promover a rememoração do passado, construiu lugares da memória imigrante dispostos nas cidades. São importantes porque possuem força política, simbólica e são eventos de grande visibilidade.

Considerando o exposto até o momento, podemos afirmar que os grupos de alemães e italianos ganharam maior destaque ao longo das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração pelos seus extensos Programas Comemorativos, pelo alcance de suas comemorações às mais diversas cidades do estado, pela grande participação popular, pelos

grandiosos eventos promovidos, pelo apoio do Governo Federal, pela importância das iniciativas promovidas para a criação de espaços de memória, bem como pelo legado deixado por estes atos.

No próximo capítulo vamos analisar o processo de extensão das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração aos demais grupos imigrantes, índios e negros.

#### 4 OS DEMAIS GRUPOS IMIGRANTES, ÍNDIOS E NEGROS: a necessidade de comemorar os "outros"<sup>105</sup>

*A maneira como se estruturam e se desenrolam as comemorações do Biênio nos dá desde logo a afirmação de algo que nos é profundamente grato como povo: a afirmação de que vivemos numa perfeita, admirável integração; e de que, no pensar, no agir, no lutar e no sentir, somos uma só identidade, uma só maneira de ser.<sup>106</sup>*

No capítulo anterior citamos o Decreto 22.410 de 22 de abril de 1973, que instituiu as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, para confirmar o destaque dado pelo governo estadual às celebrações do Pioneirismo Luso-Brasileiro, do Sesquicentenário Alemão e do Centenário Italiano. Neste capítulo, como um contraponto à ênfase dada a estas comemorações, chamamos novamente a atenção para o Decreto, desta vez destacando que ele também foi o documento responsável pela instituição das comemorações dos demais grupos imigrantes, como podemos observar:

Art. 1º - Fica instituído o Biênio da Colonização e Imigração, com o fim de celebrar, nos anos de 1974 e 1975, o feito dos pioneiros [açorianos], o sesquicentenário da imigração alemã, o centenário da imigração italiana e a contribuição das **demais correntes imigratórias**<sup>107</sup> que se fixaram no Rio Grande do Sul.

Porém, estas comemorações que desde o princípio se dedicaram a rememorar a empreitada imigratória e colonizadora do Rio Grande do Sul, se depararam já durante as celebrações, com reivindicações de falta de representatividade por parte de pessoas ligadas a valorização da identidade negra e indígena no estado. Tais reivindicações ao serem aceitas pelos promotores das comemorações, a transformaram em um momento de homenagem a todos os grupos que compunham etnicamente a população gaúcha, tornando este o discurso oficial das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração.

Foi este aspecto “integrador” das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração que buscamos apontar já no início da nossa escrita, quando trouxemos um excerto,

<sup>105</sup> Aqui, a designação feita pela autora como “outros” se refere aos demais grupos, que não luso-brasileiros, alemães e italianos.

<sup>106</sup> NOTAS À IMPRENSA – ASSUNTOS GERAIS COMISSÃO COORDENADORA. Localização: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. (AHRS). Fundo: Biênio da Colonização e Imigração no Rio Grande do Sul, Caixa Arquivo C.

<sup>107</sup> Grifo nosso.

do texto “Um Romancista Apresenta sua Terra”, de Érico Veríssimo, no qual ele apresenta o gaúcho como uma mistura, composta a partir da junção das várias etnias:

Afinal de contas, que é um gaúcho? Um sujeito branquíssimo e louro chamado Schultz? Aquele senhor corpulento e corado, que atende ao nome de Carotenuto? Ou será aquele outro de apelido luso e cara indiática como o autor deste artigo? Porque o Rio Grande do Sul é talvez o mais sortido cadinho racial do Brasil. Neste verde “caldeirão” onde em remotas eras vagueavam várias tribos de índios, os primeiros povoadores puseram a ferver a rústica e honrada açorda açoriana, à qual se acrescentaram elementos vindos de outros pontos do Brasil. A sopa foi temperada com ervas indígenas e africanas; mais tarde lançaram-se nela um pouco de repolho germânico e condimentos como a manjerona italiana e outras especiarias vindas não só da Europa como até mesmo do Oriente próximo e remoto. Qual vai ser o aspecto e o “gosto” dessa mirabolante mistura? Isso será coisa apenas para os olhos e o paladar do futuro.

Assim, entendemos que ao valorizar as datas comemorativas de alemães e italianos e também o pioneirismo luso-brasileiro, o governo do estado estendeu as homenagens aos demais grupos imigrantes, índios e negros, demonstrando que “integração, em última análise [foi] a marca imperecível que o Biênio deixou, obra que foi de aproximação e de congraçamento entre os povos” (RELATÓRIO DO BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO, p.15).

Com isto, o poder público demonstrou o quanto as comemorações, que suscitaram uma infinidade de simbologias, foram aproveitadas para a transmissão de mensagens que se queria comunicar: de integração e união entre as etnias estabelecidas no estado – sentença que remete aos “usos políticos do passado”, na medida em que se configuram como “formas peculiares de visibilidade para esse passado, entendendo-o como parte de uma estratégia social e política” (GUIMARÃES, 2007, p.17).

Desta forma, as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração que inicialmente propuseram um discurso mais seletivo, ao homenagear somente as correntes imigratórias e colonizadoras presentes no estado, converteram-se em comemorações que enfatizaram e valorizaram a integração étnica no Rio Grande do Sul, ao serem estendidas a totalidade de grupos étnicos que se faziam presentes naquele momento histórico. Este discurso integrador perpassou, como já vínhamos demonstrando ao longo da escrita, todo o processo comemorativo - a justificativa, os objetivos, as cerimônias e discursos oficiais e os eventos celebrativos - e pode ser entendido como um discurso homogeneizador<sup>108</sup>, na medida

---

<sup>108</sup> De acordo com o dicionário (FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da língua portuguesa*. 5. ed.): que torna único, que mistura, que iguala.

em que as demais correntes imigratórias, índios e negros também foram contemplados nos eventos festivos que estavam prestando homenagem aos luso-brasileiros, alemães e italianos – ainda que não com o mesmo destaque.

São os dizeres do Relatório final das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração que evidenciam este discurso integrador, já que ele não foi a proposta inicial do governo e não se encontrava contemplado de maneira tão evidente no Decreto de instalação dos festejos:

O Governador Euclides Triches sentiu bem a oportunidade e a responsabilidade do Governo do Estado, de conduzir estas comemorações. E decidiu, num gesto de inspiração, aproveitar o pretexto feliz para reuni-las num grande painel, representativo por excelência, da integração rio-grandense, estendendo a homenagem do governo e do povo gaúcho a todas as raças, a todas as etnias, a todas as correntes colonizadoras e imigratórias, que povoaram e civilizaram o Rio Grande do Sul (RELATÓRIO DO BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO, p.07).

É através de ações como esta, em que o governo do estado dá ouvidos e acata reivindicações que partem da população, que podemos visualizar os aspectos políticos que cercam a promoção de comemorações e assim deixar de percebê-las apenas como festividades. As simbologias e representações criadas nas comemorações contribuíram para o processo de manutenção e construção de memória. Processo este que se dá de maneira individual e também coletiva, e que busca constituir grupos sociais através da “experiência passada recordada e as imagens partilhadas do passado histórico” (FRENTRESS; WICKHAM, p.09, 1992). Sendo assim, queremos verificar como foram organizadas e executadas as comemorações dos demais grupos imigrantes, índios e negros, buscando analisar o significado desta atenção dada pelo governo do estado a estes outros grupos que também foram chamados a comemorar.

Neste capítulo, portanto, queremos demonstrar como, via documentação oficial, o governo do estado sublinhou a *necessidade de comemorar os "outros"* grupos imigrantes que aportaram em diferentes momentos no Rio Grande do Sul e que propositadamente ou não haviam sido deixados de lado nos primeiros movimentos da organização do evento. Para tanto foi necessário criarmos um contraponto às comemorações do Pioneirismo Luso-Brasileiro, do Sesquicentenário da Imigração Alemã e do Centenário da Imigração Italiana que se efetivou quando analisamos a construção do cenário comemorativo destes “outros” grupos imigrantes, índios e negros. O primeiro passo foi dado com a formação das Comissões

Executivas de Homenagem e desdobrou-se com a organização dos atos de celebração. Nesta análise, consideramos, ainda, que a inclusão destes grupos no bojo das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração ampliou a noção de “usos políticos do passado” (REVEL e HARTOG, 2001) na medida em que deu forma ao discurso de integração étnica, que foi a proposta do Governo do Estado do Rio Grande do Sul enquanto organizador das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração. Então, para além das comemorações havia um discurso subliminar que ficara implícito no que fora dito.

#### **4.1 QUEM SÃO OS “OUTROS”? Os demais grupos imigrantes, índios e negros respondem ao chamado e organizam suas comemorações**

Quando o Decreto de instalação das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração propõe que as homenagens contemplem ainda as demais correntes imigratórias – para além de luso-brasileiros, alemães e italianos –, ele não as cita. Desta forma percebemos que por um lado havia uma diferenciação no modo de tratar e se referir aos diferentes grupos homenageados, mas por outro, que tal representatividade dos demais grupos imigrantes ainda não estava definida. Mesmo que prevista no Decreto de instituição das comemorações, a Comissão Executiva para celebrar a contribuição das demais correntes imigratórias no desenvolvimento do Estado só foi instalada em 25 de março de 1974, já durante os as celebrações dos eventos. Foi quando se definiram estes “outros” grupos imigrantes a serem homenageados: argentinos, americanos, franceses, ingleses, israelenses, árabes, poloneses, uruguaios, espanhóis, japoneses e libaneses.

Ao formar a Comissão Executiva para celebrar a contribuição das demais correntes imigratórias no desenvolvimento do Estado, houve o cuidado para que representantes de cada um destes grupos estivessem presentes, ficando constituída da seguinte maneira: Presidente – Diego Blanco; Tesoureiro – Alexandre Henrique Gruszynski; Secretária Executiva – Lúcia Vera D’Aló; Coordenadores – Sérgio Pellegrini (Argentina), Irmão Dionísio Fuertes Alvarez (Espanha), Don Charles Bird (Estados Unidos), Armindo Beux (França), Basil Harvey Lawson (Grã-Bretanha), Saul Nicolaiewsky (Israel), Hiroshi (Japão), Roque Gilberto Chedid (Líbano), Edmundo Gardolinski (Polônia) e José Pedro Pablo Gigena (Uruguai); Membros Honorários – Cônsules dos seguintes países: Edelberto Jesus Lemos, Argentina; Hermínio Moralez Fernandez, Espanha; Timothy L. Towell, Estados Unidos; Louis Pannier, França;

Israel Sima, Israel; Jiro Nishikawa, Japão; Salomão Malcon, Líbano; Hans Peter Sternberg, Países Baixos; Wladislau Malik, Polônia; Maçal Hourcade, Uruguai.

Buscando um trabalho mais efetivo e representativo de cada um dos grupos, tal Comissão foi subdividida em 10 Grupos de Trabalho: Argentina, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Israel, Árabe<sup>109</sup>, Polônia<sup>110</sup>, Uruguai, Espanha<sup>111</sup>, Japão<sup>112</sup> e Líbano.

Também, índios e negros foram invocados a participar das comemorações, devido a reivindicações desta representatividade por parte de agentes políticos que possuíam tal descendência. A sua inclusão buscou abranger a totalidade dos grupos que compunham etnicamente a população rio-grandense, em um discurso homogeneizador que se apresentou assim:

*“Inicialmente, o Biênio da Colonização e Imigração previa apenas quatro Comissões Executivas, dedicadas, respectivamente, às imigrações lusa, alemã, italiana e de outras origens. Entretanto, atendendo às sugestões partidas de amplos setores da comunidade gaúcha, foram acrescidas, posteriormente, mais três Comissões Executivas: de Homenagem ao Negro, de Homenagem aos Índios e para as Promoções Esportivas. Este fato é uma prova inconteste que o governo do estado soube ser sensível às aspirações do povo rio-grandense, ao institucionalizar as programações em homenagem a todos aqueles que souberam dar a sua contribuição para a formação, o desenvolvimento e o progresso do Rio Grande do Sul”* (Discurso do Governador Sinval Guazelli, por ocasião do encerramento do Biênio da Colonização e Imigração – RELATÓRIO DO BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO, p.52).

Esta fala do Governador Sinval Guazelli confirma que não estava prevista inicialmente, por parte dos organizadores das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, que os grupos de negros e índios fossem incluídos no bojo dos festejos, não estando nomeados no Decreto de instalação. Sua inclusão, como já sublinhamos, aconteceu durante as celebrações, devido às reivindicações de representatividade e reconhecimento a estes dois grupos. A fala do Governador também mostra que uma Comissão de homenagem aos demais grupos imigrantes já estava prevista, mas que, para o estabelecimento das comemorações de negros e índios, foram formadas posteriormente mais duas Comissões

---

<sup>109</sup> Instalado oficialmente em 08 de agosto de 1974.

<sup>110</sup> Instalado oficialmente em 18 de abril de 1974.

<sup>111</sup> Instalado oficialmente em 05 de junho de 1974.

<sup>112</sup> Instalado oficialmente em 01 de outubro de 1974.

Executivas: Comissão Executiva de Homenagem ao Negro<sup>113</sup> - instalada em 22 de março de 1974 - e Comissão Executiva de Homenagem ao Índio<sup>114</sup> - instalada em 08 de julho de 1974.

A formação destas 3 Comissões, deixaram à mostra, e talvez de maneira mais evidente, que o discurso integrador proposto pelas comemorações do Biênio da Colonização e Imigração foi se dando no decorrer do processo das comemorações, ainda que sua organização tenha sido feita de acordo com as normas estabelecidas no Decreto de instalação das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração. Ou seja, a instalação de todas as Comissões foi realizada no Palácio Piratini de modo solene e em meio a discursos de autoridades representativas da comunidade étnica. Na solenidade, receberam a tarefa de promover e organizar os atos celebrativos de homenagem ao grupo que representavam. Entretanto, ficou claro pela leitura da documentação que em cada uma destas Comissões havia um número reduzido de integrantes, em comparação com as Comissões de Homenagem aos Luso-Brasileiros, Alemães e Italianos. Tal fato não favoreceu a mobilização necessária para que grandiosas comemorações fossem promovidas por cada um destes outros grupos. Da mesma forma, quanto às Comissões de Índios e Negros, acreditamos que foram formadas de maneira individual por terem sido constituídas posteriormente às demais – já ao longo das comemorações –, e que por este motivo foram desfavorecidas em relação ao seu tempo de organização.

Retomando o ponto de análise referente à inclusão de negros e índios nas comemorações, ressaltamos que uma questão que nos intrigou desde o início da pesquisa está relacionada com o entendimento que os organizadores das comemorações tiveram acerca da história negra e indígena do Rio Grande do Sul. Quando questionamos Faccioni<sup>115</sup> sobre as intenções do governo do estado em prestar homenagens a índios e negros em meio a comemorações dedicadas a imigrantes e colonizadores, ele nos respondeu:

<sup>113</sup> Presidente – Deputado Carlos Santos; Vice-Presidentes – Francisco de Paula Freitas, Alberto André, Israel Rodrigues da Rocha, Antonio Estevão Allgayer e Padre Rubem Neis; Secretário Geral – Cláudio Dias; Tesoureiro – Jorge Figueiredo; Secretário Executivo – Carlos Marcelino Bolleto Santos. Subcomissão de Assuntos Históricos e Culturais: Presidente – Geraldina da Silva; Subcomissão de Festividades: Presidente – Julio Soares; Subcomissão de Relações e Intercâmbio: Presidente – Gilberto Brasil; Comitê de Imprensa: diretor Eloy Dias dos Ângelos;

<sup>114</sup> Chamamos a atenção para o fato de que esta Comissão foi formada por descendentes de índios, bem como por estudiosos do assunto. Remetemos à entrevista dada por Faccioni (conforme Anexo B), quando ele diz: “Por coincidência o Secretário da Administração do estado na época, a mãe dele era descendente de índios, professor Oscar Machado. Então convidei ele para formar a Comissão destinada aos índios e presidir a Comissão”. Presidente – Oscar Machado; Vice-Presidentes – Breno Borges Fortes, Lauro Pereira Guimarães e Jimmy Rodrigues; Secretário Geral – Hugo Ramirez; Tesoureiro – Plínio da Silva Russomano; Membros – Padre Pedro Ignácio Schmitz, Lothar Hessel, Francisco Mauro Salzano, Darcy Pivetto, Pedro Augusto Mendes Ribeiro, José Joaquim Justimiano Proenza Brochado, Itala Basile Becker, Padre Arnaldo Bruxel, Ursula Wisintainer, Amadeu Fagundes de Oliveira Freitas, Geraldo Meyer Fagundes, Rubem George Oliven, Eurico Müller, Luis Luisi, Nestor José Gollo, Emilce Jaeger, Arlindo Zatti, José Alcibíades de Oliveira e Glaucus Saraiva.

<sup>115</sup> FACCIONI, op.cit., 2016.

*“Comemorando o status quo, a partir do status quo, então o índio foi, vamos dizer assim, o anfitrião dos eventos. Por coincidência o Secretário da Administração do estado na época, a mãe dele era descendente de índios, professor Oscar Machado. Então convidei ele para formar a Comissão destinada aos índios e presidir a Comissão. O Presidente da Assembleia Legislativa era um Deputado de origem africana, o Deputado Carlos Santos. Depois tivemos um governador de origem africana, o Governador Collares, descende de africanos também. Então, os eventos tiveram toda uma comemoração de integração e participação coletiva.”*

Cabe aqui salientar que a introdução do negro nas comemorações do Biênio da Colonização e Imigração pode ainda ter visado, além de uma comemoração mais diversa, o estreitamento de relações sociais, culturais e econômicas com os países africanos. A crise do petróleo pela qual o país passou durante a década de 1970, fez com que o governo brasileiro se interessasse pelo mercado africano como possibilidade de exportação. Naquele momento, a afirmação da identidade negra brasileira e gaúcha representava, oportunamente, o estreitamento de vínculos com o continente africano.

Neste contexto é que o Biênio da Colonização e Imigração comemorou os 340 anos da entrada do negro no Rio Grande do Sul. Ao comemorar este marco de chegada, buscou-se evitar polêmicas e discussões acerca da vinda de grupos africanos para o estado, fugindo do tema da escravidão e conferindo ênfase às contribuições desse grupo para a formação étnica, para cultura e prosperidade do Rio Grande do Sul. O negro foi evocado nas comemorações da seguinte forma:

*“O negro não foi imigrante nem colono. Mas foi peão de estância, foi domador, foi cavaleiro, foi soldado, foi revolucionário, foi braço anônimo que carregou pedra na construção ciclópica dos molhes de Rio Grande e braço que bateu pino (...) foi marinheiro – imperial marinheiro – na Guerra do Paraguai e deu exemplo de amor à Pátria (...)”* (FACCIONI, In: BENTO, 1976, p.18).

Victor Faccioni ao discursar durante a cerimônia de instalação da Comissão de Homenagem ao Negro, disse que comemorar a memória negra do Rio Grande do Sul tinha por objetivo *“ser intérprete fiel dos sentimentos do povo gaúcho para quem jamais importou a cor da epiderme dos seus irmãos negros, mas o que se lhes vê nos olhos limpos e leais, sinceros e fraternos (...) corações de patriotas e de rio-grandenses”* (BENTO, 1976, p.18).

Percebemos que esta construção da memória dos negros em meio às comemorações do Biênio da Colonização e Imigração trata do que Ricoeur (2007, p.455) define como “estratégias do esquecimento”, um trabalho de configuração onde

Pode-se sempre narrar de outro modo, suprimindo, deslocando as ênfases, refigurando diferentemente os protagonistas da ação assim como os contornos dela. Para quem atravessou todas as camadas de configuração e de refiguração narrativa, desde a constituição da identidade pessoal até as identidades comunitárias que estruturam nossos vínculos de pertencimento, o perigo maior, no fim do percurso, está no manejo da história autorizada, imposta, celebrada, comemorada – da história oficial.

Acreditamos que comemorar e homenagear os negros em meio a discursos que ignoram sua história e trajetória no estado e no país é uma forma de “constituir uma memória desses acontecimentos de modo apaziguado” (RICOEUR, 2007, p.99). Como não poderia deixar de ser, na avaliação final dos membros organizadores das comemorações, a ação de trazer a memória negra em meio a comemorações dedicadas e nomeadas como homenagens a colonos e imigrantes, colocando-os em uma mesma história de luta e progresso, de desbravamento e coragem, teria auxiliado a alterar o modo como esta população era vista no estado.

Ainda que o discurso proposto pelas comemorações em relação à população negra do estado desconheça, de certo modo, suas especificidades, o Presidente da Comissão de Homenagem ao Negro, Carlos Santos, buscou constantemente frisar que havia diferenças entre negros, imigrantes e colonos:

*“Reafirmo aqui a assertiva de que o negro não foi colono nem imigrante. Na autenticidade de sua figura máscula de fator de trabalho, riqueza e prosperidade e desenvolvimento econômico, grandeza material e moral do Brasil, ele não revelou do imigrante, os anelos da Pátria adotiva nem do colono, as cogitações da devoluta terra para o amanhã compensador. O negro veio apenas para trabalhar, empenhando o braço, as energias, o sangue, a liberdade, a vida, tudo enfim, e se fazer presente com a mescla de seus atributos mais ricos, na formação da própria nacionalidade em construção” (BENTO, 1976, p.01).*

Todo este processo de construção de memória por parte dos organizadores das comemorações corrobora a instrumentalização do passado e o caráter seletivo da narrativa empreendida por eles, conforme aponta Ricoeur (2007, p.455):

Por causa da função mediadora da narrativa, os abusos de memória tornam-se abusos de esquecimento. De fato, antes do abuso, há o uso, o saber, o caráter inelutavelmente seletivo da narrativa. Assim como é impossível lembrar-se de tudo, é impossível narrar tudo. A ideia de narração exaustiva é uma ideia performativamente impossível. A narrativa comporta necessariamente uma dimensão seletiva.

Da mesma forma, a inclusão dos grupos indígenas nestas comemorações se deu por meio de uma narrativa seletiva. Foi através do Decreto Nº 23.173, de 25 de junho de 1974 que se determinou a evocação, nas comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, da presença do índio na história do Rio Grande do Sul. As razões elencadas no Decreto para a rendição de homenagens para este grupo em meio às comemorações foram:

CONSIDERANDO a necessidade de evocar a memória daqueles que, no passado remoto, pelo trabalho pertinaz, soma de esforços, lances de audácia e coragem, desenharam exemplos para a atual civilização rio-grandense;  
 CONSIDERANDO que, mesmo antes do advento dos contingentes alienígenas como durante o ciclo missionário, o índio, na tipicidade exótica de suas várias tribos marcou com sua presença o percurso dos ondulados campos do Rio Grande do Sul;  
 CONSIDERANDO que o índio permanece na altivez de nossa evocação histórica como o primeiro marco de apego e enraizamento à terra, como gaúcho, nas guerras de fronteira e definição de limites, e como primeiro rebelde nas lutas de invasão, dando seu sangue à convicção de autóctone; e  
 CONSIDERANDO justo e oportuno incluir nas comemorações do Biênio da Colonização e Imigração uma homenagem ao índio que nem imigrante, nem colonizador, foi o autêntico dono desta terra que a nós hoje cumpre preservar.

Desta forma, em 08 de julho de 1974 foi instalada a Comissão de Homenagem ao Índio, no Palácio Piratini. Em seu discurso, o Governador Euclides Triches deu ênfase às contribuições indígenas à agricultura e pecuária e também sobre como a presença destes grupos estava marcada no dia-a-dia do gaúcho, seja no nome de cidades, ruas ou praças. Disse também que:

*“Na herança aborígine encontra-se a infraestrutura que permitiu o aparecimento do gaúcho andarengo dos tempos heroicos da conquista da terra, bem assim como transmitiu muito das técnicas para o trabalho campeiro e o intenso amor pela vida livre do Pampa”* (CORREIO DO POVO, 10/07/1974, s/p).

O Decreto e o discurso do Governador nos fazem perceber que a evocação do índio em meio às comemorações se referiu, diferentemente de quando se reportou aos grupos imigrantes, a uma presença e a contribuições em diferentes instâncias que se deram em um passado remoto. Como um grupo “autêntico dono desta terra”, sua presença nas cidades gaúchas foi evocada pelo Governador durante as comemorações através da nomenclatura de logradouros e não como uma presença viva e pulsante, de um grupo que ainda teria a contribuir para a prosperidade do estado.

Assim, entendemos que os grupos de índios e negros, tiveram sua história narrada nas comemorações do Biênio da Colonização e Imigração. E para Ricoeur (2007, p.98) a memória é frágil perante a narrativa, que tem o poder de modificar a trama, modelar a identidade dos personagens e até mesmo suas ações. Para o autor, ainda, “é mais precisamente a função seletiva da narrativa que oferece à manipulação a oportunidade e os meios de uma estratégia engenhosa que consiste, de saída, numa estratégia do esquecimento tanto quanto da rememoração”. Esta mediação do passado dos grupos negros e indígenas no Rio Grande do Sul em meio às comemorações do Biênio da Colonização e Imigração reitera os “usos políticos do passado” realizados pelo governo estadual na figura das Comissões Executivas que foram criadas para cumprir este tipo de intervenção. Em meio aos discursos propostos pelas comemorações, de integração étnica e homogeneização de lembranças, a memória negra e indígena apresenta-se como o que Pollak (1989, p. 04) define como “memórias subterrâneas” que “como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à ‘memória oficial’ [...] essas memórias subterrâneas [...] prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível”.

Buscando verificar os atos comemorativos propostos por estas outras Comissões e Grupos de Trabalho, listamos as atividades por eles realizadas, de acordo com o Relatório das Comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, para que possamos visualizar de um modo geral estes acontecimentos:

– ÁRABES: celebraram entre os dias 23 e 30 setembro de 1974, realizando atividades como: a inauguração da Praça Jorge Mansur Bastiani e da Praça das Nações Árabes em Porto Alegre; o recebimento dos embaixadores Árabes; a instalação oficial da Câmara de Comércio Árabe-Brasileiro no Rio Grande do Sul; a inauguração da Rua Comendador Creidy, ex-Cônsul do Líbano no Rio Grande do Sul; a instalação de cursos de idioma, literatura e história árabe na UFRGS e na PUC/RS; e um evento destaque: em 29 de setembro ocorreu uma missa de Ação de Graças, oficiada pelo Bispo João Chedid, na Igreja Maronita de Porto Alegre, onde “pela primeira vez na história religiosa do mundo cinco embaixadores do credo islâmico rezaram neste templo cristão, dando concreto passo no sentido do ecumenismo religioso (RELATÓRIO DO BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO, p.17).

– ESPANHÓIS: comemoraram entre 05 e 14 de outubro de 1974 e promoveram: a inauguração, na Casa da Espanha, de um monolito; um festival de documentários cinematográficos; um recital de música; a visita do Embaixador da Espanha, Dom José Perez Del Arco; e como destaque, em 12 de outubro, quando se celebra a Festa Nacional do Povo

Espanhol, inauguraram em frente ao Instituto de Cultura Hispânica do Rio Grande do Sul no Campus da PUC/RS um busto de Miguel Cervantes.

– NEGROS: promoveram comemorações entre 06 e 31 de outubro de 1974, como: a visita dos Embaixadores da Costa do Marfim, Zaire e Nigéria; a instalação da Câmara de Comércio Afro-Brasileira; a eleição da rainha das festividades, a “Boneca Café”, Rosângela Lopes Marques; a exposição no Palácio Farroupilha de bibliografias, documentos e objetos relacionados ao negro no Rio Grande do Sul e no Brasil; um Painel sobre o “negro na sociedade contemporânea” com o Professor George de Assunção Alakija, da Bahia; o I Ciclo de Estudos Afro-Brasileiros; um show popular no ginásio do Esporte Clube Internacional; uma solene festa na Igreja Nossa Senhora do Rosário com ato religioso; painéis e ciclos de estudos com a presença de Dante de Laytano, José Pompílio da Hora, Sejalmo Sebastião de Paula Nery, Neuza da Silva Vitória e George de Assunção Alakija; e um baile de exaltação afro-brasileira nos Salões de Festas da UFRGS. Para este grupo, as comemorações tiveram significado especial:

Foi essa, talvez, a primeira iniciativa, no Brasil, de se homenagear o negro, em si, como elemento fundamental na constituição da sociedade brasileira e de destacar o seu papel na formação da nacionalidade. Até então, todas as homenagens como que se distinguiram os homens de cor procuravam destacar individualmente vultos como Marcílio Dias, José do Patrocínio, Henrique Dias e tantos outros. Eis aí mais uma faceta extremamente meritória do Biênio e que o recomenda ao apreço da história (RELATÓRIO DO BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO, p.18).

– INGLESES: seus eventos aconteceram entre 1974 e 1975. Dentre eles: a inauguração de placa alusiva ao Biênio no Salão de Festas do British Club, com a presença do Embaixador britânico Derek S. L. Dodson; o concerto da Orquestra inglesa “Northern Sinfonia Orchestra” no Salão de Atos da UFRGS; a visita a Porto Alegre do Arcebispo de Cantuária, Sr. Arthur Michael Ramsey, primaz da Igreja Anglicana; e a exposição de artistas gráficos britânicos da década de 60, no Instituto de Artes da UFRGS.

– ARGENTINOS: realizaram a colocação de coroa de flores no Monumento a Bento Gonçalves em Porto Alegre.

– FRANCESES: inauguraram a Praça da Marselhesa, na cidade de Porto Alegre, em 18 de setembro de 1974, onde esteve presente o Embaixador da França no Brasil.

– URUGUAIOS: comemoraram entre 18 e 25 de agosto de 1974, promovendo: a inauguração de obras do pintor uruguaio, Jorge Paes Vilaró; um chá-desfile no Salão de Festas do Hotel Plaza São Rafael em benefício do Hospital da Criança Santo Antônio; um

concerto da Orquestra de Câmara de Montevidéu no Salão de Atos da UFRGS; e um ato cívico e cultural no Grupo Escolar Uruguai com inauguração da Estátua do General José Artigas, do escultor José Luiz Zorrilla de San Martin, doada pelos estudantes de odontologia da Universidade de Montevidéu.

– POLONESES: para este grupo, as comemorações do Biênio foram importantes para “que o representativo grupo de descendentes poloneses no Rio Grande do Sul viesse a comprovar, que neste ano também se poderia, e com justiça, celebrar o centésimo aniversário de fixação dos primeiros poloneses na ex-colônia de Conde D’eu, no município de Garibaldi” (RELATÓRIO DO BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO, p.22). Estabeleceram Grupos de Trabalho em Dom Feliciano, Alpestre, Ijuí, Erechim, Carlos Gomes, Áurea, Herval Grande, Capo-Erê e Barão de Cotegipe. E promoveram os seguintes eventos: em Garibaldi, um monumento com lápide comemorativa do Centenário Polonês, em 18 de maio, com a presença do Cônsul Geral da Polônia; festa na Sociedade Polonesa; e a exposição “Polônia de hoje e de sempre” com visita do Embaixador da Polônia no Brasil.

– JAPONESES: promoveram a implantação da Alameda das Cerejeiras no Parque Zoológico; a participação do Cônsul Geral do Japão; a inauguração do ginásio de esportes em Sapucaia, oferta do Lanifício Kurashiki do Brasil S/A; e a exibição de filmes e danças folclóricas no auditório do Palácio Farroupilha.

–ISRAELENSES: comemoraram através de apresentações artísticas no auditório da UFRGS com a visita do coral do Instituto Israelita Brasileiro do Rio de Janeiro; da visita do Embaixador de Israel no Brasil; e da inauguração de placa de bronze no Obelisco erguido em 1935 pela comunidade israelita gaúcha, durante as comemorações do 1º Centenário Farroupilha.

–INDÍGENAS: tiveram a contribuição de museus arqueológicos e antropológicos de Santa Cruz do Sul, Ijuí, Carazinho, Rio Pardo, Instituto Anchieta de Pesquisas, Visconde de São Leopoldo, de São Miguel, de Santo Ângelo, de Taquara, de Júlio de Castilhos e de Santa Rosa. Promoveram: a edição da obra “iconografia poética do índio no Rio Grande do Sul”; em mais de 50 municípios, cerca de 200 palestras, colóquios e painéis de natureza arqueológica, antropológica, sociológica, filológica e folclórica; e a visita de estudos às ruínas de Santo Ângelo e aos 7 povos indígenas da FUNAI no Rio Grande do Sul: Inhacorá, Guarita, Irai, Nonoai, Votouro, Ligeiro, Carreteiro e Cacique-Doble.

Estes ritos comemorativos, de um modo geral, de acordo com Davallon e Sabatier (1993), materializam uma rede identitária entre os sujeitos, produzindo objetos simbólicos que agregam traços identitários através de práticas políticas. As comemorações estão intimamente

ligadas à questão identitária destes grupos étnicos, pois são fortemente carregadas de conteúdo simbólico que buscam lhes garantir o sentimento de permanência da origem que está sendo assinalada. Estes símbolos fazem parte da manutenção da identidade e possuem a capacidade de ativar a memória destes homens e mulheres, representando assim sua salvaguarda.

Em sua abrangência, os atos que listamos se concentraram majoritariamente na capital do estado, Porto Alegre, diferentemente das comemorações de alemães e italianos, que se espalharam por todo o Rio Grande do Sul, como pudemos observar no mapa da página 57. Os eventos destacados também tiveram como característica o fato de terem sido pontuais e pouco extensos em sua realização, afinal as Comissões organizaram as comemorações de seus grupos para períodos curtos, não ultrapassando um mês de duração. Neste sentido podemos afirmar que, em termos de grandiosidade, a escala das comemorações promovidas por estes “outros” grupos foi menor. Ainda assim podemos comparar com as comemorações de luso-brasileiros, alemães e italianos através da participação de autoridades dos países de origem – mas não do Presidente da República Ernesto Geisel –, da valorização dos traços culturais de identificação com a comunidade étnica representada, da memória e da ressignificação de espaços.

#### **4.2 A DEFINIÇÃO DO DISCURSO OFICIAL DAS COMEMORAÇÕES DO BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO: integração étnica como a base da identidade gaúcha**

Como viemos demonstrando ao longo de nossa escrita, o Decreto 22.410 de 22 de abril de 1973 que instituiu as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, foi o principal documento produzido por estes festejos, afinal, ele conduziu todo o processo de organização das comemorações, mantendo-as sob os cuidados do governo estadual. Foi no Decreto também que se estabeleceram os objetivos para a promoção das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, carregados de discursos de homenagem e agradecimento aos grupos imigrantes que contribuíram para o desenvolvimento do Rio Grande do Sul, como segue:

É um apelo do dever cívico exaltar a obra daqueles que, após lutas longas e ásperas, ocuparam e povoaram a área que constitui o território deste Estado, incorporando-o à Pátria comum. Não menos digno de reconhecimento é o trabalho das levas imigratórias que para cá vieram e aqui se fixaram, provindas de terras distantes em busca de uma pátria nova, e se juntaram aos primeiros povoadores no esforço das realizações solidárias, que nos conduzem a todos a um mesmo destino, sob as inspirações da unidade nacional (Decreto 22.410 de 22 de abril de 1973 que instituiu as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração).

O mesmo Decreto também foi responsável por dar ênfase aos grupos que ganharam maior destaque ao longo do processo comemorativo. Nele, luso-brasileiros, alemães e italianos foram marcados em meio a rememorações do processo imigratório. Mas também foram lembrados com maior destaque porque o motivo que impulsionou a promoção das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração foi a aproximação das datas comemorativas do Sesquicentenário da Imigração Alemã em 1974, e do Centenário da Imigração Italiana em 1975, da mesma forma em que se quis prestar homenagem aos luso-brasileiros, grupo imigrante pioneiro no estado.

Precusores de Laguna, que iniciaram sua marcha para o Rio Grande por volta de 1725, elementos da mesma extração política que foram acudindo de todos os quadrantes da nacionalidade portuguesa, como principalmente do Arquipélago dos Açores, e a seguir sucessivamente as correntes de imigrantes alemães, italianos e de outras origens, ajudaram a plasmar e enriquecer a paisagem humana de que tanto nos orgulhamos, pelo alto sentido dos valores que nela se cultivam, pela constância das nossas vigílias cívicas, pela prosperidade que juntos alcançamos (Decreto 22.410 de 22 de abril de 1973 que instituiu as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração).

Lembramos aqui do que nos disse o Deputado Victor Faccioni, Coordenador das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, em entrevista concedida (conforme anexo B). Ele nos relatou que deixar de lado os demais grupos imigrantes presentes no estado foi algo que imediatamente o preocupou:

*“Então eu sugeri ao Governador que se comemorasse toda etnia rio-grandense, ao ensejo destes três eventos. Inclusive por que do ponto de vista político eu entendi que a oposição poderia dizer que estávamos querendo festejar o nazi fascismo, Alemanha, Itália e Polônia, três países que haviam participado ou coordenado o nazi fascismo, onde seria implantado o nazi fascismo.”*

E neste sentido ele nos explicou que a mensagem evocada pelo Biênio da Colonização e Imigração foi de:

*“Agradecimento, de exaltação e de integração. Mostrar como a sociedade rio-grandense era formada pela integração de múltiplas etnias. Inclusive para com isto estancarmos qualquer raiz de racismo, ou coisa semelhante, **mostrar que nós não éramos um estado de uma raça só, éramos um conjunto de raças, em integração étnica**”<sup>116</sup>.*

Ainda que Faccioni tenha proposto maior representatividade de outros grupos étnicos nas comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, sua justificativa transitava em torno de não favorecer acusações contra o Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Acreditava ele que ao homenagear os demais grupos imigrantes o governo estaria desassociando as homenagens a alemães e italianos de um possível apoio aos regimes nazifascistas.

Até aqui, quisemos demonstrar que nem o Decreto de instalação das comemorações, nem as intenções de seus promotores contemplavam um discurso que promovesse e desse visibilidade à diversidade étnica no estado. Se tal diversidade buscou ser atingida a partir da extensão das comemorações aos demais grupos imigrantes – para além de alemães, italianos e luso-brasileiros –, sua iniciativa esteve vinculada ao que nos relatou Faccioni e não exatamente a um discurso de integração étnica. Para os organizadores das comemorações, ao prestar homenagens a luso-brasileiros, alemães, italianos e as demais correntes imigratórias, a totalidade étnica do estado estava sendo representada.

Este cenário só começa a ser questionado e se modifica quando, mediante reivindicações de falta de representatividade dos grupos de negros e indígenas, o governo do estado, como promotor dos festejos, retoma os objetivos e justificativas para a promoção destas comemorações, e os inclui. Nem tudo pode ser alterado, afinal, o Decreto já estava em vigor, os grupos homenageados já haviam sido nomeados, as justificativas já haviam sido dadas, as comemorações já haviam sido dedicadas a homenagear imigrantes e colonos. Isso de fato não havia como mudar. Mas integrar negros e índios às comemorações que estavam sendo dedicadas a homenagear luso-brasileiros, alemães, italianos e as demais correntes imigratórias surgiu como oportunidade para que o governo convertesse o discurso oficial das comemorações, que primeiramente se dedicou a agradecer e homenagear as correntes

---

<sup>116</sup> Grifo nosso.

imigratórias, para um discurso que buscou na conjugação de todos estes grupos étnicos a formação da identidade gaúcha.

Deste modo, podemos afirmar que o discurso oficial das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração foi se moldando ao longo dos festejos, sendo definido por fim que tratava-se de celebrar a união de todas as etnias personificadas na figura do gaúcho.

Assim, as ações da Comissão Coordenadora das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração demonstraram preocupação e empenho em estabelecer de imediato este discurso que fora definido, conforme descrição de uma reunião realizada no gabinete de Faccioni no Palácio Piratini:

Os objetivos da reunião realizada em Palácio foram justamente o de estabelecer os primeiros contatos para a constituição e instalação da quarta Comissão Executiva, a qual terá a seu cargo exaltar a participação que tiveram, na formação socioeconômica e cultural do Rio Grande do Sul, as demais correntes imigratórias que se integram entre nós. Presidindo os trabalhos da reunião, que teve caráter informal e extremamente cordial, o Deputado Victor Faccioni, Presidente da Comissão Coordenadora, disse que o Governo do Estado, ao instituir o Biênio da Colonização e Imigração, em 1974 e 1975, desejou que a homenagem de reverência e saudade aqueles bravos lutadores que, de plagas distantes, vieram para o Rio Grande do Sul, ajudar, com o suor do seu rosto, a abrir novas sendas ao progresso e desenvolvimento da Província, fosse uma festa de união de todos os gaúchos, projetando para o Brasil e para o mundo o espetáculo de admirável integração humana e social que existe em nosso Estado (NOTAS À IMPRENSA- ASSUNTOS GERAIS COMISSAO COORDENADORA).

E então se estabeleceram as justificativas para a ampliação das comemorações aos demais grupos imigrantes, e assim o discurso de integração étnica começou a ganhar forma:

**Por isso, convocam-se ali e naquele instante figuras que representavam a quase totalidade das demais correntes imigratórias que não a lusa, a alemã e a italiana<sup>117</sup>**, para que, comungando todos do mesmo propósito, de amor ao torrão gaúcho, de fraternidade e solidariedade, se buscasse a forma de destacar a participação de cada uma das comunidades que tiveram raízes na imigração, na jornada de trabalho e de fé que, ontem como hoje, visa à riqueza, ao bem estar e a felicidade de todos os rio-grandenses, unidos sob a mesma bandeira e pelos mesmos ideais de pátria, família, paz e tranqüilidade (NOTAS À IMPRENSA- ASSUNTOS GERAIS COMISSAO COORDENADORA).

Da mesma forma, uma declaração enviada a Revista Parlamento<sup>118</sup>, expõe a preocupação em incluir dentro deste novo discurso os grupos negros e indígenas:

---

<sup>117</sup> Grifo nosso.

<sup>118</sup> Em nossa documentação não há referência completa da publicação desta Revista.

O Biênio destacará ainda, dentro do espírito do Decreto 22.410, assinado pelo Governador Euclides Triches, a contribuição que deram ao Rio Grande do Sul, as demais correntes imigratórias que compõem o notável “melting-pot” donde saiu o gaúcho de hoje – poloneses, espanhóis, japoneses, franceses, ingleses, israelitas, libaneses, holandeses, americanos, uruguaios argentinos e tantos outros imigrantes e nos milhares de descendentes que hoje formam um só povo, uma só vontade, um só sentimento, um só coração. Também não será esquecida a contribuição material e espiritual do negro na formação do Rio Grande do Sul, nem o papel que teve o índio, nos dias áspers de conquista do solo e da implantação dos primeiros marcos de colonização ao lado de brasileiros e lusitanos. Esse – concluiu o deputado Victor Faccioni – foi o sentido mais alto do Biênio da Colonização e Imigração – o de afirmar perante o Brasil e o mundo, a perfeita integração do homem rio-grandense. Orgulhamo-nos dessa integração. Somos um povo que desconhecemos qualquer discriminação – racial, social, econômica, política, cultural – e que vivemos de olhar voltado exclusivamente para o trabalho, a família, a paz, empenhados em construir, com a ajuda de Deus, a grandeza e a soberania da Pátria Comum – Brasil (NOTAS À IMPRENSA-ASSUNTOS GERAIS COMISSÃO COORDENADORA).

Todo este movimento que aconteceu pode ser lido como uma mudança no discurso oficial das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, que ao invés de comemorar somente os grupos “aniversariantes”, comemorou a todos, o que levou o enfoque do discurso na direção da atualização da identidade gaúcha, agora incluindo os imigrantes, grupos pioneiros e nativos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente dissertação analisamos os “usos políticos do passado” feitos pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul ao conduzir as comemorações oficiais do Biênio da Colonização e Imigração. Estas comemorações, que foram instituídas por meio do Decreto estadual 22.410 de 22 de abril de 1973, destacaram as datas comemorativas do Sesquicentenário da Imigração Alemã – 1974 - e Centenário da Imigração Italiana - 1975. O eixo norteador do nosso problema de pesquisa foi ao encontro da definição dada por Traverso (2012, p.10) para os *usos do passado*. Para ele “o passado transforma-se em memória colectiva depois de ter sido selecionado e reinterpretado segundo as sensibilidades culturais, as interrogações éticas e as conveniências políticas do presente”. Neste sentido, em nossa análise, as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração foram entendidas como um ato político.

Inicialmente, concentramos nossa atenção no processo de organização das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, ou seja, os seus bastidores. Nossas fontes principais de pesquisa - a documentação oficial produzida pelos organizadores dos festejos - nos permitiram tomar conhecimento dos sentidos atribuídos às comemorações, dos objetivos propostos pelos seus organizadores, e da identidade dos sujeitos envolvidos neste processo. Neste primeiro momento de análise evidenciamos e confirmamos o caráter oficial destas comemorações, ao demonstrar que o Governo do Estado do Rio Grande do Sul foi uma presença atuante no processo de organização das mesmas. Foi o governo o responsável por definir os objetivos propostos para as comemorações – prestar homenagens aos grupos de imigrantes e colonos que contribuíram para a formação do estado; por escolher os grupos homenageados – luso-brasileiros, alemães e italianos (que foram nomeados no Decreto de instalação das comemorações) e os demais (aqueles que foram incluídos nos festejos posteriormente); por criar as Comissões de Homenagem aos grupos imigrantes ao nomear sujeitos e instituições que durante os festejos foram representantes do governo; e por organizar os Programas Comemorativos em meio a propostas celebrativas diferenciadas.

De modo especial, o texto normativo do Decreto de instituição do Biênio da Colonização e Imigração e a sua cerimônia oficial de instalação no Palácio Piratini, foram representativos da institucionalização e da oficialidade destas comemorações. Institucionalização porque o governo do estado passou a liderar a organização das comemorações do Sesquicentenário da Imigração Alemã e Centenário da Imigração Italiana,

ao estender as homenagens às demais correntes imigratórias através da promoção do Biênio da Colonização e Imigração. Esta institucionalização das comemorações foi um fato que se tornou claro quando o Presidente da Comissão Organizadora, Victor Faccioni, nos relatou em entrevista que a ideia para a promoção do Biênio da Colonização e Imigração surgiu após a realização de uma reunião com a Comissão do Sesquicentenário Alemão com o governo estadual, ocasião esta em que buscavam apoio e recursos para seus festejos. Neste momento a figura de Faccioni ganhou destaque em nossa análise por ele se afirmar como o idealizador destas comemorações. De acordo com ele, a promoção do Biênio da Colonização e Imigração se justificou pela oportunidade de revisitar a história da imigração no Rio Grande do Sul a partir de discursos de homenagem, mas também pelo receio por parte do governo em apoiar as comemorações de alemães e italianos e assim ser associado à simpatia com os regimes nazifascistas. Neste sentido, a promoção de comemorações em homenagem a todos os grupos imigrantes foi uma solução estratégica.

A oficialidade, por sua vez, foi afirmada também pela presença do estado, que além de promover as comemorações através do Decreto, instituiu um processo organizacional no qual se manteve presente. Desta forma, o principal documento produzido por estas comemorações, teve a responsabilidade de conservar a ordem conforme previsto por seus organizadores, bem como manter o governo do estado como o primeiro na hierarquia de decisões a serem tomadas, na figura da Comissão Coordenadora.

No Decreto, três grupos imigrantes foram nomeados como os homenageados destas comemorações – luso-brasileiros, alemães e italianos -, destaque que inspirou os dois últimos capítulos desta dissertação. Também no Decreto se deliberou as regras para a formação das Comissões de Homenagem de cada um dos grupos, os sujeitos nelas envolvidos, os cargos por eles ocupados e as instituições às quais estavam vinculados. Ao todo foram formadas 9 Comissões de Homenagem e 10 Grupos de Trabalho, um para cada grupo étnico. Os sujeitos que compuseram as Comissões de Homenagem foram escolhidos por sua representatividade na comunidade étnica, mas também estavam ligados ao poder público, à segmentos religiosos, à imprensa e intelectuais. Estes representantes do estado exerceram as funções de organizar as comemorações do grupo imigrante ao qual representavam, o que consistia em planejar os eventos comemorativos, contatar autoridades, promover intercâmbios históricos, festivos, diplomáticos, culturais, populares, econômicos e sociais. Apesar da grande responsabilidade destas Comissões de Homenagem, havia um núcleo principal para a tomada de decisões: a Comissão Organizadora, tendo como Presidente Victor Faccioni.

Ainda que o Decreto institucionalizasse e designasse o caráter oficial das comemorações, a sua cerimônia oficial de instalação no Palácio Piratini, representou para nós a afirmação desta designação. Neste momento, mediante a presença de um grande número de autoridades de diferentes âmbitos evidenciamos que governo se afirmou como promotor das comemorações, em meio à simbólica cerimônia realizada.

Organizadas e oficialmente instaladas as comemorações, chegou o momento de realizar os atos celebrativos através de Programas Comemorativos. Para esta análise, desmembramos a documentação oficial e criamos um panorama das comemorações, para que assim pudéssemos visualizar o alcance que elas tiveram. Tal panorama nos permitiu verificar que houve uma variedade no tempo de execução das celebrações de cada um dos grupos – variando entre comemorações que duraram uma semana e aquelas que chegaram a durar meses. No mapeamento das comemorações pudemos verificar também que cerca de 165 cidades participaram dos festejos, ao promover alguma atividade comemorativa, e que estas cidades encontravam-se localizadas principalmente no nordeste e noroeste do estado. Quanto aos Programas Comemorativos, sistematizamos em um gráfico as propostas celebrativas usando para tanto uma divisão temática porque nos permitia visualizar o seu tamanho e o seu alcance. Assim, eventos sociais, culturais, políticos, esportivos, e de construção material nos permitiram verificar, também, a variedade de eventos promovidos e a intenção comemorativa de atingir um grande público.

Após a análise do processo de organização, em que foram tomadas as decisões sobre como seriam delineadas as comemorações que se seguiriam, nossa análise se focou nas celebrações, que se mostraram muito importantes para a afirmação do discurso proposto pelas comemorações.

Como já havíamos sublinhado desde o início da pesquisa, ao notarmos que o Decreto de instalação das comemorações nomeou três grupos imigrantes – luso-brasileiros, alemães e italianos -, percebemos também que a análise dos eventos promovidos por eles seria de grande importância para confirmar ou refutar nossa percepção de que estes grupos teriam recebido destaque em meio às festas.

Considerando o fato de que as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração foram promovidas tendo como motivação as datas comemorativas do Sesquicentenário da Imigração Alemã em 1974 e do Centenário da Imigração Italiana em 1975, ficou claro que o governo estadual deu relevância a este fato durante as comemorações. Quanto ao grupo de luso-brasileiros, a nomeação no Decreto e este possível destaque aconteceram em um momento em que se tornou oportuno afirmar a identidade açoriana da capital do estado, Porto

Alegre. A promoção das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração surgiu como um momento único para que esta cidade constituísse uma memória açoriana e assim homenageasse os primeiros povoadores.

Para analisar as comemorações promovidas por estes três grupos, selecionamos e destacamos alguns atos, entre tantos acontecidos.

Primeiramente, destacamos a participação do Presidente da República Ernesto Geisel durante as comemorações do Sesquicentenário da Imigração Alemã e no Centenário da Imigração Italiana. Sua presença coroou o principal evento promovido pelas Comissões de Homenagem destes dois grupos: a encenação da chegada dos imigrantes às zonas coloniais. Estas encenações, consideradas por nós como os eventos mais grandiosos e de participação popular e oficial, marcaram as datas de chegada dos imigrantes e assim destacaram que a promoção das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração foram justificadas pela aproximação destas duas datas. Além disso, a presença do Presidente neste momento festivo e de préstimo de homenagens aos imigrantes e seus países de origem suscitaram em um estreitamento de laços entre Brasil e Europa, e um intensivo fomento de intercâmbios econômicos e culturais. As encenações lembraram o passado imigrante do estado, dando ênfase ao início do processo imigratório nas regiões coloniais alemãs e italianas. Na narração destes dois episódios, além da figura presidencial destacou-se, também, a teatralidade do ato e sua visualidade. Ficou muito clara a ação (re)memorativa da representação, ou seja, o que estava no imaginário de todos. Poderíamos dizer, neste caso, que tínhamos ali uma representação onde o ponto alto era a emoção.

Como segundo momento de análise das comemorações destes três grupos, destacamos o fomento à pesquisa e a criação de um campo de estudos imigratórios no estado, já que a análise da documentação oficial nos permitiu perceber que as Comissões de Homenagem destes grupos valorizaram de modo especial esta questão. E neste sentido, promoveram palestras, Simpósios, Congressos, além de terem criado instituições de memória, promovido concursos de incentivo a pesquisa e lançado álbuns comemorativos. Estes atos demonstraram a preocupação das Comissões em valorizar o passado imigrante, mas também em criar lugares de memória através de instituições e eventos nos espaços acadêmicos. Neste segundo momento, podemos dizer que os imigrantes que ainda não constituíam um campo de pesquisas no estado ganharam forma e passaram a ser representados de fato na história do Rio Grande do Sul.

Por fim, nossa análise nos permitiu olhar para os monumentos que foram erigidos em homenagem a estes três grupos. Enquanto obras públicas em exposição no espaço urbano

entendemos que estes monumentos constituíram lugares de memória da imigração e das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração nas cidades. Mas foram também preitos de homenagem e gratidão aos antepassados em sua modernidade. Já os escultores, pode-se dizer que foram os intérpretes do imaginário imigrante que os monumentos representaram.

Ao analisar os três momentos das comemorações dos grupos luso-brasileiros, alemães e italianos, pudemos reafirmar a grandiosidade das comemorações por eles promovidas e a importância que elas tiveram no âmbito da história da imigração do estado. Mas, não queremos perder de vista, nesse contexto, que o mesmo Decreto de instituição das comemorações que deu destaque a estes três grupos, também abriu espaço aos demais grupos imigrantes, confirmando a proposta do governo do estado em promover as comemorações homenageando a todos os grupos imigrantes.

No desdobramento do processo comemorativo, ao longo do Biênio, os demais grupos imigrantes foram também incluídos nas comemorações. Neste ponto vimos emergir uma mudança no discurso proposto inicialmente, porque ao incluir os demais grupos imigrantes e também negros e índios nestes eventos comemorativos – estes dois últimos mediante demanda da comunidade, (conforme foi expresso pelo Governador Sinval Guazzelli) – se criou um discurso homogeneizador para estas comemorações. Neste discurso de integração étnica proposto pelo governo do Rio Grande do Sul encontramos indícios fortes relativos à formação da identidade gaúcha. Tratava-se, de buscar a representatividade total da população rio-grandense uma vez que os promotores da festa acreditavam que assim alcançariam todas as parciaisidades da formação do gaúcho.

O que inicialmente nos pareceu um discurso seletivo, de homenagem e agradecimento somente aos grupos de imigrantes e colonos estabelecidos no estado, desdobrou-se no desenrolar do evento e passou a configurar, ao final, um discurso de integração étnica, de reconhecimento a todos os grupos que contribuíram para a formação da identidade gaúcha, o que ficou muito claro na documentação oficial. Ao final, portanto, os demais grupos imigrantes, assim como os índios e os negros, estavam presentes nas comemorações e no discurso de integração étnica.

Ficou evidente no processo de organização das comemorações e nos atos celebrativos executados, que ao instituir o Biênio da Colonização e Imigração, o governo estadual – promotor destas comemorações - buscou na história da colonização e da imigração no Rio Grande do Sul as bases para uma (trans)formação da identidade gaúcha, ao construir discursos que deram visibilidade e reforçaram a integração étnica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGULHON, Maurice. *Histoire Vagabonde*, vol. I, Paris, Gallimard, 1988, p.283-284 apud RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. *Os símbolos do poder: cerimônias e imagens do Estado monárquico no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Discursos e Pronunciamentos: a dimensão retórica da historiografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. p.223-249.
- ALVES, José Francisco. *A escultura pública de Porto Alegre: história, contexto e significado*. Porto Alegre: Artfolio, 2004.
- AREND, Silvia Maria Fávero; MACEDO, Fábio. Sobre a História do Tempo presente: Entrevista com o historiador Henry Rousso. *Tempo e argumento: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UDESC, Florianópolis*, v. 1, n. 1, jan./jun. 2009, p. 201-216.
- ARRUDA, José Jobson de Andrade. *O trágico 5º Centenário do Descobrimento do Brasil: comemorar, celebrar, refletir*. SP: EDUSC, 1999.
- AURELL, Jaume. *A escrita da história: dos positivismos aos pós-modernismos*. Tradução Rafael Ruiz. São Paulo: Sita-Brasil, 2010.
- BENEDUZI, Luis Fernando. *Os fios da Nostalgia*. Perdas e ruínas na construção de um Vêneto imaginário. Porto Alegre: UFRGS. Capítulo 4. 2011.
- BENTO, Cláudio Moreira. *O negro e descendentes na sociedade do Rio Grande do Sul (1635-1975)*. Porto Alegre: IEL, 1976.
- BERSTEIN, Serge. Cultura Política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p.349-359.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BRAGANÇA, Maria. *Rito*. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1994. p.325-359.
- CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Antropologia da Memória*. Lisboa: Instituto Piaget. 2013.
- CARDOSO, Irene. 68: a comemoração impossível. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 10(2): 1-12, outubro de 1998.
- CARRIÓN, Fernando. Conmemoraciones, construcciones, disputas. In: GUTMAN, Maragarita; MOLINOS, Rita. (Org.). *Construir Bicentenarios Latinoamericanos en la era de la globalización*. Buenos Aires: Infinito, 2012. p.57-70.
- CASTRO, Celso; D'ARAUJO, Maria Celina (Orgs.). *Ernesto Geisel*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- CATROGA, Fernando. Memória e História. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *Fronteiras do Milênio*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001. P. 43-69.

\_\_\_\_\_. *Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo* (EUA, França e Portugal). Fortaleza: Edições NUDOC/Museu do Ceará, 2005.

CATTARUZA, Alejandro. *Los usos Del pasado*. La historia y la política argentinas en discusión, 1910-1945. Buenos Aires: Sudamericana, 2007.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CORREIA, Victor. *Arte pública: seu significado e função*. Lisboa: Editora Fonte da Palavra, 2013.

COSTA, Darcy Francisco Carvalho dos. *A crise das finanças estaduais*. Porto Alegre: Editora AGE, 2005. p.89-92.

DAVALLON, J. DUJARDIN, P; SABATIER, G. (Orgs.) *Politique de la mémoire*. In: *Comemorar la revolution*. Lyon: Presses Universitaires, 1993.

DUARTE, José Bacchieri (Org.). *Sesquicentenário da Imigração Alemã: álbum oficial*. Porto Alegre: EDEL, 1974.

\_\_\_\_\_. *Centenário da Imigração Italiana: álbum oficial*. Porto Alegre: EDEL, 1975.

DUBAR, Claude. *A Crise das Identidades: a interpretação de uma mutação*. São Paulo: EDUSP, 2009.

ERBES, Luiz Carlos. *A Alma de um Povo: 7 décadas de Festa da Uva*. Maneco Livraria e Editora, sem ano.

FENTRESS, James. WICKHAM, Chris. *Memória Social*. Novas Perspectivas sobre o passado. Tradução de Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da língua portuguesa*. 5. ed.

FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p.167-206.

FONSECA, Pedro Cezar Dutra; MONTEIRO, Sergio Marley Modesto. O Estado e suas razões: II PND. In: *Revista de Economia Política*. n. 1. Vol. 28. São Paulo. Jan./Mar. 2008.

FREIRE, Cristina. *Além dos mapas*. Os monumentos no imaginário urbano contemporâneo. São Paulo: SESC: Anablume, 1997.

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Imigração Italiana no Nordeste do RS*. Caxias do Sul: Editora Movimento, 1975.

GERTZ, René. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1991.

\_\_\_\_\_. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

\_\_\_\_\_. *O neonazismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS: AGE, 2012.

GIAUDRONE, Carla. Identidad y cultura del Centenario. Imágenes del gaucho en álbumes conmemorativos argentinos. In: GUTMAN, Margarita. MOLINOS, Rita. (Org.). *Construir Bicentenarios Latinoamericanos en la era de la globalización*. Buenos Aires: Infinito, 2012. p.423-438.

GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson. (Orgs.) *República: da revolução de 30 à Ditadura Militar (1930-1985)*. Vol.4. Passo Fundo: Méritos, 2007.

GOMES, Arilson dos Santos. Carlos Santos e a Comissão em Homenagem ao Negro no Biênio da Colonização e Imigração no Estado do Rio Grande do Sul em 1974. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. Vol. 6. Número 12. Dezembro de 2014.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (Orgs.). *Festa: Cultura & Sociabilidade na América Portuguesa*, volume I. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001. p. 969-975.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Vendo o passado: representação e escrita da história. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. v.15. n.2, jul- dez. 2007. p. 11-30.

GUTMAN, Margarita (Org). *Construir Bicentenarios: Argentina*. Buenos Aires: The New School and Caras y Caretas, 2005.

\_\_\_\_\_; MOLINOS, Rita (Org). *Construir Bicentenarios latinoamericanos en la era de la globalización*. Buenos Aires: Infinito, 2012.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2013.

\_\_\_\_\_; REVEL Jacques (direc). *Les usages politiques du passé*. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, 2001.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti; PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. *Língua, cultura e valores: um estudo da presença do humanismo latino na produção científica sobre a imigração italiana no Sul do Brasil*. Porto Alegre: EST, 2003.

HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOHFELDT, Antonio. *Dois pioneiros da comunicação no Rio Grande do Sul: Oswaldo Goidanich, Roberto Eduardo Xavier*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

IOTTI, Luiza Horn (Org). *Imigração e Colonização: legislação de 1747 a 1915*. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado do RS. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

JIMÉNEZ, Javiera Donoso. *Celebración Del Centenario Patrio en la Ciudad de Santa Rosa de Los Andes*. Santiago: Ediciones Centro de Estudios Bicentenario, 2007.

KNACK, Eduardo Roberto Jordão. Cidades em Álbuns Comemorativos: história, memória e visualidade. In: *Revista Latino-americana de História*. São Leopoldo. Vol.2. n. 7. Edição Especial. Setembro de 2013. p. 273-290.

KNAUSS, Paulo. *Imagens urbanas e poder simbólico: esculturas e monumentos públicos nas cidades do Rio de Janeiro e de Niterói*. Niterói, UFF-PPGH, 1998.

LANDO, Aldair Marli; BARROS, Eliane Cruxên. Capitalismo e Colonização – Os alemães no Rio Grande do Sul. In: LANDO; Aldair Marli; DACANAL, José H.; GONZAGA, Sergius. (Orgs.) *RS: imigração & colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 10-46.

LIMA, Tatiane de. *Agradecer, homenagear e guardar a memória: As comemorações do Biênio da Colonização e Imigração do Rio Grande do Sul*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2013.

\_\_\_\_\_. *A comemoração como patrimônio: mapeamento da participação italiana no Biênio da Colonização e Imigração no Rio Grande do Sul*. In: IV Simpósio Internacional e XII Fórum de Estudos Ítalo Brasileiros - 140 anos da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, 2015, Caxias do Sul. Anais do IV Simpósio Internacional e XII Fórum de Estudos Ítalo Brasileiros - 140 anos da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. Caxias do Sul: Edusc, 2015. p. 104-114.

\_\_\_\_\_. *Os usos políticos do passado: o papel das Comissões Executivas na organização das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração do Rio Grande do Sul*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, v. 1, p. 171-182, 2015.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução: Bernardo Leitão [et al.]. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 1990.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto História*. São Paulo, n. 17: p.63-148, 1998.

MANFIO, Juliana Maria. *Entre o Sacerdócio e a Pesquisa Histórica: a trajetória de Padre Luiz Sponchiado na Quarta Colônia de Imigração Italiana – RS*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, 2015.

MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no RS: implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: Grafosul, Instituto Estadual do Livro, 1975.

MATOS, Lúcia Almeida. *O monumento da Boavista*. Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 2012.

MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Orgs.). *Os alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. Ulbra, 1994.

MOEHLECKE, Germano Oscar. *São Leopoldo Obras e Iniciativas Públicas*. São Leopoldo, RS.1998.

MONTEIRO, Charles. Discutindo o projeto de reformas urbanas da administração municipal do Prefeito Thompson Flores em Porto Alegre (1969-1975). In: *Segundas Jornadas de História Regional Comparada*. Porto Alegre: PUCRS, 2005. V., 1. p. 1-13.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A história política e o conceito de cultura política. *Revista de História: Anais do X Encontro de História, ANPUH-MG*, 1996. p. 87-100.

NAVARRETE, Luis Gerardo Morales. A invenção da etnicidade nos estados-nações americanos nos séculos XIX e XX. In: Flávio M.; HARRES, Marluza Marques (orgs.). *A história e seus territórios: Conferências do XXIV Simpósio Nacional de História da ANPUH*. São Leopoldo: Oikos, 2008, p.89-114.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. *Projeto História*. São Paulo, vol.10, dez. 1993.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *As festas que a República manda guardar*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.4, 1989.

OLIVEIRA, Luciana da Costa de. *O Rio Grande do Sul de Aldo Locatelli: arte, historiografia e memória regional nos murais do Palácio Piratini*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.

ORLANDI, E.P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 4 ed. Campinas – SP: Pontes, 2002.

OZOUF, Mona. A Festa: sob a Revolução Francesa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

PEREZ, Léa Freitas. *Festa, Religião e Cidade: corpo e alma do Brasil*. Porto Alegre: Medianiz, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo da imagem: território da história cultural. In: *Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural*. Porto Alegre, RS: Asterisco, 2008.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 02, nº 3, 1989.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998.

PRADO, Luiz Carlos Delorme; EARP, Fábio Sá. O “milagre” brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 207-242.

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. De Golbery a Lula: olhares sobre a redemocratização no Brasil. In: DE LA FUENTE, José; ACOSTA, Yamandú. *Sociedad civil, democracia e integración: Miradas y reflexiones Del VI Encuentro Del Corredor de las Ideas Del Cono Sur*. Santiago: Ediciones UCSH, 2005.

\_\_\_\_\_. *Dois monumentos aos açorianos no Sul do Brasil: (re) leituras de uma identidade construída*. ANPUH Rio de Janeiro, julho de 2010.

\_\_\_\_\_. Homenagem, gratidão e tensão: um estudo sobre três monumentos à imigração no Sul do Brasil. In: *Anais do XVII Simpósio Nacional de História*. Natal: RN. 22 a 26 de julho de 2013.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL. “A fundação de Porto Alegre e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul”. N. 121, Porto Alegre, 1975.

REVISTA RUA GRANDE. Edição Especial. Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. São Leopoldo, 1974.

RIBAS, Tomaz. Coordenação: Maria Helena dos Santos. *A festa*. Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII. Volume I. Editora: Universitária. Lisboa. 1992.

RIBEIRO, Cleodes Piazza Júlio. Região Colonial Italiana no Rio Grande do Sul: Imigração e antropologia, in: DAL BÓ, Juventino. IOTII, Luiza Horn. MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (Org.). *Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e Anais do IX Fórum de Estudos Ítalo-brasileiros*, Caxias do Sul: EDUSC, 1999.

\_\_\_\_\_. *Festa e Identidade: como se faz a Festa da Uva*. Caxias do Sul: EDUSC, 2002.

RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. *Os símbolos do poder: cerimônias e imagens do Estado monárquico no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROEHE, Nara Simone Viegas Rocha. *O sesquicentenário da imigração alemã no Rio Grande do Sul em 1974 como corolário das relações econômicas Brasil-Alemanha* (Dissertação PPGHistória) PUCRS, Porto Alegre, 2006.

ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história conceitual do político* (nota de trabalho). Revista Brasileira de História. Vol. 15. N.30. São Paulo, 1995, p.09-22.

SANDES, Noé Freire. *A invenção da nação: entre a monarquia e a república*. Goiânia, Editora: UFG, 2011.

SANTOS, Miriam de Oliveira. *Bendito é o fruto: Festa da Uva e Identidade entre os descendentes de imigrantes italianos de Caxias do Sul – RS*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

\_\_\_\_\_; ZANINI, Maria Catarina Chitolina. As memórias da Imigração no Rio Grande do Sul. *Revista de Humanidades*. Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 11 (27), 2010.

\_\_\_\_\_. *Comemorações e celebrações das memórias da imigração*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho de 2011.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade, 1998.

SEYFERTH, Giralda. *Colonização, Imigração e a questão racial no Brasil*. Revista USP, São Paulo, n.53, p.117-149, março/maio 2002.

\_\_\_\_\_. *Imigrantes, estrangeiros: a trajetória de uma categoria incomoda no campo político*. Porto Seguro: ABA, 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. 2008.

\_\_\_\_\_. *O Colono Múltiplo: transformações sociais e (re) significação da identidade camponesa*. Raízes, v.31, n.1, jan-jun. 2011.

\_\_\_\_\_. Memória coletiva, identidade e colonização: representações da diferença cultural no Sul do Brasil. *MÉTIS: história & cultura*. v. 11, n. 22, jul./dez. 2012

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves

(org.). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 243-282.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. Ed. Contexto São Paulo, 2006.

SIRINELLI, Jean-François. *Abrir a História: novos olhares sobre o século XX francês*. Tradução: Fernando Scheibe. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

TRAMONTINI, Marcos Justo. *A organização social dos imigrantes: A Colônia de São Leopoldo na fase pioneira (1824-1850)*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2000.

TRAVERSO, Enzo. *O passado, modos de usar: História, memória e política*. Tradução de Tiago Avó. Lisboa: Edições Unipop, 2012.

TREVISAN, Armindo. *Escultores contemporâneos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade, UFRGS, 1983.

VALERI, Valerio. *Festa*. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, p. 402-414. v. 30, 1994.

VENTURINI, Maria Cleci. *Rememoração/Comemoração no discurso urbano*. Revista Rua. Campinas, número 15, volume I, junho de 2009.

VERÍSSIMO, Érico. Um Romancista apresenta sua terra. In: *Rio Grande do Sul Terra e Povo*. Editora Globo, 1969.

VILLAR, Soledad Reyes Del. *El Centenario de Chile (1910): Relato de una fiesta*. Chile: Globo Editores, 2007.

WEBER, Roswithia. *As comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul: o “25 de julho” em São Leopoldo, 1924/1949*. Novo Hamburgo: Feevale, 2004.

\_\_\_\_\_. *Mosaico Identitário: história, identidade e turismo nos municípios da Rota Romântica - RS*. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

ZANIRATO, Silvia Helena. Usos Sociais do patrimônio cultural e natural. *Patrimônio e Memória*. V. 05, p. 137-152, out.2009.

## SITES CONSULTADOS

Medalha do Biênio da Colonização e Imigração, em <<[www.filatelicazeppelin.com.br](http://www.filatelicazeppelin.com.br)>>. Acesso em 20 de abril de 2016.

Monumento aos Açorianos, em <<[rodilonteixeira.blogspot.com.br](http://rodilonteixeira.blogspot.com.br)>>. Acesso em 07 de janeiro de 2017.

Monumento ao Centenário da Imigração Italiana, em <<[www.serragaucha.com](http://www.serragaucha.com)>>. Acesso em 07 de janeiro de 2017.

“Parque da Imigração Italiana é reinaugurado”, em <<[farroupilha.rs.gov.br/novo/parque-da-imigracao-italiana-e-reinaugurado-2](http://farroupilha.rs.gov.br/novo/parque-da-imigracao-italiana-e-reinaugurado-2)>>. Acesso em 07 de fevereiro de 2017.

## FONTES

ANAIS da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 1973 a 1975. Localização: Arquivo da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul.

ANAIS do 1º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. São Leopoldo, 1974.

ATAS de reuniões da Comissão Coordenadora do Biênio da Colonização e Imigração. Localização: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. (AHRs). Fundo: Biênio da Colonização e Imigração no Rio Grande do Sul, Caixa Arquivo A.

ATAS das reuniões da Comissão Coordenadora do Sesquicentenário Alemão, 1974. Localização: Arquivo do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. Fundo: Sesquicentenário da Imigração Alemã.

ATAS das reuniões da Comissão Coordenadora do Centenário da Imigração Italiana, 1975. Localização: Arquivo Histórico João Spadari Adami. Fundo: Centenário da Imigração Italiana.

CALENDÁRIO Oficial dos Festejos do Centenário da Imigração Italiana. Janeiro a Setembro de 1975. Localização: Arquivo Histórico João Spadari Adami. Fundo: Centenário da Imigração Italiana.

CENSO 1970. IBGE. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 25 de junho de 2016.

DECRETO N° 22.410, de 22 de abril de 1973. Institui o Biênio da Colonização e Imigração. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/Legis>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2016. [Anexo A].

DECRETO N° 22.507, de 02 de julho de 1973. Cria a Comissão Executiva para Promoções Esportivas nos Festejos do Biênio da Colonização e Imigração instituídos pelo Decreto 22.410, de 22 de abril de 1973. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/Legis>>. Acesso em: 19 de abril de 2016.

DECRETO N° 22. 601, de 24 de agosto de 1973. Institui o Símbolo do Biênio da Colonização e Imigração. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/Legis>>. Acesso em: 06 de maio de 2016.

DECRETO N° 22. 783, de 07 de novembro de 1973. Institui o Certame de Letras do Biênio da Colonização e Imigração. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/Legis>>. Acesso em: 06 de maio de 2016.

DECRETO N° 22. 784, de 07 de novembro de 1973. Institui o Certame Musical do Biênio da Colonização e Imigração. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/Legis>>. Acesso em: 06 de maio de 2016.

DECRETO N° 22. 814, de 20 de novembro de 1973. Institui o Certame de Jornalismo do Biênio da Colonização e Imigração. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/Legis>>. Acesso em: 06 de maio de 2016.

DECRETO Nº 23.173, de 25 de junho de 1974. Determina que seja evocada no Biênio da Colonização e Imigração a presença do índio na história do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/Legis>>. Acesso em: 19 de abril de 2016.

DECRETO Nº 23.244, de 09 de agosto de 1974. Dispõe sobre as Comissões Regionais do Biênio da Colonização e Imigração. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/Legis>>. Acesso em: 19 de abril de 2016.

DISCURSO. Victor Faccioni. 15 de maio de 1973, por ocasião da instalação do Biênio da Colonização e Imigração. In: Relatório Oficial do Governo do Estado para o Biênio da Colonização e Imigração no Estado. p. 50.

DISCURSO. Euclides Triches. 15 de maio de 1973, por ocasião da instalação do Biênio da Colonização e Imigração. In: Relatório Oficial do Governo do Estado para o Biênio da Colonização e Imigração no Estado. p. 49.

ENTREVISTA. Victor Faccioni. Entrevistadora: Tatiane de Lima. Porto Alegre. Janeiro de 2016. [Anexo B].

JORNAL CORREIO DO POVO. “O Monumento aos Açorianos”. Porto Alegre, 19 de agosto de 1973, p.48. Localização: Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho. Fundo: Monumento aos Açorianos.

JORNAL CORREIO DO POVO. “Os Açorianos”. Porto Alegre, 21 de março de 1974, p. 04. Localização: Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho. Fundo: Monumento aos Açorianos.

JORNAL CORREIO DO POVO. “Gigantes de Aço Homenageiam Povoadores do Porto dos Casais”. Porto Alegre, 24 de março de 1974, p.20-21. Localização: Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho. Fundo: Monumento aos Açorianos.

JORNAL CORREIO DO POVO. “Chegou ontem embaixador de Portugal”. Porto Alegre, 26 de março de 1974, s/p. Localização: Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho. Fundo: Monumento aos Açorianos.

JORNAL CORREIO DO POVO. “Embaixador preside entrega do Monumento aos Açorianos”. Porto Alegre, 27 de março de 1974, s/p. Localização: Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho. Fundo: Monumento aos Açorianos.

JORNAL CORREIO DO POVO. “Homenageando açorianos cidade recebeu o seu maior monumento”. Porto Alegre, 27 de março de 1974, s/p. Localização: Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho. Fundo: Monumento aos Açorianos.

JORNAL CORREIO DO POVO. “Simpósio sobre a história da Imigração alemã vai ter início em setembro”. Porto Alegre, 04 de maio de 1974, s/p. In: Recortes de Jornal Sesquicentenário da Imigração Alemã. Localização: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. (AHRs). Biênio da Imigração e Colonização, Caixa Arquivo C.

JORNAL CORREIO DO POVO. “Já com temário o Simpósio de história da imigração alemã. Porto Alegre”. Porto Alegre, 02 de junho de 1974, s/p. In: Recortes de Jornal Sesquicentenário da Imigração Alemã. Localização: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. (AHRs). Biênio da Imigração e Colonização, Caixa Arquivo C.

JORNAL CORREIO DO POVO. “Projetos para Monumento da Imigração foram rejeitados”. Porto Alegre, 07 de junho de 1974, s/p. In: Recortes de Jornal Sesquicentenário da Imigração Alemã. Localização: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. (AHRs). Biênio da Imigração e Colonização, Caixa Arquivo C.

JORNAL CORREIO DO POVO. “Concurso para Monumento dos 150 anos da Imigração Alemã”. Porto Alegre, 13 de junho de 1974, s/p. In: Recortes de Jornal Sesquicentenário da Imigração Alemã. Localização: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. (AHRs). Biênio da Imigração e Colonização, Caixa Arquivo C.

JORNAL CORREIO DO POVO. “Simpósio sobre história da imigração alemã em São Leopoldo”. Porto Alegre, 16 de junho de 1974, s/p. In: Recortes de Jornal Sesquicentenário da Imigração Alemã. Localização: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. (AHRs). Biênio da Imigração e Colonização, Caixa Arquivo C.

JORNAL CORREIO DO POVO. “Comissão de Homenagem ao índio foi empossada no Palácio Piratini”. Porto Alegre, 10 de julho de 1974, s/p. In: Recortes de Jornal Índios. Localização: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. (AHRs). Biênio da Imigração e Colonização, Caixa Arquivo C.

JORNAL CORREIO DO POVO. “Comemoração a altura”. Porto Alegre, 27 de julho de 1974, s/p. In: Recortes de Jornal Sesquicentenário da Imigração Alemã. Localização: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. (AHRs). Biênio da Imigração e Colonização, Caixa Arquivo C.

JORNAL DA SEMANA. “Em outubro o simpósio sobre imigração alemã”. Porto Alegre. 09 de junho de 1974, s/p. In: Recortes de Jornal Sesquicentenário da Imigração Alemã. Localização: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. (AHRs). Biênio da Imigração e Colonização, Caixa Arquivo C.

JORNAL FOLHA DA TARDE. “Embaixador português desenvolve programação intensa”, 26 de março de 1974, p. 16. Localização: Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho. Fundo: Monumento aos Açorianos.

JORNAL FOLHA DA TARDE. “Novo Concurso para o Monumento ao Sesqui da Imigração Alemã”. Porto Alegre, 06 de junho de 1974, p. 43. In: Recortes de Jornal Sesquicentenário da Imigração Alemã. Localização: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. (AHRs). Biênio da Imigração e Colonização, Caixa Arquivo C.

JORNAL OPINIÃO. “Vice-Prefeito em Caxias”. Encantado, 28 de setembro de 1973, s/p.

LEI nº 3.609, de 21 de Dezembro de 1971. Consagra, como data de Fundação de Porto Alegre, o dia 26 de março. Disponível em: < <http://leismunicipais.com.br>>. Acesso em: 25 de novembro de 2016.

NOTA à imprensa. Victor Faccioni. Localização: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. (AHRs). Fundo: Biênio da Colonização e Imigração no Rio Grande do Sul, Caixa Arquivo A.

NOTAS à imprensa. Assuntos Gerais Comissão Coordenadora. Localização: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. (AHRs). Fundo: Biênio da Colonização e Imigração no Rio Grande do Sul, Caixa Arquivo C.

PROGRAMA Oficial promovido pela Comissão Executiva do Sesquicentenário da Imigração Alemã, de maio a dezembro de 1974, em São Leopoldo. Localização: Arquivo do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. Fundo: Sesquicentenário da Imigração Alemã.

PROGRAMA Oficial promovido pela Comissão Executiva para celebrar o Pioneirismo da Colonização Luso-Brasileira, de maio a setembro de 1975. In: Notas a imprensa sobre colonização portuguesa. Localização: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. (AHRs). Fundo: Biênio da Colonização e Imigração no Rio Grande do Sul, Caixa Arquivo C.

PROGRAMA para o desenvolvimento da festividade prevista para 25 de julho de 1974 em São Leopoldo as margens do Rio dos Sinos (Réplica histórica da chegada dos imigrantes). Localização: Arquivo do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. Fundo: Sesquicentenário da Imigração Alemã.

PROGRAMAÇÃO Oficial para os dias magnos do Centenário: 18, 19, 20, 21 e 22 de maio de 1975. Localização: Arquivo Histórico João Spadari Adami. Fundo: Centenário da Imigração Italiana.

RELATÓRIO do Biênio da Colonização e Imigração, 1976. Cedido pelo Sr. Victor Faccioni.

RELATÓRIO do Sesquicentenário da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. Germano Oscar Moehlecke, 1974.

RELATÓRIO da Comissão Executiva para o Centenário da Imigração Italiana, 1975. Localização: Arquivo Histórico João Spadari Adami. Fundo: Centenário da Imigração Italiana.

SÍMBOLO do Biênio e sua utilização, 1973. Localização: Arquivo Histórico João Spadari Adami. Fundo: Centenário da Imigração Italiana.

## ANEXOS

### ANEXO A

DECRETO Nº 22.410, DE 22 DE ABRIL DE 1973.

Institui o Biênio da Colonização e Imigração e dá outras providências.

É um apelo do dever cívico exaltar a obra daqueles que, após lutas longas e ásperas, ocuparam e povoaram a área que constitui o território deste Estado, incorporando-o à Pátria comum. Não menos digno de reconhecimento é o trabalho das levas imigratórias que para cá vieram e aqui se fixaram, provindas de terras distantes em busca de uma pátria nova, e se juntaram aos primeiros povoadores no esforço das realizações solidárias, que nos conduzem a todos a um mesmo destino, sob as inspirações da unidade nacional. Precusores de Laguna, que iniciaram sua marcha para o Rio Grande por volta de 1725, elementos da mesma extração política que foram acudindo de todos os quadrantes da nacionalidade portuguesa, como principalmente do Arquipélago dos Açores, e a seguir sucessivamente as correntes de imigrantes alemães, italianos e de outras origens, ajudaram a plasmar e enriquecer a paisagem humana de que tanto nos orgulhamos, pelo alto sentido dos valores que nela se cultivam, pela constância das nossas vigílias cívicas, pela prosperidade que juntos alcançamos. Evocando o mérito de quantos contribuíram decisivamente, desde os mais fundos alicerces, para a ingente obra de construção e progresso representada pelo Estado do Rio Grande do Sul, O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, no uso da atribuição que lhe confere o artigo 66, item IV, da Constituição do Estado, DECRETA:

Art. 1º - Fica instituído o Biênio da Colonização e Imigração, com o fim de celebrar, nos anos de 1974 e 1975, o feito dos pioneiros, o sesquicentenário da imigração alemã, o centenário da imigração italiana e a contribuição das demais correntes imigratórias que se fixaram no Rio Grande do Sul.

Art. 2º - A Comissão Central que terá a seu cargo as celebrações será presidida pelo Governador do Estado e terá a seguinte constituição:

I - Comissão de Honra, integrada pelo Governador, Vice-Governador do Estado e, a convite da Presidência, pelos Senadores e Deputados Federais representantes do Rio Grande do Sul, e seguintes autoridades:

a) Cardeal Arcebispo de Porto Alegre;

b) Presidente da Assembleia Legislativa do Estado; c) Presidente do Tribunal de Justiça; d) Comandante do III Exército; e) Comandante do 5º Distrito Naval; f) Comandante da 5ª Zona Aérea. II - Comissão Coordenadora, presidida pelo Secretário de Estado Extraordinário para Assuntos da Casa Civil e como Coordenador Geral o Secretário de Estado do Turismo. III - Comissão Executiva para celebrar o pioneirismo da colonização luso-brasileira. IV - Comissão Executiva para as comemorações do sesquicentenário da imigração alemã. V - Comissão Executiva para as comemorações do centenário da imigração italiana. VI - Comissão Executiva para celebrar a contribuição das demais correntes imigratórias no desenvolvimento do Estado.

§ 1º - À Comissão Coordenadora competirá a ordenação e a institucionalização das programações organizadas pelas Comissões Executivas, visando a integração dos eventos. §

2º - A Coordenação Geral disporá de uma Coordenadoria Executiva que funcionará junto à Secretaria de Estado de Turismo e será dotada dos meios necessários ao desempenho das suas atribuições.

Art. 3º - A Comissão Coordenadora dos festejos do Biênio da Imigração, referida no art. 2º, terá a seguinte constituição:

a) os Secretários de Estado, o Chefe da Casa Militar, o Consultor Geral do Estado e o Procurador Geral da Justiça;

b) a convite, as autoridades e representantes a seguir relacionados, além de outros que a Presidência da Comissão Central venha a indicar:

- Prefeito da Capital do Estado;
- Decano do Corpo Consular acreditado junto ao Governo do Estado;
- Presidente da Liga de Defesa Nacional;
- Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul;
- Presidente da Associação Rio-Grandense de Imprensa;
- Presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul;
- Presidente da Federação das Associações Comerciais do Estado do Rio Grande do Sul;
- Presidente da Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul;
- Presidente da Associação dos Bancos do Rio Grande do Sul;
- Presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul;
- Representante dos Presidentes de Federações de Trabalhadores na Indústria do Rio Grande do Sul;
- Presidente da Federação dos Empregados no Comércio do Rio Grande do Sul;

- Presidente da Federação dos Empregados em Estabelecimentos Bancários do Rio Grande do Sul.

Art. 4º - Às Comissões Executivas incumbirá nas respectivas áreas: I - Proceder ao levantamento histórico do fato imigratório, planejar e estabelecer suas condições evocativas, setorizar e planificar comemorativos oficiais;

II - Estruturar as linhas básicas dos festejos, supervisionar e fiscalizar a execução do programa de comemoração da chegada dos imigrantes ao território estadual;

III - Promover entendimentos com autoridades federais, estaduais, municipais, diplomáticas e consulares; IV - Articular-se com comissões municipais e regionais instituídas com idêntica finalidade; V - Estabelecer intercâmbio com entidades interessadas no estudo, na pesquisa e na divulgação dos fatos que deram origem ao povoamento do solo sul-rio-grandense, das tradições, dos encontros e fusão de elementos culturais que marcaram com características inconfundíveis o meio físico e a paisagem humana deste Estado;

V - Promover e executar outras tarefas compatíveis com a natureza de suas atribuições.

Parágrafo único - A Coordenadoria Geral e as Comissões Executivas, para atendimento nas despesas a seu cargo, contarão com recursos que lhes forem destinados pelos poderes públicos, podendo ainda receber doações e contribuições de outras fontes.

Art. 5º - As Comissões Executivas funcionarão sob a forma de Subcomissões, assim relacionadas: a) Subcomissões de Festividades, encarregadas de organizar as comemorações sociais, esportivas e populares;

b) Subcomissões para Assuntos Históricos e Culturais, incumbidas da realização de estudos, trabalhos escritos, conferências, concursos e outros relacionados com o fato imigratório;

c) Subcomissões para Relações e Intercâmbio com os países de origem dos imigrantes, com vistas a benefícios econômicos, sociais e culturais recíprocos.

§ 1º - As Comissões Executivas serão constituídas de representantes de entidades públicas e privadas, e de personalidades ligadas às áreas de imigração.

§ 2º - Os membros das Comissões Executivas serão nomeados pelo Governador do Estado, que, no ato constitutivo designará os Presidentes, e, por indicação destes, os Secretários Executivos e Tesoureiros, escolhidos dentre os membros que as integrem.

§ 3º - As Comissões Executivas serão instaladas pelo Governador do Estado e realizarão reuniões plenárias, sempre que forem convocadas pelas suas respectivas Presidências, além de sua atividade permanentemente sob a forma de Subcomissões.

§ 4º - As Comissões Executivas poderão ainda constituir Subcomissões Auxiliares, destinadas a colaborar com as relacionadas nos itens a, b, e c do presente artigo.

Art. 6º - A Coordenação Geral poderá solicitar a designação de servidores estaduais e autárquicos para colaborarem no cumprimento de suas atribuições.

Art. 7º - O presente Decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

PALÁCIO PIRATINI, em Porto Alegre, 22 de abril de 1973.

(D.O. de 25.04.73 - v. Dec. 22.451 e 22.507/73).

## ANEXO B

FACCIONI, Victor. *Victor Faccioni*: depoimento. Entrevistadora: Tatiane de Lima. Porto Alegre. Janeiro de 2016.

**Tatiane** – Antes de começar eu gostaria de fazer uma autorização formal de que esta entrevista será usada para a escrita da minha dissertação. O senhor autoriza então?

**Faccioni** – Sim, tudo bem.

**Tatiane** – Minha primeira pergunta seria buscar entender o que foram as comemorações do Biênio, qual foi a grandiosidade deste evento pra época em que ele aconteceu, como podemos mensurar isso?

**Faccioni** – Olha, o Biênio da Imigração e Colonização do Rio Grande do Sul foi um fato marcante na história do estado, na história cultural do estado. Teve início com o Sesquicentenário da Imigração Alemã em São Leopoldo. Eu era Chefe da Casa Civil no período de 1970 – 1974 do governo do estado e era também Deputado Estadual. O Governador era o Euclides Triches, quando recebi em audiência uma comissão de São Leopoldo coordenadora dos festejos do Sesquicentenário da Imigração Alemã. Foram comunicar ao governo do estado a realização de um evento comemorativo e pediram apoio do governo. Eu disse que ia dar todo apoio, marquei uma audiência da comissão com o governador. Quando a comissão saiu eu fui verificar melhor as datas de todas as demais etnias e vi que no ano seguinte também os italianos e os poloneses iam comemorar, no ano seguinte aos alemães, ao Sesquicentenário dos alemães, então 51 anos depois da chegada dos alemães, os italianos e os poloneses. Então eu sugeri ao governador que se comemorasse toda etnia rio-grandense, ao ensejo destes três eventos. Inclusive por que do ponto de vista político eu entendi que a oposição poderia dizer que estávamos querendo festejar o nazi fascismo, Alemanha, Itália e Polônia, três países que haviam participado ou coordenado o nazi fascismo, onde seria implantado o nazi fascismo. Bem, então o governador concordou e elaborei um projeto de lei e mandei pra Assembleia criando o Biênio, dois anos de eventos promocionais da etnia rio-grandense, desde o índio ao português, pela ordem mais ou menos de chegada, ao português, ao africano, depois o italiano, o polonês, judeu, e assim os árabes, todas as etnias. Procuramos encontrar gaúchos que tivessem descendência de cada etnia e

formar as respectivas comissões coordenadoras de cada etnia, inclusive entidades como a Sociedade Judaica, e outras entidades que tem aí, ligadas a história da etnia do respectivo povo. Foram formadas comissões para todas essas etnias, desde o pioneirismo luso, o índio, a semana árabe, o período espanhol, os ingleses, os argentinos, da França, do Uruguai, Japão, Israel, e assim sucessivamente cada uma das etnias.

**Tatiane** – E essas pessoas que participavam das comissões elas eram escolhidas pelo governo do estado?

**Faccioni** – Não, foram escolhidas pela comunidade respectiva de cada área.

**Tatiane** – Que se sentiam representadas por aquelas pessoas...

**Faccioni** – Muitas destas comunidades tinham entidades culturais representativas. Eles indicaram e eu relacionei a indicação, e cada uma dessas etnias indicou quem dos seus membros iria presidir a comissão. Então tivemos uma comissão central da qual eu fui o coordenador. Depois cada etnia teve uma comissão própria. Eu como coordenador da central procurava o quê: compatibilizar o programa de uma etnia com a outra pra não se chocarem, não haver coincidência de datas de eventos, procurando que cada etnia tivesse no dia ou na hora a sua comemoração sem concorrência da outra etnia. Pelo contrário, as comissões coordenadoras de cada etnia eram convidadas oficiais para participar dos eventos de cada uma das etnias. Com isso nós trouxemos ao Rio Grande do Sul desde o Presidente da República para instalar estes eventos, o Ministro da Educação, outros ministros, como também autoridades estrangeiras. Vieram aqui diversas autoridades estrangeiras.

**Tatiane** – Então foi um evento bem grandioso, que movimentou o estado todo...

**Faccioni** – Exatamente. Ao final do evento nós publicamos um relatório do Biênio e o escudo do evento um conjunto de bandeiras, cada uma delas representando as respectivas etnias. Tem aqui o índice do relatório, “introdução, realizações, sentido do Biênio, decretos e atos relativos ao Biênio, normas e procedimentos, diversas comissões do Biênio, símbolo do Biênio e sua utilização, o Biênio como símbolo de integração, o ano de 1974, o pioneirismo luso, Sesquicentenário da imigração alemã, celebrações de outras etnias”, na página 17 todas as etnias.

**Tatiane** – A ideia central seria prestar uma homenagem em tom de agradecimento...

**Faccioni** – De agradecimento, de exaltação e de integração. Mostrar como a sociedade rio-grandense era formada pela integração de múltiplas etnias. Inclusive para com isto estancarmos qualquer raiz de racismo, ou coisa semelhante, mostrar que nós não éramos um estado de uma raça só, éramos um conjunto de raças, em integração étnica.

**Tatiane** – E a entrada dos negros e dos índios dentro de uma comemoração que tem como nome imigração e colonização.

**Faccioni** – Exatamente, imigração e colonização. Comemorando o *status quo*, a partir do *status quo*, então o índio foi, vamos dizer assim, o anfitrião dos eventos. Por coincidência o Secretário da Administração do estado na época, a mãe dele era descendente de índios, professor Oscar Machado. Então convidei ele para formar a comissão destinada aos índios e presidir a comissão. O Presidente da Assembleia Legislativa era um Deputado de origem africana, o Deputado Carlos Santos. Depois tivemos um governador de origem africana, o Governador Collares, descende de africanos também. Então, os eventos tiveram toda uma comemoração de integração e participação coletiva. Foram realizados concursos, enfim, nós publicamos um relatório síntese de todos os eventos.

**Tatiane** – Bom, o senhor falou das comissões que era uma coisa que me interessava bastante, como elas foram formadas, sobre os integrantes, a escolha deles... Havia essas comemorações que foram realizadas por estas comissões oficiais, mas eu não sei se o senhor tem conhecimento de que havia algumas comemorações que eu entendo como não oficiais, por exemplo, a dos italianos. Existia uma comissão que estava sediada em Caxias do Sul, mas na Quarta Colônia houve comemorações presidida pelo padre Sponchiado.

**Faccioni** – Tudo isso foi incluído na programação. O relatório evidentemente pode ter sido omissos com relação a um ou outro evento. Mas este é um relatório síntese, tem um relatório mais amplo, que eu tenho que ver onde ficou cópia exemplar deste relatório mais amplo, possivelmente no arquivo do Palácio Piratini do governo do estado. Eu tenho que ver quem integrou comigo a Comissão Executiva, não sei se aqui nesse relatório específica. Um dos coordenadores que participou muito ativamente, um dos meus auxiliares era o jornalista Oswaldo Goidanich, falecido. Então eu perdi com ele uma boa fonte de referência. Um outro que nos ajudou bastante foi o jornalista Hugo Hammes. Não sei se está vivo ainda o professor Ernesto Cross Valdez, é uma pessoa que pode dar muitas informações. O doutor Rui Rech que foi meu Sub-Chefe na Casa Civil também foi Vice-presidente da Comissão

Coordenadora. Aqui está o decreto que criou o Biênio: fica instituído... é o decreto 22.410, 1973.

**Tatiane** – Eu teria ainda uma pergunta, sobre o contexto histórico e social do Brasil e do Rio Grande do Sul nesses anos, de um período de governos militares, se ele influenciou na organização dessas comemorações.

**Faccioni** – Não. Influenciou positivamente, deram total apoio, não teve nenhuma restrição, muito pelo contrário.

## ANEXO C

**Tabela 1:** Programa Oficial promovido pela Comissão Executiva para celebrar o pioneirismo da colonização Luso-Brasileira, de maio a setembro de 1975.

*25 de maio* – Conferência pelo Professor Dr. Paulo Castro, Conselheiro Cultural da Embaixada de Portugal em Brasília, a efetuar-se no Auditório da Universidade às 19h.  
 - *21h*, “Uma noite Portuguesa”, com números de canto, piano e coral, na Escola de Belas Artes Heitor de Lemos da Unidade Artística da SMEC pelos alunos da mesma (organização e direção da Professora Anah Martensen).

*1º de junho* – à tarde, no Jockey Clube de Rio Grande, disputa do Grande Páreo “Portugal”, em homenagem à comunidade lusitana de Rio Grande, com entrega de prêmios especiais.

*5 a 14 de junho* – Radiodifusão de música portuguesa, através das estações locais.

-Exibição de documentários e filmes portugueses nos cinemas da cidade e possivelmente em estações gaúchas de TV (colaboração do Consulado de Portugal e Porto Alegre e do Secretariado da Emigração).

*7 a 14 de junho* - Exposição de peças de arte, documentos históricos, livros raros, quadros, toalhas, objetos antigos, filigranas, etc., de propriedade de famílias de origem portuguesa, bem como de “posters” e folhetos de interesse social e turístico, cedidos pelo Centro de Turismo de Portugal no Brasil e pelo Consulado de Portugal em Porto Alegre (coordenação geral da Sra. Alba Maria Pancada Vieira da Fonseca).

*8 de junho* – Às *11h*, inauguração de um Busto de Camões, no “campus” da Universidade de Rio Grande, doado pela comunidade lusitana, Centro Português e Soc. Portuguesa de Beneficência.

- Às *12h*, no Centro Português, almoço de confraternização luso-brasileira.

- Às *20h30min*, no Centro Português, coquetel e show com artistas portugueses, patrocinado pelas empresas brasileiras de participação portuguesa - Fertisul, Icisa e Leal Santos.

*9 de junho* – Às *15h*, visita à Sede da Soc. Riograndina de Auxílio aos Necessitados – SORAN, com a entrega de um donativo especial para assistência aos indigentes e menores abandonados.

-Às *16h*, visita à Biblioteca Rio-grandense e inauguração de um setor de leitura portuguesa moderna, com entrega de cerca de 400 livros doados pelas empresas mencionadas.

- Às *20h30min*, no Country Clube, jantar solene, oferecido às autoridades, à imprensa e a convidados especiais, com a presença do Cônsul de Portugal em Porto Alegre, do Dr. Poty Medeiros e doutras personalidades representativas.

*6 de setembro* – Grande desfile escolar, com bandas, trajes típicos, faixas e cartazes alusivos ao Biênio. Entrega de prêmios e diplomas aos alunos vencedores do concurso Ipitero-histórico sobre “A importância da presença portuguesa no Rio Grande do Sul”.

**Fonte:** Notas a imprensa sobre colonização portuguesa.

Localização: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. (AHRs).

Fundo: Biênio da Colonização e Imigração no Rio Grande do Sul, Caixa Arquivo C

## ANEXO D

**Tabela 2:** Programa Oficial promovido pela Comissão Executiva do Sesquicentenário da Imigração Alemã, de maio a dezembro de 1974, em São Leopoldo.

<p><b>MAIO</b></p> <p><i>Dia 3 – Sexta-feira</i> - Lançamento oficial da série Postal Etnia Brasileira, na Prefeitura Municipal. Coquetel na Sociedade Orpheu.</p> <p><i>Dia 4 – Sábado</i> - Baile do Chopp na Sociedade Guarani.</p> <p><i>Dia 9 – Quinta-feira</i> - 2º Centenário do nascimento do Visconde de São Leopoldo.</p> <p><i>Dia 11 – Sábado</i> - Jantar de Casais, na Sociedade Ginástica.</p> <p><i>Dia 12 – Domingo</i> - “DIA DAS MÃES” – Homenagem à Mãe Teuto-Brasileira mais idosa e maior número de filhos.</p> <p><i>Dia 18 – Sábado – 10,30 horas</i> - Desfile das candidatas à CINDERELA DO CALÇADO – Rua Independência. Almoço – Sociedade Ginástica. BAILE DA ESCOLHA DA CINDERELA DO CALÇADO – Sociedade Orpheu.</p> <p><i>Dia 25 – Sábado</i> - Reunião Dançante Jovem – Sociedade Ginástica. Baile Glamour Girl RGS – Sociedade Orpheu.</p>
<p><b>JUNHO</b></p> <p><i>Dia 1 – Sábado</i> - Baile de Casados – Clube de Bolão Feminino “9 de Novembro” – Sociedade Orpheu.</p> <p><i>Dia 8 – Sábado</i> - Jantar de Casais – Sociedade Ginástica. Escolha da RAINHA DO SESQUI de São Leopoldo – Sociedade Ginástica.</p> <p><i>Dia 15 – Sábado</i> - Gincana.</p> <p><i>Dia 16 – Domingo</i> - Continuação Gincana da Divulgação – Prêmios.</p> <p><i>Dia 19 – Quarta-feira</i> - Jantar Lions Scharlau – Posse Diretoria dos 10 anos.</p> <p><i>Dia 22 – Sábado</i> - BAILE SÃO JOÃO – Grêmio Sub-Tenentes e Sargentos.</p> <p><i>Dia 25 – Terça-feira</i> - Jantar Festivo Lions 25 de Julho.</p> <p><i>Dia 29 – Sábado</i> - Reunião Dançante, Sociedade Ginástica</p>
<p><b>JULHO</b></p> <p><i>Dia 06 – Sábado – 23,00 horas</i> - BAILE DA REMINISCÊNCIA – Soc. Ginástica.</p> <p><i>Dia 10 – 4ª feira</i> - Jantar da Integração – São Leopoldo com os ex-distritos.</p> <p><i>Dia 13 – Sábado</i> - Jantar de Casais da Ginástica.</p> <p><i>Dia 14 – Domingo – 10,30 horas</i> - Inauguração do 1º SALÃO DE ARTE FOTOGRÁFICA INTERNACIONAL – no ginásio do G.E. Visconde de São Leopoldo.</p> <p><i>Dia 15 - 2ª feira</i> - Início da SEMANA DE ESTUDOS MÉDICOS DO VALE DO SINOS.</p> <p><i>Dia 16 - 3ª feira</i> - continuação SEMANA DE ESTUDOS MÉDICOS.</p> <p><i>Dia 17 - 4ª feira</i> - continuação SEMANA DE ESTUDOS MÉDICOS.</p> <p><i>Dia 18 - 5ª feira</i> - continuação SEMANA DE ESTUDOS MÉDICOS.</p> <p><i>Dia 19 - 6ª feira</i> - continuação SEMANA DE ESTUDOS MÉDICOS</p> <p><i>Dia 20 – Sábado</i> Baile NAMORADA DE SÃO LEOPOLDO – S.R.U. Conclusão SEMANA DE ESTUDOS MÉDICOS. Baile de Homenagem à Imigração – Colégio Pedro Schneider. Baile Oficial Homenagem Rainha e Princesas do SESQUI – Sociedade Orpheu. Jantar Dançante – Grêmio Sub-Tenentes e Sargentos. Baile do Imigrante – Sociedade de Canto São Borja. Abertura Vitrines alusivas ao Sesquicentenário.</p> <p><i>Dia 21 – Domingo</i> 9,30 horas - Inauguração da EXPOSIÇÃO DE COLEÇÕES CURIOSAS. 10,00 horas – Inauguração “Imprensa Alemã no Rio Grande do Sul”. 10,30 horas – Inauguração Exposição de Arte – SESQUIARTE. Exposição de Artesanato e Exposição de Trabalhos Manuais na Sociedade Ginástica, com Coquetel.</p> <p><i>Dia 23 - 3ª feira</i> - 20,00 horas – Inauguração da Casa do Imigrante Alemão, no Museu Histórico Visconde de São Leopoldo.</p> <p><i>Dia 24 - 4ª feira</i> CONCERTO SCHWABEN INTERNACIONAL – Auditório do Colégio Sinodal.</p>

*Dia 25 - 5ª feira*

6,00 horas – Alvorada Festiva.  
 8,30 horas – Culto Comemorativo Especial na Igreja de Cristo.  
 10,00 horas – Réplica da Chegada dos Primeiros Imigrantes.  
 Pedra Fundamental do Monumento do Sesquicentenário.  
 Inauguração da Biblioteca Pública Municipal.  
 16,00 horas – Missa solene Pe. Reus.  
 Desfile de Tochas e Fogos.

*Dia 27 – Sábado*

22,00 horas – BAILE DO COLONO – Sociedade Mauá, Feitoria.  
 Reunião Dançante – Sociedade Ginástica.  
 10,00 horas – Lançamento da Pedra Fundamental do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo.  
 17,00 horas – Título Cidadão Leopoldense ao Dr. WERNER VON BEIME, Cônsul Alemão.  
 20,00 horas – Concerto HUNSRUECK, no Colégio Sinodal.  
 Carnaval de Inverno, na S.R.U.

*Dia 28 – Domingo*

15,00 horas – Grande Desfile Histórico.  
 20,00 horas – Festa da LUFTHANSA, na Sociedade Orpheu.  
 10,00 horas – Corrida Rústica de revezamento NH/SL.  
 19,00 horas – Concerto pelo organista HAASE, de Kiel, Alemanha, na Igreja de Cristo.

**AGOSTO**

*Dia 03 – Sábado* - Baile Miss Brotinho da Cruz Vermelha, Soc. Orpheu.  
*Dia 04 – Domingo* - Concurso de Bandinhas.  
*Dia 10 – Sábado* - Jantar de Casais, na Ginástica.  
 Baile dos Leões (Dia do Papai) Lions 25 de Julho – na Sociedade Orpheu.  
*Dia 11 – Domingo* - Exposição de Pássaros (a cargo do Clube Ornitológico do Rio Grande do Sul).  
*Dia 17 – Sábado* - KERB MUNICIPAL, na Sociedade Ginástica.  
*Dia 24 – Sábado* - FESTA DE JAHN, Sociedade Ginástica.  
 Gincana da Semana do Exército – Grêmio Sub-Tenentes e Sargentos.  
 Festival de Corais Universitários.  
*Dia 25 – Domingo* - continuação Festival de Corais Universitários.  
**DESFILÉ MILITAR.**  
*Dia 27 - 3ª feira* - ORQUESTRA DE SALZBURG.  
*Dia 31 – Sábado* - Chegada do Fogo Simbólico.

**SETEMBRO**

*DIA 01 – Domingo* - Semana da Pátria do Sesqui.  
*Dia 06 - 6ª feira* - Baile da Independência, na Sociedade Orpheu.  
*Dia 07 – Sábado* - Baile ESCOLHA DA NAMORADA DO RGS – Sociedade Ginástica.  
*Dia 08 – Domingo* - Namorada do RGS – Churrasco na Campestre do Orpheu.  
*Dia 12 - 5ª feira* - Simpósio Nacional da Imigração e Colonização Alemã, Auditório da Biblioteca Pública.  
*Dia 13 - 6ª feira* - continuação Simpósio.  
*Dia 14 – Sábado* - Simpósio.  
*Dia 15 – Domingo* - 11,00 horas – Inauguração do Busto Imperatriz Leopoldina.  
*Dia 21 – Sábado* - Noite de Artes – Sociedade Ginástica.

**OUTUBRO**

*Dia 04 - 6ª feira* - Noite das Nações.  
*Dia 05 – Sábado* - Baile GAROTA PEDRINHO Sociedade Ginástica.  
*Dia 11 - 6ª feira* - Congresso Anual dos Jornais do Interior –ADJORI.  
*Dia 12 – Sábado* - continuação Congresso.  
**FESTA DO DIA DA CRIANÇA.**  
*Dia 13 – Domingo* - Congresso Anual dos Jornais do Interior – ADJORI.  
*Dia 19 – Sábado* - Baile Debutantes, do Orpheu.  
 Baile da Primavera, Grêmio Sub-Tenentes e Sargentos.  
*Dia 26 – Sábado* - Baile Debutantes, Soc. Ginástica.  
*Dia 30 - 4ª feira* - Encontro dos MUSTERREITER (Caixeiros Viajantes).

**NOVEMBRO**

*Dia 10 – Domingo* - Grande Festa Popular do Chopp, em Praça Pública, a cargo de VS Promoções.

*Dia 16 – Sábado* - Olimpíadas do Banco do Brasil – RGSul.

*Dia 17 – Domingo* - Olimpíadas do Banco do Brasil – RGSul.

*Dia 20 - 4ª feira* - Sessão solene com jantar – 10 aniversário Lions Clube de São Leopoldo – Scharlau.

**DEZEMBRO**

*Dia 07 – Sábado* - Baile do Chopp – Lions Scharlau e SRU.

*Dia 14 – Sábado* - Garden Party – Sociedade GuaranY

*Dia 15 – Domingo* - 20,00 horas Iluminação Grande Árvore de Natal.

*Dia 21 – Sábado*

16,00 horas – “Hora da Saudade” – Corais, Extinção do Fogo Simbólico; Inauguração do Monumento com mensagem de encerramento SESQUICENTENÁRIO pelo Exmo. Sr. Governador do Estado. Banquete de Encerramento.

**Fonte:** Programa Sesquicentenário da Imigração Alemã. São Leopoldo.

Localização: Arquivo do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo.

Fundo: Sesquicentenário da Imigração Alemã.

## ANEXO E

**Tabela 3:** Calendário Oficial dos Festejos do Centenário da Imigração Italiana. Janeiro a Setembro de 1975.

<p><b>JANEIRO/1975</b></p> <p><i>DIA 07 – <u>PORTO ALEGRE</u></i> - Solenidade oficial de abertura dos festejos do Centenário da Imigração Italiana na sede do Palácio do Governo do Estado do Rio Grande do Sul.</p>
<p><b>FEVEREIRO/1975</b></p> <p><i>DIA 15 – <u>BENTO GONÇALVES</u></i> - Inauguração da FENAVINHO (Festa Nacional do Vinho, Exposição Industrial. Grandes Festejos Populares. Desfile). De 15 de fevereiro a 08 de março de 1975.</p> <p><i>DIA 16 – <u>CAXIAS DO SUL</u></i> - Inauguração da <u>Festa da Uva</u>. Grande Exposição Agrícola. Corso de rua com desfiles de carros alegóricos. De 16 de fevereiro a 15 de março.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Banquete oficial.</li> </ul> <p><i>DIA 17 – <u>PORTO ALEGRE</u></i> - Recepção oferecida pelo Senhor Governador do Estado do Rio Grande do Sul à delegação da Itália, presentes nas festividades.</p> <p><i>DIA ... – <u>FARROUPILHA</u></i> - Abertura da EXPOFAR – Exposição Agro-Industrial.</p> <p><i>DIA ... – <u>PORTO ALEGRE E CAXIAS DO SUL</u></i> - 1º Encontro Ítalo-Brasileiro de empresários.</p> <p><i>DIA ... – <u>PORTO ALEGRE E BENTO GONÇALVES</u></i> - Simpósio Ítalo-Brasileiro de Enologia</p> <p><i>DIA 10 – <u>PORTO ALEGRE</u></i> - Proclamação dos resultados do concurso do projeto para o Monumento do Centenário da Imigração Italiana e entrega dos prêmios.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Proclamação dos resultados do concurso de Monografias sobre a Imigração Italiana e entrega dos prêmios.</li> </ul> <p><i>DIA ... – <u>ENCANTADO</u></i> - Semana do Estudante do Município, com tema motivacional sobre a Imigração Italiana.</p>
<p><b>MAIO/1975</b></p> <p><i>DIA 03 – <u>ENCANTADO</u></i> - Semana de Encantado – com Exposição Agro-Pecuária e Industrial no Parque do Cinquentenário. De 03 a 10 de maio.</p> <p><i>DIA ... – <u>PORTO ALEGRE</u></i> - Curso analítico de História sobre a contribuição Italiana no Rio Grande do Sul. Local – PUC.</p> <p><i>DIA 19</i> – Inauguração da Exposição do Centenário da Imigração Italiana. Grandes Festejos Populares na área da Exposição. Espetáculos de músicas erudita, popular, cantos e danças folclóricas italianas. Festival de culinária e vinhos.</p> <p><i>DIA 20 – <u>DIA DO CENTENÁRIO</u></i> - Presença do PRESIDENTE DA REPÚBLICA, GENERAL ERNESTO GEISEL, bem como de autoridades italianas, especialmente da região do VÊNETO.</p> <p><b><u>NOVA MILANO</u></b></p> <p><i>9 horas</i> – Início das grandes festas comemorativas do Centenário.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Missa Campal celebrada pelo Cardeal Arcebispo de Porto Alegre, Dom Vicente Scherer, no local onde se fixaram os primeiros imigrantes italianos (ou Dom Cármino Rocco, Núncio Apostólico)</li> <li>- Espetáculo histórico reconstituindo a chegada dos primeiros imigrantes vindos da Itália e os episódios significativos dos seus dias iniciais no Brasil.</li> <li>- Ação de graças com a participação de corais e do povo em geral.</li> <li>- Revoada de pombos</li> <li>- Esquadria da Fumaça</li> </ul> <p><b><u>MEIO DIA</u></b> – grande almoço campestre de confraternização ao estilo da região colonial, com pratos típicos e vinhos, música e danças folclóricas e jogos populares.</p> <p><b><u>CAXIAS DO SUL</u></b></p> <p><i>15 horas</i> – Inauguração do Monumento Municipal do Centenário de Caxias do Sul.</p> <p><i>16h30m</i> – Te-Deum na Igreja de São Pelegrino e cerimônia de entronização da réplica da “Pietà”, de Miguel Ângelo, com a presença de Dom Cármine Rocco, Núncio Apostólico no Brasil, oferecida por sua Santidade, o Papa Paulo VI, como participação da Santa Sé, nas festas do Centenário. Inauguração das portas de bronze com motivos alegóricos à imigração, esculpidas e</p>

fundidas na Itália.

PORTO ALEGRE

20h30m – Recepção oficial do Centenário da Imigração Italiana, oferecida pelo Senhor e Senhora Governador do Estado, nos salões de festas do Palácio Piratini.

20h30m – Início do Festival da Canção Italiana.

DIA .. – PORTO ALEGRE, CAXIAS DO SUL, BENTO GOLÇALVES E PELOTAS

Exposição de artistas plásticos gaúchos, de descendência italiana.

Retrospectiva – Exposição Itinerante.

Abertura – Porto Alegre

Percursos – Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Pelotas

DIA ... – PORTO ALEGRE -- Espetáculo de marionetes e Espetáculo folclórico Italiano.

**JUNHO/1975**

DIA 02 – ENCANTADO Semana Ruralista, desenvolvendo atividades dedicadas aos agricultores de Município e Região. De 2 a 8 de junho.

DIA ... – PORTO ALEGRE - Concerto e Ciclo de Conferências de alto nível da História da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. Local – UFRGS.

DIA ... – PORTO ALEGRE - Teatro .

**JULHO DE 1975**

DIA ... – PORTO ALEGRE - OSPA – Ópera AIDA

DIA ... – GARIBALDI - Inauguração do Busto de Giuseppe Garibaldi em praça pública.

DIA ... – PORTO ALEGRE -

- Festival retrospectiva do cinema italiano.

- Exposição de livros, revistas e jornais de interesse da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul.

- Lançamento da ANTOLOGIA GERAL DE TEXTOS DE ESCRITORES GAÚCHOS de descendência italiana.

DIA ... – CAXIAS DO SUL - Simpósio de Estudos da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul.

Colaboração da Sociedade Brasileira para o Progresso das Ciências e Universidade de Caxias do Sul.

**AGOSTO/1975**

DIA ... – VERANOPOLIS - Inauguração do busto do escritor e poeta Mansuetto Bernardi.

DIA ... – ENCANTADO - Semana do Imigrante. Inauguração do Museu do Imigrante.

DIA 14 – PORTO ALEGRE - Lançamento da edição da Biblioteca de autores riograndenses de descendência italiana. Dez autores: Mansuetto Bernardi, Roque Gonzale, Arquimedes Fortini, Leonardo Truda, Vitor Russomano, Olinto Sanmartin, Ernani Fornari, Manoelito de Ornelas, De Souza Junior, Ernesto Pelanda.

**SETEMBRO/1975**

DIA 20 – NOVA MILANO - Grande festa de encerramento da programação oficial das comemorações, com a inauguração do Parque-Monumento do Centenário da Imigração Italiana.

**Fonte:** Calendário Oficial das Comemorações do Centenário da Imigração Italiana no RS.

Localização: Arquivo Histórico João Spadari Adami.

Fundo: Centenário da Imigração Italiana.